

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

LUCIANE CRISTINA DEL BEN DE SOUZA

**AS ESTRATÉGIAS DE RETEXTUALIZAÇÃO NA “ENTREVISTA DA 2ª” DO
JORNAL *FOLHA DE S. PAULO***

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO
2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

LUCIANE CRISTINA DEL BEN DE SOUZA

**AS ESTRATÉGIAS DE RETEXTUALIZAÇÃO NA “ENTREVISTA DA 2ª” DO
JORNAL *FOLHA DE S. PAULO***

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
Mestre em Língua Portuguesa, sob a orientação
da Professora Doutora Ana Rosa Ferreira Dias.

SÃO PAULO
2007

Banca examinadora

A meu marido Hoverter pelo apoio, companheirismo e paciência nos momentos difíceis, o meu amor e a minha gratidão.

NOTAS DE AGRADECIMENTO

À professora Ana Rosa Ferreira Dias, pela orientação cuidadosa e pela indiscutível amplitude de conhecimentos que me conduziu a reflexões pertinentes.

Aos professores doutores Dino Preti e Vera Lúcia Meira Magalhães pelas valiosas sugestões dadas a este trabalho.

Ao jornal *Folha de S. Paulo* pela significativa colaboração, disponibilizando o *corpus* que deu origem a esta pesquisa.

À amiga Sandra, pela constante e inestimável ajuda.

Aos meus pais, José Carlos e Evani, pela incessante preocupação.

“Não me permiti anotar o que realmente aconteceu na guerra com base no primeiro ou no melhor informante, nem “segundo a minha opinião”, mas fiz, com toda a minha nudência e a maior precisão, um relato de experiências pessoais e notícias de terceiros. Essa investigação foi difícil porque os depoimentos sobre os diversos fatos não foram todos descritos do mesmo modo, mas esmiuçados segundo seus pontos de vista ou da maneira como os lembraram.”

(Tucídides, História da Guerra do Peloponeso, I, 22 *apud* Kunczik: 2002)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apontar algumas estratégias lingüístico–discursivas utilizadas pelos jornalistas, na imprensa escrita, na transposição da entrevista transcrita para a entrevista publicada, para verificar em que medida tais estratégias podem servir de instrumento de manipulação de idéias. Para isso, utilizamos como suporte teórico os estudos desenvolvidos por Marcuschi (2004) acerca da relação fala-escrita, seguindo-se, em parte, o modelo das operações textuais-discursivas proposto pelo autor, e os estudos de Gomes (1995). No que concerne às mudanças oriundas da transformação do discurso direto em discurso indireto recorreremos às observações feitas por teóricos como Authier-Revuz (2001) e Maingueneau (1997, 2004), dentre outros. O *corpus* objeto de análise deste estudo é composto por uma entrevista concedida pelo historiador Luiz Felipe de Alencastro, em setembro de 2005, ao jornal *Folha de S. Paulo*. Os resultados obtidos confirmam que as estratégias utilizadas pelo jornal na transformação do texto transcrito para o texto publicado produzem alterações significativas no sentido dos enunciados, comprometendo dessa maneira, a essência do texto original, e configurando-se, por essa razão, em eficazes recursos de manipulação da notícia.

Palavras-chave: entrevista, jornalismo, retextualização.

ABSTRACT

The present work aims at pointing out some linguistic/discursive strategies used by written press journalists when rendering an oral interview into a written one, in order to verify at which level such strategies may be instrument of manipulation of ideas. With this purpose we have used as a theoretical support the studies developed by Marcuschi (2004) regarding the relationship between orality/writing, following, in part, the model of textual-discursive operations proposed by the author, and Gomes' studies (1995). Concerning the changes resultant from transforming direct into reported speech, we used the observations by theorists such as: Authier-Revuz (2001) and Maingueneau (1997, 2004), among others. The object of analysis of this study was an interview conceded by the historian Luiz Felipe de Alencastro in September 2005, to the newspaper *Folha de S. Paulo*. The results obtained sustain that the strategies used by the newspaper in the transformation of the transcribed matter into the published text produce significant changes in the meaning of statements, compromising thus, the essence of the original text, and such strategies become efficient resources of news manipulation.

Key words: journalism, interview, re textualization.

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo 1 – O MATERIAL DE PESQUISA.....	18
1.1 Considerações gerais.....	18
1.2 Os cadernos e os leitores da <i>Folha de S. Paulo</i>	20
1.3 A origem e os percursos do <i>Manual de Redação</i> do jornal	21
1.4 As “Entrevistas da 2ª”	22
1.5 A entrevista selecionada.....	24
1.6 O tratamento do <i>corpus</i>	27
Capítulo 2 – A ENTREVISTA.....	30
2.1. Considerações gerais.....	30
2.2. A entrevista como texto conversacional.....	31
2. 3 A entrevista como texto jornalístico.....	34
2.4 O processo interacional nas entrevistas telefônicas.....	37
Capítulo 3 – ESTRATÉGIAS CONVERSACIONAIS.....	44
3.1 Considerações gerais.....	44
3.2 O fator <i>envolvimento</i>	45
3.3 Marcadores conversacionais.....	45
3.4 Dêiticos.....	47
3.5 Atividades lingüísticas de reformulação.....	48
3.5.1 Paráfrase.....	48
3.5.2 Correção.....	51

Capítulo 4 – OS PROCESSOS DE RETEXTUALIZAÇÃO.....	53
4.1. Considerações gerais.....	53
4.2 Língua falada e língua escrita.....	54
4.3 Da fala para a escrita: a transcrição e a retextualização.....	57
4.4 As estratégias de retextualização na entrevista jornalística.....	60
4.5 O tratamento dos turnos.....	65
 Capítulo 5 – O CONCEITO DE DISCURSO E OS EFEITOS DE SENTIDO.....	67
5.1 Considerações gerais.....	67
5.2 O discurso relatado.....	67
5.3 O uso das aspas e o resumo com citações.....	69
 Capítulo 6 – ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	70
6.1 Entrevista telefônica: organização e descaracterização.....	71
6.2 Redução do Volume de Linguagem.....	73
6.2.1 Estratégia de eliminação.....	77
6.2.1.1 Eliminação de marcas da oralidade.....	78
6.2.1.1.1 <i>O fator envolvimento</i>	78
6.2.1.1.2 <i>Marcadores conversacionais</i>	80
6.2.1.1.3 <i>Dêiticos</i>	82
6.2.1.1.4 <i>Atividades lingüísticas de reformulação</i>	83
6.2.1.1.4.1 <i>A Paráfrase</i>	83
6.2.1.1.4.2 <i>A correção</i>	86
6.2.2.1 Eliminação informacional.....	87
6.2.1.2 Eliminação lexical.....	89
6.2.1.3 Eliminação sintática.....	90
6.3 Estratégia de Substituição.....	91
6.3.1 Substituição informacional.....	91
6.3.2 Substituição lexical.....	92
6.3.3 Substituição sintática.....	94
6.4 Estratégia de acréscimo.....	95

6.4.1 Acréscimo informacional.....	95
6.4.2 Acréscimo lexical.....	96
6.4.3 Acréscimo sintático.....	97
6.5 Estratégia de reordenação.....	98
6.5.1 Reordenação informacional.....	98
6.6 O tratamento dos turnos.....	99
6.6.1 Mudança do Discurso Direto para o Discurso Indireto.....	100
6.7 O resumo com citações.....	100
Considerações finais.....	108
Referências Bibliográficas.....	111
Anexos.....	115

INTRODUÇÃO

As transformações decorrentes da passagem da língua oral para a escrita envolvem fenômenos lingüísticos passíveis de distorções e manipulações.

No que concerne ao discurso jornalístico, essa transposição torna-se ainda mais complexa, já que a mídia exerce grande influência sobre a sociedade.

O crescente interesse pelo estudo do texto jornalístico deve-se ao fato do jornalismo ser considerado como uma prática social necessária, pois possibilita às pessoas o acesso à diversidade de eventos do mundo, desvinculadas do contato físico direto. Neste caso, pode facilitar a comunicação entre os mais distintos grupos da sociedade, contribuindo para a modificação dos significados que eles atribuem às coisas e, nesse sentido, colabora na transformação das crenças, dos valores e dos comportamentos dos indivíduos.

De acordo com Kunczik (2002), os processos sociais da moderna e complexa sociedade industrializada tornam-se cada vez mais incompreensíveis para as pessoas. Essa incompreensão resulta na dependência das experiências dos outros e das interpretações dos acontecimentos.

Em virtude disso, os meios de comunicação de massa configuram-se como uma instituição decisiva para a difusão dessas experiências, tendo assim a oportunidade de transmitir interpretações que dão sentido às complexidades e tornam compreensível o ininteligível.

Escolhemos como *corpus* de nossa pesquisa a entrevista jornalística. Dentre os motivos que nos levaram a esta escolha, está o fato da entrevista nos possibilitar tecer reflexões acerca da prática do jornalismo, ou seja, das

estratégias de ocultação e manipulação da notícia utilizadas pelo jornal ao substituir, acrescentar, eliminar e reordenar as informações. Sabemos que algumas dessas operações são inerentes ao processo de transformação da fala em escrita, e visam à idealização e regularização lingüísticas, outras são realizadas no intuito de atender às normas editoriais da empresa jornalística. Contudo, qualquer que seja a finalidade, essas transformações podem causar alterações no conteúdo informacional manipulando a notícia. A respeito dessa prática, Abramo adverte:

Nada mais atual do que a ocultação total, parcial ou de aspectos da realidade; a fragmentação nas edições; a inversão da relevância das informações ou a mais primitiva descontextualização dos acontecimentos – práticas observadas hoje em cada página do jornal diário, da revista semanal e nos noticiários das emissoras de rádio e de TV. (Abramo, 2003:19)

A partir de pesquisa bibliográfica sobre o tema, percebemos que seria relevante levantar alguns questionamentos, acerca das operações realizadas pelos jornalistas no momento de editoração das entrevistas, pois, segundo salienta Kunczik (2002), os meios de comunicação de massa podem ser considerados a base de um poder de persuasão, capaz de difundir uma interpretação da realidade com uma qualidade diferenciada própria.

Com isso, o discurso proferido durante as entrevistas pode sofrer distorções, influenciado por fatores externos — tais como a ideologia que domina a empresa, o público leitor a que se destina a notícia, e ainda, no que concerne às preferências lexicais e sintáticas do jornalista ao elaborar seu texto. Mesmo quando relata opiniões alheias, ele procede a uma nova seleção de termos e a uma construção sintática diferente da do autor.

Considerando a complexidade e a variedade da relação entre língua falada e língua escrita, nosso objetivo é investigar quais as estratégias utilizadas pelo jornal durante os processos de transformação da entrevista, do

texto transcrito para o texto publicado. Nesse sentido, cumpre-nos verificar o que foi suprimido pelo jornalista ao interpretar, substituir, emitir, selecionar itens léxicos, sintáticos, estilísticos, transformar discurso direto em indireto, ou seja, de que forma essas estratégias aferem a comunicação global do texto?

Com o intuito de responder ao questionamento levantado, abordaremos a caracterização da entrevista enquanto texto conversacional e como uma forma de apresentação do discurso jornalístico, para que se possa esclarecer suas características e os aspectos pertinentes à sua publicação (capítulo 2); à funcionalidade das estratégias discursivas utilizadas pelos falantes durante a conversação telefônica (capítulo 3); como se estruturam lingüisticamente os processos de transcrição e retextualização, com o intuito de compreendermos as modificações ocorridas na entrevista durante esses processos (capítulo 4); o uso do discurso relatado e a atribuição de autoria desse discurso (capítulo 5).

Para explicar problemas como esses, escolhemos como objeto de análise a entrevista jornalística impressa. A entrevista pode ser definida como uma prática situada nos alicerces de praticamente toda atividade jornalística, seja por meio da entrevista pingue-pongue (perguntas do entrevistador/respostas do entrevistado), ou utilizada apenas como material para reportagem.

Desejando dar ao assunto aqui proposto uma abordagem interdisciplinar, procuraremos, com o apoio teórico da Análise Conversação e da Análise do Discurso, encontrar explicações para os fenômenos lingüísticos que ocorrem na transformação da entrevista transcrita para a entrevista publicada.

Para tanto, escolhemos como *corpus* do presente trabalho a entrevista jornalística veiculada pelo jornal *Folha de S.Paulo*, denominada pelo diário como “Entrevista da 2ª”.

Após inúmeros contatos com a redação do jornal *Folha de S.Paulo*, tivemos acesso apenas à transcrição da entrevista, gravada no dia 15 de

setembro de 2005 e publicada no dia 19 do mesmo mês, tendo como entrevistado o historiador Luiz Felipe de Alencastro. Em virtude disso, nosso *corpus* é composto da entrevista transcrita e da entrevista publicada.¹

Os fenômenos lingüísticos decorrentes das estratégias de transformação da passagem do texto transcrito para o texto publicado são a base de nosso trabalho. Apoiados no modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito proposto por Marcuschi (2004), e nos estudos de Gomes (1995), pretendemos verificar as modificações que ocorreram em nosso *corpus* de análise.

No que concerne às mudanças oriundas da transformação do discurso direto em discurso indireto recorreremos às observações feitas por teóricos como Authier-Revuz (2001) e Maingueneau (1997, 2004), dentre outros.

Dessa forma, organizamos esta dissertação em seis capítulos. Os cinco primeiros abordam questões teóricas advindas da Análise da Conversação e da Análise do Discurso. No sexto capítulo, portanto, analisamos na entrevista jornalística que compõem o *corpus* desta pesquisa, a validade das teorias apresentadas nos capítulos anteriores.

No capítulo 1, tratamos do material de pesquisa. Destacamos inicialmente os motivos que nos levaram a analisar a entrevista jornalística, especificamente à veiculada pelo jornal *Folha de S.Paulo* (1.1). Em seguida (1.2), apresentamos, de forma breve, os cadernos veiculados pela *Folha de S. Paulo* e o perfil dos leitores do jornal. Em (1.3), mostramos a origem e o percurso do *Manual de Redação* do jornal. Já em (1.4), expomos um breve histórico sobre as “Entrevistas da 2ª”, ressaltando dessa forma, sua importância na mídia jornalística. Em seguida (1.5), referimo-nos especificamente à entrevista selecionada, apresentando o entrevistado em questão, os assuntos tratados na entrevista, além de ressaltarmos sua

¹ O jornal não disponibilizou a gravação da entrevista.

importância ao contexto político da época. Por fim (1.6), explicitamos o tratamento do *corpus*.

O capítulo 2 trata de questões teóricas que dão suporte ao desenvolvimento deste trabalho. Em (2.1), mencionamos o surgimento da entrevista denominada pingue-pongue na imprensa, além de destacarmos o que será tratado nos demais subcapítulos. A seguir (2.2), discorremos a respeito das características da entrevista enquanto texto conversacional. No item (2.3), buscamos expor as características da entrevista enquanto texto jornalístico. Finalmente, em (2.4) abordamos o processo interacional nas entrevistas telefônicas.

No capítulo 3, também dedicado às questões teóricas, tratamos das estratégias conversacionais. No item (3.1), apontamos as questões que a Análise da Conversação procura responder a fim de que se observem às estruturas e os mecanismos organizadores do evento conversacional. Já em (3.2), discorremos a respeito do fator *envolvimento*. Em (3.3), conceituamos um dos elementos típicos da fala, aqui denominados marcadores conversacionais, bem como sua importância na língua falada. Em seguida (3.4), expomos o conceito de dêiticos. Por último (3.5), enfocamos o estudo das atividades lingüísticas de reformulação, entre elas a paráfrase e a reformulação.

Já no capítulo 4, conceituamos os processos de retextualização da língua falada para a língua escrita. Para tanto, em (4.1), iniciamos as reflexões sobre a complexa operação de retextualização e seus efeitos de sentido no texto retextualizado. Em seguida, (4.2), mostramos as especificidades da língua falada e da língua escrita com o intuito de refletirmos sobre os processos de transformação ocorridos durante a retextualização. Para melhor compreendermos as estratégias utilizadas durante as transformações do texto transcrito para o texto publicado, distinguimos em (4.3), os processos de transcrição e retextualização. Em (4.4), apontamos os aspectos envolvidos nos processos de retextualização na entrevista jornalística. Finalmente em (4.5), apontamos o tratamento dos turnos.

No capítulo 5, discutimos sobre o conceito de discurso e os efeitos de sentido produzidos na sua modificação. No item (5.1), discorremos sobre a dificuldade de se conceituar o vocábulo discurso. Já em (5.2), embasados nas perspectivas teóricas advindas da Análise do Discurso, buscamos expor a noção de discurso relatado. Por fim, no item (5.3), tratamos de aspectos relacionados ao uso das aspas e ao resumo com citações.

No capítulo 6, dedicado à análise do *corpus*, diagnosticamos a descaracterização do gênero entrevista telefônica (6.1). Em (6.2) verificamos a redução do volume de linguagem resultante da retextualização da entrevista transcrita para a entrevista publicada, enfocando as estratégias de eliminação de marcas da oralidade, informacional, lexical e sintática. A seguir (6.3), examinamos, especificamente, as operações lingüísticas utilizadas na estratégia de retextualização denominada substituição. Em (6.4), focalizamos os acréscimos de itens informacionais, lexicais e sintáticos. No item (6.5), apontamos os aspectos envolvidos nos processos de reordenação tópica. Em seguida (6.6), mostramos as operações lingüísticas utilizadas no tratamento dos turnos. Já em (6.7), abordamos as estratégias do jornal ao produzir o resumo com citações. Por último, apresentamos nossas considerações finais.

O MATERIAL DE PESQUISA

1.1 Considerações gerais

Para realizar o objetivo da presente dissertação, escolhemos como *corpus* a entrevista jornalística. Dentre os motivos que nos levaram a esta escolha, como já explicitado no capítulo anterior, está o fato de a entrevista ser, segundo Medina,

uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes e outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. (Medina, 2002:08)

Procurávamos, em um primeiro momento, entrevistas com grande repercussão na mídia, com personagens importantes – com projeção no cenário político nacional -, que tratassem de temas da atualidade e, principalmente, as que nos possibilitassem o acesso às transcrições (transposição do texto oral para o texto escrito), material indispensável para analisarmos os processos de transformação do texto transcrito para o texto publicado.

Durante um longo período, acompanhamos as publicações de várias entrevistas nos principais jornais e revistas paulistas. As veiculadas às segundas-feiras pelo jornal *Folha de S.Paulo*, que inclusive possuem regularidade de publicação, chamou-nos a atenção por conterem os elementos que procurávamos, preenchendo assim, os requisitos elencados.

Em contato com a redação do jornal, tivemos acesso às transcrições de duas entrevistas publicadas, e optamos por uma delas por ter sido realizada por telefone, o que se configurou como um diferencial na realização dos objetivos desta pesquisa, pois, como nos esclarece Marcuschi,

nos telefonemas “o canal de contato é puramente lingüístico; todos os problemas devem ser resolvidos verbal e explicitamente; é uma das poucas conversações das quais se pode obter o início, o desenvolvimento e a conclusão integralmente”. De resto, trata-se de um evento para cuja realização devem primeiro ser conseguidas certas condições básicas, uma vez que não se dá face a face. (Marcuschi, 2003:54)

Ressaltamos que no contexto jornalístico, o telefone é um meio freqüentemente utilizado para a apuração de informações. E, em se tratando de entrevista, de acordo com Lage (2005), o telefone suprime algumas condições facilitadoras do contato interacional, tais como o ambiente controlado e a presença do outro, tornando imprescindível ao falante a utilização de estratégias discursivas, em detrimento da ausência da conversação face a face.

Vemos, portanto, que analisar na entrevista telefônica as operações lingüísticas que ocorrem na transposição do texto transcrito para o texto publicado, são aspectos que ressaltam a importância desta pesquisa, pois, “o jornal, ao chegar aos seus leitores, é o produto final de uma série de procedimentos de opção para os quais não existem normas, mas certamente convenções.” (Lippmann 1992 *apud* Kunczik 2002:20)

1.2 Os cadernos e os leitores da *Folha de S. Paulo*

O jornal *Folha de S. Paulo*² foi fundado em 1921 e tornou-se na década de 80, o mais vendido no país e é hoje o jornal brasileiro de maior tiragem e circulação nacional, (em 2005, a circulação média foi de 350 mil em dias úteis e 430 mil aos domingos). O crescimento foi calcado nos princípios editoriais do Projeto Folha: pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independência. Foi o primeiro veículo de comunicação do Brasil a adotar a figura do ombudsman (representante dos leitores dentro de um jornal) e a oferecer conteúdo *on-line* a seus leitores.

Ele se consolidou nessa posição durante a campanha pela redemocratização do país, em 1984, quando empunhou a bandeira das eleições diretas para presidente.

O jornal está organizado em cadernos temáticos diários e suplementos que possuem periodicidade semanal: “Folha Brasil”, “Folha Ciência”, “Folha Cotidiano”, “Folha Dinheiro”, “Folha Esporte”, “Folha Ilustrada”, “Folha Mundo”, “Folha Informática”, “Folha Equilíbrio”, “Folha Turismo”, “Folhinha”, “Folhateen”, “Mais!”, “Revista da Folha”, “Folha Veículos”, “Folha Construção”, “Empregos”, “Folha Negócios”, “Folha Imóveis”, “Guia da Folha” e “Sinapse”.

Dentre esses cadernos, os que possuem circulação diária, ou seja, de segunda-feira a domingo, são “Folha Brasil”, dedicado à vida política, institucional e aos movimentos sociais; “Folha Ciência”, notícias sobre as últimas descobertas e pesquisas mais recentes e importantes no Brasil e no mundo; “Folha Cotidiano”, que oferece ao leitor informações nas áreas de segurança, educação e direito do consumidor, além de trazer diariamente notícias relativas às principais capitais do país; “Folha Dinheiro”, que tem como alvo principal a conjuntura econômica brasileira e internacional, e o mundo dos negócios; “Folha Esporte”, trata o esporte como espetáculo e fenômeno empresarial. É atualmente um dos cadernos mais lidos da Folha; “Folha

² (<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/>> acesso em 30/03/2006)

Ilustrada”, dedicada à cultura e ao entretenimento; “Folha Mundo”, publica diariamente as principais notícias internacionais. Os demais circulam em dias diferentes e possuem periodicidade semanal.

A *Folha de S. Paulo* estima que o número de leitores seja aproximadamente 3 vezes a circulação do jornal. Ou seja, hoje em dia, 900 mil leitores nos dias de semana e 1,5 milhão aos domingos. Mas isso varia de acordo com a circulação.

Desse total, 50% são do sexo masculino e 50% do sexo feminino; em média, 42% pertenciam à classe A, 43% à classe B e 14% às CD.

Quanto à faixa etária dos leitores do jornal, de modo geral, 20% têm até 22 anos; 12% entre 23 e 29 anos; 36% entre 30 e 49 anos e 32% 50 anos ou mais.

1.3 A origem e os percursos do *Manual de Redação* do jornal

O *Manual de Redação da Folha de S.Paulo*³ foi criado em 1984 com o objetivo de traduzir em normas a sua concepção de jornalismo.

O texto não se limitava a impor regras gramaticais e padronizar a linguagem. Dava ao jornalista noções de produção gráfica, definia conceitos e servia como base para discussões no dia-a-dia da Redação.

Esse *manual* teve uma segunda edição, revista e ampliada, em 1987. Em 1992, a *Folha* editou o *Novo Manual da Redação*. Nele, as regras anteriores se flexibilizavam, admitindo nuances, deixando de lado uma padronização considerada intransigente.

³ Informações disponíveis no site
(http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_introducao_1.htm > acesso em 12/01/2007)

Duas comissões trabalharam no preparo desse volume. Da primeira, que se reuniu entre janeiro e julho de 1991, fizeram parte os jornalistas Carlos Eduardo Lins da Silva (coordenador), Caio Túlio Costa e Márion Strecker. O resultado quase enciclopédico foi retrabalhado e condensado por uma segunda comissão, formada pelos jornalistas Mario Vitor Santos (coordenador), Marcelo Leite e Hélio Schwartzman, de agosto a dezembro de 1991.

Numa série de reuniões posteriores, esta segunda comissão apresentou um projeto aos integrantes da Direção de Redação da Folha. Com a participação dos responsáveis pela Agência Folha, pela "Folha da Tarde" e pelo "Notícias Populares", esse projeto foi discutido verbete a verbete e finalmente aprovado.

1.4 As “Entrevistas da 2ª”

Segundo Ana Estela de Sousa Pinto, editora de Treinamento da *Folha de S. Paulo*⁴, as “Entrevistas da 2ª” tiveram início no dia 11 de novembro de 1991, uma segunda-feira, quando o jornal publicou no alto da primeira página um quadro com o título "Novidades da Folha". Entre as novidades, estava a chamada para uma entrevista feita por Eleonora de Lucena com Antonio Boralli, do Citibank. A entrevista foi publicada no caderno *brasil* na página 1-10 e tinha como título, apenas "Entrevista".

Na segunda-feira seguinte, dia 18 de novembro de 1991, era publicada na página 1-8 do caderno *brasil*, uma entrevista com Carlos Eduardo Moreira Ferreira, já com o título "Entrevista da Segunda" (escrito desse jeito mesmo). A partir daí, o material passa a ser publicado sistematicamente.

⁴ Informações disponibilizadas via e-mail para o presente trabalho, pela editora responsável pelo setor de treinamento da empresa, em 22 de março de 2006.

Segundo informações fornecidas pela mesma editora, não há um público alvo específico para essas entrevistas. Elas são feitas para o leitor que se interessa por informação geral, diversificada, de modo que os temas são bastante variados.

A jornalista acrescenta que as “Entrevistas da 2ª” constituem um espaço para entrevistas com temas atuais e relevantes, personagens importantes, que estejam bem feitas – segundo os padrões do jornal - e mereçam destaque.

O *Manual de Redação da Folha de S. Paulo*⁵ define como fato relevante “aquele que mais puder gerar conseqüências para o mundo, para a sociedade ou para a maioria dos leitores. Quanto mais inesperado, mais noticioso; quanto maior a força de quem está interessado em ocultá-lo, mais relevante ele é”.

Considerando as especificidades dessas entrevistas, a editora ressalta que o ideal é que elas sejam realizadas pessoalmente. Corroborando com essa afirmação, o *Manual de Redação* do jornal salienta que “entrevistas de maior profundidade exigem o contato direto entre jornalista e fonte”.

Contudo, a entrevista objeto de análise deste estudo, configura-se como uma exceção às orientações do jornal, já que foi realizada por telefone. Acreditamos, portanto, que essa exceção constitui-se como um aspecto pertinente à nossa pesquisa, pois além de propiciar um caráter de ineditismo em relação ao nosso *corpus*, nos possibilita a análise das estratégias discursivas diferenciadas utilizadas pelos interlocutores, durante o processo dessa atividade conversacional.

⁵ (<http://www1.folha.uol.com.br/fofha/circulo/manual_producao_introducao.htm > acesso em 18/07/2006)

1.5 A entrevista selecionada

A entrevista escolhida para análise foi realizada no dia 15 de setembro de 2005, por telefone, pela repórter do jornal, Flávia Marreiro e publicada no dia 19 do mesmo mês, no caderno *brasil*, na página A 13.

O entrevistado é o historiador Luiz Felipe de Alencastro, professor titular de história do Brasil da Universidade de Paris- Sorbonne (Paris IV) , autor dos livros “O Trato dos Vivos – Formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos 16 e 17” (2000) e “Rio de Janeiro – Cidade Mestiça” (2001) .

O assunto proposto pela jornalista ao entrevistado em questão foram as eleições internas no PT (Partido dos Trabalhadores). Um esclarecimento prévio, porém, se faz necessário, a fim de contextualizar o leitor desta pesquisa sobre os acontecimentos políticos: a crise interna pela qual passava o Partido dos Trabalhadores.

Vale destacar ainda alguns episódios que alavancaram essa crise do partido, entre eles o escândalo do “Mensalão” - nome dado ao esquema de compra de votos de parlamentares - durante o período de 2005/2006, no governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Na época, o então deputado federal e ex presidente do PTB Roberto Jefferson (envolvido em um escândalo de corrupção nos Correios), utilizou esse termo para se referir a uma suposta "mesada" paga a deputados para votarem a favor de projetos de interesse do Poder Executivo. Segundo o deputado, o termo já era comum nos bastidores da política entre os parlamentares para designar essa prática ilegal.

Dentre os envolvidos nessa prática, estavam vários integrantes do Partido dos Trabalhadores, entre eles, Delúbio Soares, ex-tesoureiro do PT, Gilberto Carvalho, chefe de gabinete do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, João Magno (PT-MG), João Paulo Cunha (PT-SP) deputado federal, ex-presidente da Câmara, José Dirceu, ex ministro da Casa Civil, José Genoíno, ex-presidente do PT, José Mentor (PT-SP), José Adalberto Vieira da Silva (PT-

CE), assessor do deputado José Nobre Guimarães, Josias Gomes (PT - BA), Juscelino Dourado, chefe de gabinete do ministro da Fazenda, Antonio Palocci, ex ministro da Fazenda, Luiz Gushiken, ex-dirigente da SECOM (Secretária de Comunicação), Paulo Rocha (PT-PA), deputado federal, ex-líder do PT na Câmara, Professor Luizinho (PT-SP), deputado federal, ex-líder do governo na Câmara, Raimundo Ferreira Silva Júnior, vice-presidente do PT no Distrito Federal, Silvio Pereira, ex-secretário Geral do PT, Wilmar Lacerda, presidente do PT no Distrito Federal e Waldomiro Diniz, assessor do ministro da Casa Civil José Dirceu.

As acusações do deputado Roberto Jefferson no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados culminaram no afastamento do então Ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, na instalação da CPI dos Correios e em várias acusações em seqüência. Diversas autoridades foram afastadas de seus cargos e outras tantas renunciaram aos mesmos, desde chefes e diretores de autarquias federais, até deputados.

Entretanto, outros acontecimentos também contribuíram para o aumento da crise interna no Partido dos Trabalhadores – a saída do ex ministro Tarso Genro, a debandada dos aliados do partido, a disputa interna paulista entre os então “pré-candidatos” ao governo do estado: Marta Suplicy e Aloizio Mercadante.

Com base nessas informações, cumpre-nos verificar, neste estudo, a maneira como elas foram publicadas, ou seja, de que forma esse contexto político foi apresentado pelo jornal ao leitor, pois como alerta Kunczik (2002: 90), os meios de comunicação de massa, “podem tornar compreensíveis os contextos políticos ou podem ofuscá-los, criando obstáculos para o seu discernimento”. Sendo assim, a informação transmitida por esses meios de comunicação torna-se sua própria realidade.

E ainda, Maingueneau (2004:73), adverte: “as condições ‘materiais’ da comunicação política transformam radicalmente os ‘conteúdos’ e as maneiras de dizer, a própria natureza do que se chama ‘discurso político’ e ‘política’”.

A entrevista em questão foi publicada na forma de perguntas e respostas (pingue-pongue), e exige, segundo o *Manual de Redação*⁶ do jornal,

texto introdutório contendo a informação de mais impacto, breve perfil do entrevistado e outras informações, como local, data e duração da entrevista e resumo do tema abordado. Eventualmente, algumas dessas informações podem ser editadas em texto à parte.

O mesmo *Manual*⁷ explica que “o jornalista deve decidir com seu superior por quanto tempo a gravação deve ser conservada”.

E ainda orienta:

O trecho com perguntas e respostas deve ser uma transcrição fiel, mas nem sempre completa, da entrevista. Selecione os melhores trechos. Corrija erros de português ou problemas da linguagem coloquial quando for imprescindível para a perfeita compreensão do que foi dito. Mas não troque palavras ou modifique o estilo da linguagem do entrevistado. Se relevantes, eventuais erros ou atos falhos do entrevistado podem ser destacados com a expressão latina sic entre parênteses. Restrinja o uso desse recurso. Recomenda-se ainda preservar a ordem original em que as perguntas foram feitas.

Foram publicados, de acordo com o próprio diário, apenas “os principais trechos” da entrevista, fator este que nos possibilitou constatar que foram selecionadas 13 perguntas e respostas das 61 realizadas pelo telefone.

Além das questões, o jornal também publicou textos de apoio, que segundo o mesmo *Manual* (2006:23), “são de caráter explicativo, didático e analítico, consistindo numa memória histórica dos fatos, utilizando-se de alguns

⁶(< http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_e.htm > acesso em 19/07/2006)

⁷ (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_g.htm> acesso em 29/08/2006)

recursos, dentre eles explicações didáticas e apresentação biográfica de personagens envolvidos na notícia”.

1.6 O tratamento do *corpus*

Como já mencionado neste estudo (1.1), não tivemos acesso à entrevista gravada, somente ao texto transcrito - cedido pela editora de treinamento do jornal -, e ao material publicado dias depois no jornal impresso e na internet.

Cabe-nos, dessa maneira, ressaltar, que a transcrição a que tivemos acesso não é apresentada com normas reguladas. O repórter seguiu parâmetros jornalísticos não padronizados.

Consideramos relevante salientar a importância de normas reguladas de transcrição para que se proceda a uma maior preservação da natureza do discurso. A esse respeito, lembramos as normas de transcrição do Projeto NURC/SP (Preti, 2001: 13-14). O *Projeto de Estudos da Norma Urbana Culta* (NURC) tem âmbito nacional com núcleos em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador. O projeto é coordenado em São Paulo pelos professores Dino Preti e Ataliba Teixeira de Castilho e tem como objetivo investigar a norma do português culto falado no Brasil.

Acreditamos que o fato de nossa entrevista não seguir às normas do Projeto NURC/SP configurou-se como elemento dificultador em nossas análises, já que algumas informações não são expressas por meio de palavras, mas pelas pausas, hesitações, alongamento das vogais, entre outros fenômenos que ocorrem na fala. Consideramos que tais fenômenos são relevantes na medida em que podem contribuir para um grau de fidedignidade maior à natureza do discurso.

Para ilustrar esse problema, acreditamos ser indispensável à referência às normas do Projeto NURC/SP.

No quadro a seguir encontramos essas normas:

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	no nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúsculas	porque as pessoas reTEM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r):: podendo aumentar para:::: ou mais	::podendo aumentar para :::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ... o dinheiro
Silabação	–	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- - -	... a demanda de moeda - - vamos dar essa notação - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira? A. fizeram lá... [B. cozinham lá?
indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ “	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por está: *tá?* você *está* brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.

4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa).
8. Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa, conforme referido na Introdução.

(Preti, 2001: 13-14)

Para melhor operacionalizar nossas análises, consideramos necessário proceder algumas alterações de caráter didático na entrevista transcrita cedida pelo jornal (ANEXO A): na primeira coluna do lado esquerdo acrescentamos a numeração das linhas (em intervalos de cinco linhas); em seguida, numeramos as questões da entrevista.

Quanto ao material escrito publicado, ele foi anexado ao presente estudo em quatro partes. Na primeira (ANEXO B), reproduzimos o conteúdo da entrevista veiculado pela *Folha* na internet e que corresponde à publicação da entrevista no jornal impresso. Na segunda (ANEXO C), acrescentamos ao texto veiculado pela *Folha* na internet a numeração das linhas na primeira coluna do lado esquerdo (em intervalos de cinco linhas) e a numeração das questões. Na terceira (ANEXO D), apresentamos a entrevista veiculada pelo jornal impresso. Por último (ANEXO E), elaboramos quadros comparativos formados por colunas, nas quais apresentamos, do lado direito, as questões transcritas da entrevista, do lado esquerdo, as questões retextualizadas, ambos antecidos da numeração das linhas. Empregamos o recurso do negrito para ressaltar os trechos da transcrição que foram utilizados na retextualização.

Denominaremos os interlocutores da entrevista como **AI** (Luiz Felipe de Alencastro) e **F** (jornalista da *Folha*).

Desse modo, comparamos a transcrição com a retextualização, analisando as estratégias de eliminação, substituição, acréscimo, reordenação e de tratamento dos turnos, todas elas explicitadas em nosso Referencial Teórico.

II

A ENTREVISTA

2.1. Considerações gerais

As origens da entrevista⁸ remontam a 1836, quando aparece, pela primeira vez na imprensa americana, declarações de uma mulher que dizia ter descoberto um assassino. O fundador do jornal norte-americano *New York Herald*, James Gordon Bennett, investiga a morte de uma prostituta e publica entrevista com Rosina Townsend, proprietária de um prostíbulo de Nova Iorque no qual ocorrera o assassinato. Os norte-americanos consideram esta a primeira entrevista pergunta-resposta publicada na imprensa.

Como podemos observar, a entrevista funciona como uma técnica para coleta de informações de fatos, acontecimentos, pensamentos e idéias. Os textos que denominamos notícia e reportagem são, portanto, resultados de inúmeras entrevistas. Entretanto, segundo Lage, essa palavra é ambígua, pois significa:

- a) qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo;
- b) uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público;
- c) a matéria publicada com as informações colhidas em (b). (Lage, 2005:73)

Neste estudo interessa-nos particularmente os itens b e c, pois é neles que podemos verificar os mecanismos utilizados pelo jornal e seus efeitos no conteúdo veiculado, durante o processo de transposição do texto transcrito para o texto publicado.

⁸ Informações disponíveis no site (<<http://www1.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd/grupos> > acesso em 13/05/2006). Trabalho apresentado por Thais Mendonça no II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho.

Trataremos dessa forma, neste segundo capítulo, da caracterização da entrevista enquanto atividade conversacional e como uma forma de apresentação do discurso jornalístico na materialidade impressa de jornais, com o objetivo de verificarmos as especificidades de uma prática profissional centrada no diálogo entre jornalista e fonte(s), aqui denominados entrevistador e entrevistado, para a obtenção de informações.

Esses assuntos tornam-se relevantes, nesta pesquisa, à medida que contribuem para situar a entrevista num contexto teórico mais amplo, contribuindo para uma melhor compreensão das operações envolvidas em seu processo de retextualização.

2.2. A entrevista como texto conversacional

A necessidade de se comunicar é intrínseca ao homem, que vive em permanente interação com a realidade que o cerca e com os outros seres humanos, dividindo sua visão de mundo e trocando experiências por meio de um sistema organizado por sinais: a linguagem.

De acordo com Marcuschi, (2003: 14), “a conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora.”

Além disso, ela “é sempre resultante de uma atividade interpessoal desenvolvida entre pelo menos dois indivíduos em situação face a face, dentro de uma configuração contextual de que fazem parte os entornos espaço-temporal e sócio-histórico que unem os participantes”. (Fávero, Andrade e Aquino, 1998:02)

Sabemos que há vários tipos de conversação, pois essa palavra, como nos esclarece Preti,

abrange um grande leque de atividades de comunicação verbal, desde as falas descompromissadas do dia-a-dia, até diálogos com temas pré-determinados, que podem, à medida que decorrem, ir-se modificando, em função das circunstâncias criadas pela própria interação.(Preti, 2002: 45)

A necessidade de conhecimentos comuns entre duas pessoas, entre eles a aptidão lingüística, o envolvimento cultural e o domínio de situações sociais, são fatores importantes, segundo Marcuschi (2003), para que se produza e se sustente uma conversação.

Prosseguindo em suas reflexões, o autor aponta cinco características básicas, constitutivas da atividade conversacional:

- (a) interação entre pelo menos dois falantes;
- (b) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
- (c) presença de uma seqüência de ações coordenadas;
- (d) execução numa identidade temporal;
- (e) envolvimento numa “interação centrada”.

(Id., p.15)

Essas características nos levam a concordar, assim como Gomes (1995), que as entrevistas são, de modo geral, uma forma de *conversação*, pois são interações verbais, que ocorrem durante um determinado espaço de tempo, tendo como personagens entrevistador (es) e entrevistado (s), empenhados no mesmo tema da interação, que alternam os turnos com perguntas e respostas.

Mas, para além disso, a entrevista apresenta especificidades que a separam dos demais textos conversacionais produzidos nas relações cotidianas, já que é uma conversação na qual o entrevistador tem como objetivo a apuração dos fatos sob o ponto de vista do entrevistado.

Sendo assim, pode ser considerada, segundo Marcuschi (2003), como um diálogo assimétrico. A esse respeito o autor esclarece :

- (a) *diálogos assimétricos*: em que um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer pressão sobre o (s) outro (s) participante (s).
- (b) *diálogos simétricos*: em que os vários participantes têm supostamente o mesmo direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer pressão sobre o (s) outro (s) participante (s). (Id., p.16)

Nessa linha de investigação, Fávero e Andrade (1999), consideram a entrevista como um diálogo de interação assimétrica porque cabe ao entrevistador escolher o tópico discursivo, a direção da conversação, quando interromper ou terminar, a distribuição dos turnos, o caráter contratual ou polêmico, entre outros.

No entanto, as autoras complementam:

o conceito de assimetria interacional está relacionado não só às funções dos interlocutores na situação comunicativa, mas principalmente a seus papéis sociais e as suas características individuais. Há casos em que a importância social do entrevistado leva à inversão do equilíbrio da entrevista: o entrevistado seleciona os tópicos e decide quando passar o turno. Por sua vez, há entrevistadores peculiares que dominam a entrevista e não deixam ao entrevistado nem mesmo os turnos que lhe são devidos. (Id., p.162)

Nos exemplos abaixo, Fávero e Andrade destacam em dois inquéritos do Projeto NURC/SP os papéis sociais que marcam as interações:

(5)

Doc: escute me conta uma coisa... essas peças que você representou você e seu grupo...
elas foram apresentadas assim em outras faculda:: dê:: em outros teatros em teatro
você já falou que já foram ... foram representadas ... mas eu quero saber se elas
foram representadas em outras faculdades?...se ELA foi representada em outras
faculdades?

(SP DID 161:64-70, p.39)

(6)

Doc: ahn eu gostaria que a senhora indicasse a. porque a senhora tem alguns livros publicados né? eu gostaria que a senhora dissesse alguma coisa...

(SP DID 242:46-48, p.149)

Como no primeiro exemplo, o informante é um jovem publicitário de 25 anos, solteiro. Fica evidenciado, como destacam as autoras, “a informalidade da entrevista e a igualdade de papéis sociais dos interlocutores (entrevistador e entrevistado)”. O mesmo já não ocorre no segundo exemplo, onde “as reiteraões de a senhora revelam diferenças hierárquicas nos papéis sociais dos participantes”. A entrevistada é uma bibliotecária, de 60 anos, solteira. (Id.,p.162)

Isso nos leva a concluir que a entrevista possui características determinantes de seu contexto de produção, e tende a variar dependendo de seus objetivos e de suas intenções.

2.3 A entrevista como texto jornalístico

O jornalismo se baseia e se sustenta numa dicotomia: a informação e a opinião.

A atividade informativa tem a atribuição de interpretar a realidade. Para isto, se vale de uma relativa racionalidade que se traduz na intenção de separar informação de opinião.

No jornalismo trabalha-se basicamente com matérias-prima de duas naturezas: objetiva (fatos, dados, fontes) e subjetiva (conceitos, idéias, versões).

Em tese, com exceção das matérias opinativas (editoriais, artigos de fundo etc.), a imprensa, de acordo com o mito da objetividade, deve colocar-se

numa posição neutra e relatar os fatos exatamente como ocorreram, deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões.

Na percepção de Kunczik (2002: 101), “a subjetividade e a reportagem feita com consciência não se contradizem. A objetividade significa simplesmente não distorcer nem suprimir os fatos.”

Tomando como base o *Manual de Redação da Folha de S. Paulo*,

objetividade para o jornalismo não é só a capacidade de permanecer impessoal diante de ações e decisões imediatas, mas é também os métodos de trabalho, os procedimentos operativos, estratégicos, impessoais, ritualizados para minimizar as incertezas impostas pelos prazos de fechamento da edição, pelos acontecimentos imprevistos, pelos desmentidos etc.

Vale destacar, ainda, que o jornalista convive no seu dia-a-dia com diversas informações, mas para que consiga produzir textos claros e precisos, precisa compreendê-los. Sendo assim, mais adiante, o mesmo *manual* esclarece:

não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém, da obrigação de ser o mais objetivo possível. Para relatar um fato com fidelidade, reproduzir a forma, as circunstâncias e as repercussões, o jornalista precisa encarar o fato com distanciamento e frieza. (Manual da Redação, 2006:46)

Poucas matérias jornalísticas apresentam-se sem a entrevista, por menor que seja a nota. A notícia certamente tem entrevistas como matéria-prima, seja por telefone, por e-mail ou ao vivo.

Faz parte do ofício do jornalista entrevistar – pois mesmo que não publique o relato de seu interlocutor, ele o entrevistou para ter acesso a alguma informação relevante que será utilizada na produção da matéria jornalística.

Porém, segundo esclarece o *Manual de redação* do jornal (2006:40), “a finalidade de caracterizar um texto jornalístico como entrevista é permitir que o leitor conheça opiniões, idéias, pensamentos e observações de personagem da notícia ou de pessoa que tem algo relevante a dizer.”

Relacionamos a seguir definições que apresentam características que enriquecem o conceito de entrevista jornalística.

Fábio Altman (1995: 25) diz que “a entrevista é a essência do jornalismo”. Segundo ele, “a entrevista transforma o cidadão comum em líder, dono da palavra, professor, uma pessoa incomum”.

Fávero e Andrade (1999:155) definem a entrevista, “como uma técnica eficiente na obtenção de respostas pré-pautadas por um questionário”.

Para Edgar Morin (1968: 29) a entrevista funciona como “uma comunicação pessoal, realizada com objetivo de informação”.

Entretanto, Garret (1974: 29) adverte que: “além de reconhecer a diferença entre os pontos objetivos e subjetivos, o entrevistador deve discernir muito bem a inutilidade e até mesmo o perigo de julgar a atitude das pessoas”, pois quando fazemos uma entrevista, de certa forma invadimos a privacidade do entrevistado.

Contudo, algumas especificidades do jornalismo podem comprometer os processos envolvidos durante uma entrevista, entre eles desatacamos: a urgência da impressão do jornal, da difusão da notícia, o imediatismo que é intrínseco ao jornalismo, o espaço reduzido, entre outros.

Acreditamos que, por tratar-se de uma técnica comunicativa naturalmente humana, social, ideológica e efêmera, isto é, mediada pelo sujeito da produção e da interpretação - indivíduo, empresa e suas relações, interesses e valores individuais, corporativos e empresariais, a entrevista pode

dessa forma, exercer forte influência nos efeitos de sentido produzidos durante os processos de transformação do texto transcrito para o texto editado.

A respeito dessa técnica e do modo como ela pode interferir nos conteúdos veiculados pelo jornal *Folha de S.Paulo* na “Entrevista da 2ª” utilizada como *corpus* desta pesquisa, trataremos oportunamente nesta dissertação sobre os processos de retextualização da fala para a escrita.

2.5 O processo interacional nas entrevistas telefônicas

Para melhor compreendermos a interação telefônica, cumpre-nos percorrer o conceito de interação.

A interação é resultado de um contexto onde os participantes do evento discursivo se relacionam e constroem juntos o texto, desempenhando segundo Brait (2003: 222) “papéis que, exatamente como numa partida de um jogo qualquer, visam a atuação sobre o outro.”

Preti (2002:45) explica que “o conceito de interação pode ser entendido em sociedade sob o ponto de vista da reciprocidade do comportamento das pessoas, quando em presença uma das outras, numa escala que vai da cooperação ao conflito.”

E ainda, concordamos com Goffman (1999:41), quando afirma que “quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo.”

Cabe-nos salientar, ainda, que a entrevista configura-se como atividade conversacional de caráter contratual e polêmico, já que entrevistador e entrevistado, “são ao mesmo tempo, cúmplices na tarefa de comunicação comum e oponentes na conquista desse mesmo receptor.” (Barros, 1991: 255).

Fávero e Andrade esclarecem que, enquanto atividade conversacional de caráter contratual,

os interlocutores buscam causar boa impressão na audiência, para isso tentam respeitar a fala do outro, costumam ceder o turno, evitam traços que demonstrem agressividade. Já no estilo polêmico, a interação pode apresentar inclusive a desqualificação de um dos interlocutores.(Fávero e Andrade, 1999: 157)

Ou seja, enquanto seres humanos desempenhamos papéis, que nada mais são do que nossas atitudes e comportamentos dentro do sistema social. Seja no papel social de pai, de mãe, de amigo ou de filho, o fato é que representamos esses papéis de acordo com o contexto em que estamos inseridos.

Para Brait (2003: 222), “a abordagem interacional de um texto permite verificar as relações interpessoais, intersubjetivas, veiculadas pela maneira como o evento conversacional está organizado”, permitindo assim, que reconheçamos os valores e ideologias dos indivíduos envolvidos nesse evento.

Portanto, nosso comportamento diante dos outros também pode variar de acordo com o papel que estamos representando no momento do evento conversacional.

Prosseguindo em suas reflexões, a autora conclui que, “para que se possa analisar o processo interacional na conversação é necessário considerar a situação, as características dos participantes da interação em foco e as estratégias por eles utilizadas durante o diálogo.”⁹ (Id., p. 2003: 219)

Os elementos apontados pela autora nos remetem à análise do contexto conversacional como um todo, pois cada discurso possui uma situação

diferenciada e com especificidades próprias, seja numa conversa informal com amigos, ou ainda, o que nos interessa particularmente neste estudo, as entrevistas jornalísticas telefônicas.

No que concerne à mídia, Thompson (2002:77), afirma que “com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a interação se dissocia do ambiente físico de tal maneira que os indivíduos podem interagir uns com os outros ainda que não partilhem do mesmo ambiente espaço-temporal”, como é o caso das entrevistas telefônicas.

Embora os participantes da entrevista estejam em lugares distintos, não podendo estabelecer, dessa forma, uma interação face a face, eles se utilizam de algumas estratégias para que a interação se instaure.

O autor desenvolve uma estrutura conceitual para analisar as formas de ação e interação criadas pela mídia. Ele destaca três tipos de interação:

- Interação face a face: acontece num contexto de *co-presença*; os participantes estão imediatamente presentes e partilham um mesmo sistema referencial de espaço e de tempo.
- Interação mediada: implicam o uso de um meio técnico (papel, fios elétricos, ondas eletromagnéticas, etc.) que possibilitam a transmissão de informação e conteúdo simbólico para indivíduos situados remotamente no espaço, no tempo, ou em ambos.
- Quase interação mediada: estabelecidas pelos meios de comunicação de massa (livros, jornais, rádio, televisão, etc.). Implica uma extensa disponibilidade de informação e conteúdo simbólico no espaço e no tempo – ou, em outras palavras, a interação quase mediada se dissemina através do espaço e do tempo. (Thompson, 2002: 78-79)

No quadro abaixo, Thompson resume as diferenças e semelhanças entre os três tipos de interação:

⁹ Grifos do autor

Quadro 1 – Tipos de interação

Características interativas	Interação face a face	Interação mediada	Quase-interação mediada
Espaço-tempo	Contexto de co-presença; sistema referencial espaço-temporal comum	Separação dos contextos; disponibilidade estendida no tempo e no espaço	Separação dos contextos; disponibilidade estendida no tempo e no espaço
Possibilidade de deixas simbólicas	Multiplicidade de deixas simbólicas	Limitação das possibilidades de deixas simbólicas	Limitação das possibilidades de deixas simbólicas
Orientação da atividade	Orientada para outros específicos	Orientadas para outros específicos	Orientadas para um número indefinido de receptores potenciais
Dialógica/monológica	Dialógica	Dialógica	Monológica

(Id., p.80)

Interessa-nos, sobretudo, o segundo tipo de interação, pois é nele que podemos verificar como se dá o processo interacional nas entrevistas jornalísticas realizadas por telefone.

A entrevista configura-se como atividade conversacional constituída num espaço de embate e confronto entre os participantes e segundo Fávero e Andrade,

embora em muitas entrevistas haja – a princípio – certa condição de igualdade (não existe qualquer hierarquia pré-estabelecida entre os participantes), a interação não se fixa apenas em cumplicidade e solidariedade, mas também em certa disputa, na medida em que os interlocutores fazem parte de um jogo de linguagem que se instaura através de um processo de negociações, trocas, normas partilhadas, concessões. (Fávero e Andrade, 1999: 159)

Entretanto, embora haja essa disputa, os participantes desse evento discursivo procuram alcançar o mesmo objetivo, o de convencer a audiência e com ela interagir, o que nos leva a concluir, assim como Barros (1991:257), que “entre entrevistador e entrevistado, qualquer que seja o tipo de entrevista, os laços interacionais são, por conseguinte, frouxos.”

A interação envolve elementos verbais e paralingüísticos. Como mencionamos anteriormente, a entrevista investigada neste estudo foi realizada por telefone, o que nos leva a concluir que os participantes desse processo interacional utilizaram-se de algumas estratégias discursivas diferenciadas para organizá-lo.

Koch (2003:182) apoiada nas idéias de Gumperz cita as pistas de contextualização, que são “os sinais verbais e não-verbais utilizados por falantes/ouvintes, na interação face a face, para relacionar o que é dito em dado tempo e em dado lugar ao conhecimento adquirido...”

Mais adiante a autora esclarece que entre essas pistas estão a “prosódia (entonação, acento de intensidade, mudanças de clave); sinais paralingüísticos como pausas, hesitações, sobreposições de turnos, tom e volume de voz; escolha do código ou do registro; formas de seleção lexical ou expressões formulaicas. Aqui entram também os gestos, expressões fisionômicas, movimentos de corpo ou dos olhos, que podem significar apoio, oposição, ironia ou sarcasmo, ênfase, aborrecimento etc.”

No entanto, no que concerne à conversação telefônica, Marcuschi (2003) esclarece que é comum encontrarmos, bem demarcadas, nesse tipo de conversação, três ‘partes’ estruturalmente diferentes, uma *abertura*, um *desenvolvimento* e um *fechamento*. A primeira é, em geral, o primeiro contato e se dá com as saudações (cumprimentos iniciais) para, em seguida entrar o desenvolvimento do(s) tópico(s) e, finalmente, as despedidas ou saídas do tema geral, culminando no fechamento.

Para exemplificar a validade das teorias, observemos os exemplos a seguir:

- Exemplo de abertura:

(24) L. A. M. – Recife – 1985

(Contexto: M. deseja falar com seu colega A.C., que está no hotel; a recepcionista atende.)

: ((telefone toca))

R: Hotel das Águas Mornas/ bom dia'

M: bom dia (+) eu queria falar com A.C.

(+) se ele está

R: um momento por favor

- Exemplo de fechamento:

(29) L. A. M. – Recife – 1984

(Contexto: J. telefona para D. e quer saber se D. já conseguiu os materiais que prometera.)

T1 J: tá bom D. (+) muito obrigado

D: [ok]

T2 J: e de qualquer modo você
continue a busca né "

T3 D: [certo e
quando eu tive eu tive alguma
coisa eu lhe comunico viu"

T4 J: você me telefona'

T5 D: lhe telefono'

T6 J: [é (+) tá bom
(+) então um abraço

T7 D: outro pra você

T8 J: [e obrigado

T9 D: de nada (+) tchau
((desliga o telefone))

(cf. Marcuschi, 2003: 54, 59 – 60)

Se essa mesma conversa tivesse sido realizada face a face, os recursos discursivos utilizados pelos interlocutores seriam outros. Note-se no trecho extraído do exemplo (29), que a simples confirmação de uma conversa que já

foi desenvolvida anteriormente pelos mesmos interlocutores, exige elementos discursivos diferenciados, por estar sendo realizada pelo telefone. A confirmação de D. por exemplo:

T3 D: [certo e
quando eu tive eu tive alguma
coisa eu lhe comunico viu”

T4 J: você me telefona’

T5 D: lhe telefono¹⁰

Numa conversação face a face essa confirmação poderia ser substituída por um meneio de cabeça, o que já seria suficiente para confirmar o retorno da ligação de D. para J.

Contudo, como se trata de uma conversação telefônica, onde os falantes estão em contextos situacionais distintos, as confirmações e repetições tornam-se elementos indispensáveis para o processo interacional. Os indivíduos envolvidos no processo são responsáveis pela manutenção e recuperação do contexto face a face. Caso eles não se utilizem desses recursos, não haverá “essa reciprocidade de papéis” característica do processo interacional.

III

ESTRATÉGIAS CONVERSACIONAIS

3.1 Considerações gerais

¹⁰ O grifo é nosso.

Sabemos que a língua escrita sempre ocupou *status* mais elevado que a língua oral entre gramáticos e estudiosos da língua portuguesa. Nos últimos anos, no entanto, sociolinguistas e analistas do discurso vêm se dedicando ao estudo da língua oral e sua interferência na escrita.

As perspectivas teóricas advindas da Análise da Conversação (AC) – disciplina que teve seu início na década de 60 -, tendem a observar as estruturas e os mecanismos organizadores do evento conversacional, de forma que se possa responder à questões do tipo:

como é que as pessoas se entendem ao conversar? Como sabem que estão se entendendo? Como sabem que estão agindo coordenada e cooperativamente? Como usam seus conhecimentos lingüísticos e outros para criar condições adequadas à compreensão mútua? Como criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais? (Marcuschi, 2003:7)

Dentre as muitas questões apontadas acima, interessa-nos particularmente neste capítulo as que possam esclarecer aspectos pertinentes à funcionalidade das estratégias discursivas utilizadas pelos falantes durante a conversação telefônica que compõem o *corpus* deste trabalho.

Para tanto, destacaremos a seguir, alguns mecanismos organizadores do evento conversacional, entre eles o fator de *envolvimento*; marcadores conversacionais; dêiticos e atividades lingüísticas de reformulação: correção e paráfrase.

3.2. O fator *envolvimento*

Um dos procedimentos mais comuns da língua falada é o fator do envolvimento. Dias (2003), apoiada nas idéias de Chafe (1982), esclarece que o *envolvimento* é uma qualidade característica da fala, por ser ela um reflexo

da natureza convulsiva do falante, ou seja, por ser espontânea e ocorrer num ambiente de interação social.

Rodrigues (2003), ainda na esteira de Chafe (1985), explica os tipos de envolvimento:

- o envolvimento dos interlocutores com o assunto da conversa;
- o do falante consigo mesmo ou ego-envolvimento;
- o do falante com o ouvinte, relacionado com a dinâmica da interação com outra pessoa.

Em virtude disso, conclui a autora, o envolvimento é característico da língua falada.

3.3 Marcadores conversacionais

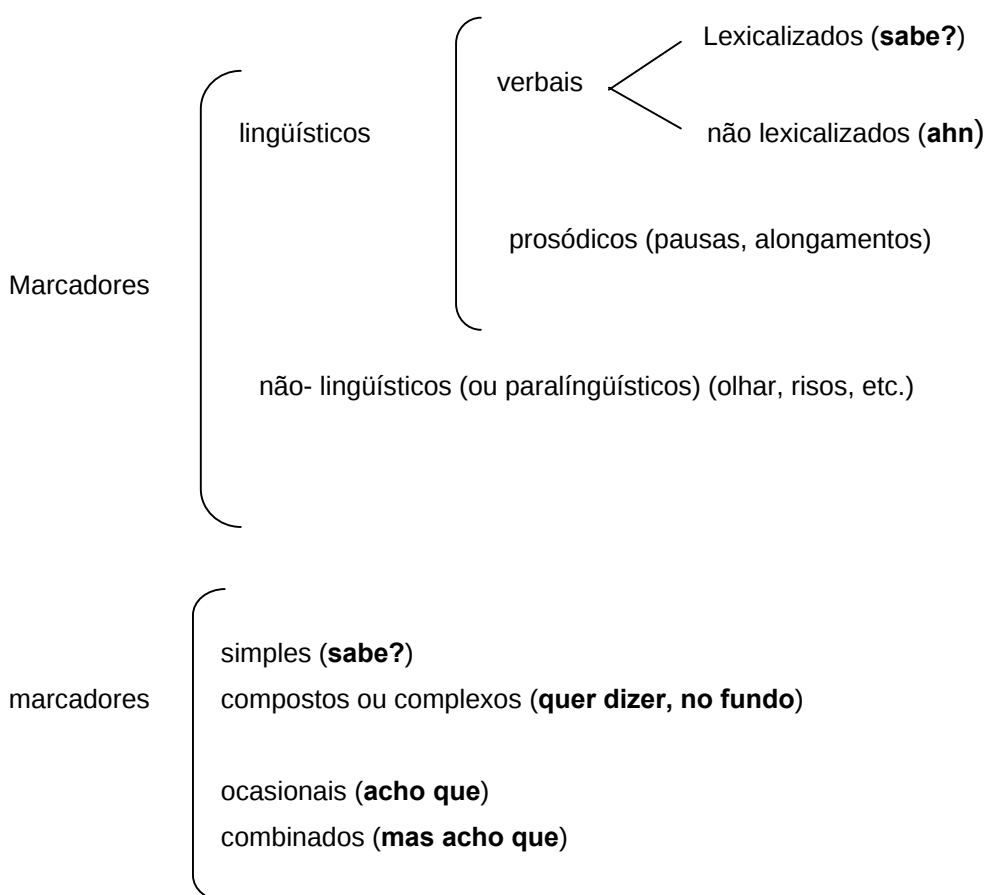
Por ser a fala uma modalidade da língua onde é necessária a presença dos interlocutores (real ou virtual) no momento em que o texto se concretiza, são utilizadas estratégias discursivas diferenciadas da língua escrita.

Essas estratégias são utilizadas para que se organize a conversação. Entre elas, destacamos os marcadores conversacionais que, segundo Marcuschi (*apud* Urbano 2003), podem ser conceituados como:

elementos típicos da fala, são de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomatidade e significação discursivo-interacional. Mas não integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto. São, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático.

Urbano (2003) ainda faz uma distinção dos marcadores quanto a seus aspectos formal ou estrutural, separando-os inicialmente em marcadores lingüísticos e não lingüísticos.

No esquema a seguir o autor apresenta, de forma mais clara, as subdivisões do aspecto formal dos marcadores:



Há, portanto, diversas possibilidades de análise e subdivisões dos marcadores conversacionais, denominados daqui pra frente “MC”. No entanto, como já ressaltado nesta pesquisa, não tivemos acesso à transcrição da entrevista jornalística sob análise, o que se configura como um elemento dificultador para nossa análise. Trataremos dessa forma nesta pesquisa de apenas algumas ocorrências que puderam ser verificadas na transcrição cedida pelo jornal *Folha de S.Paulo*.

3.4 Dêiticos

Maingueneau (2004), ao discorrer sobre a *ancoragem na situação de enunciação* classifica o conjunto de operações envolvidas neste processo como embreagem e embreantes.

Para o autor:

embreagem é o nome dado “ao conjunto das operações pelas quais um enunciado se ancora na sua situação de enunciação, e embreantes (também chamados de “elementos dêiticos”, “dêiticos”, ou, às vezes, “elementos indiciais” os elementos que no enunciado marcam essa embreagem.”

Maingueneau ainda classifica os elementos dêiticos em embreantes de pessoas, temporais e espaciais.

São embreantes de pessoas:

- os tradicionais “pronomes” pessoais de primeira e segunda pessoas: *eu, tu/você (s), nós, vós*.
- os determinantes *meu/teu, nosso/vosso, seu* e suas formas femininas e plurais; os pronomes *o meu/ o teu, o nosso/ o vosso, o seu* e suas formas no feminino e plural. (Id., p. 108)

Mas existem também outros embreantes, **temporais**¹¹ e **espaciais**, geralmente designados **dêiticos temporais** e **dêiticos espaciais**:

- as marcas de presente, passado e futuro acrescentadas ao radical do verbo, ou as palavras e grupos de palavras com valor **temporal** como *ontem, amanhã, hoje, há dois dias, dentro de um ano* etc., que têm como ponto de referência o **momento** de sua enunciação: *dentro de um ano* designa uma duração de um ano a partir do momento em que se fala; o advérbio *ontem* designa o dia anterior; *hoje* designa o próprio dia da enunciação.

¹¹ Grifos do autor.

- os emblemas **espaciais** são menos numerosos; eles se distribuem a partir do ponto de referência constituído pelo **lugar** onde se dá a enunciação: *aqui* designa o espaço onde falam os coenunciadores; *lá*, um lugar distante; *isso*, um objeto inanimado mostrado pelo enunciador etc. (Id. p., 108)

Em se tratando de entrevistas telefônicas, à recorrência aos dêiticos - formas lingüísticas cuja referência só pode ser determinada pelo contexto é fator de extrema relevância, já que os enunciadores, por estarem em ambientes físicos da enunciação distintos, precisam de elementos que sejam responsáveis pela ancoragem do enunciado na situação de enunciação.

3.5 Atividades lingüísticas de reformulação

3.5.1 Paráfrase

A conversação, enquanto forma de comunicação humana, envolve atividades de compreensão e processamento da informação. Muitas vezes, na tentativa de resolver problemas decorrentes dessas atividades lingüísticas, os participantes do evento conversacional precisam, ora corrigir um erro, ora repetir o que foi dito, ora explicitar o conteúdo de sua fala por meio de reformulações.

Em seu estudo sobre Procedimentos de Reformulação Hilgert (2003:128) considera a correção, a repetição e a paráfrase como atividades de reformulação de formulações anteriores, por elas constituírem “atividades de formulação textual quase sempre destinadas a solucionar os problemas que as deflagraram.”

No entanto, faz-se necessário, como esclarece o autor, fazer uma distinção entre essas atividades.

A paráfrase mantém como seu enunciado de origem uma **relação de equivalência**¹² semântica, ou seja, ela dele retoma, em maior ou menor grau, o conjunto de traços semânticos. Nesse sentido, a repetição pode ser considerada um caso-limite de paráfrase, na medida em que manteria com o seu enunciado de origem o grau máximo de equivalência semântica.

Na correção, ao contrário, a relação entre enunciado de origem e enunciado reformulador é de **contraste** semântico, uma vez que este anula, total ou parcialmente, a verdade daquele (...) (Id.,p.130-131)

A paráfrase é um texto que procura tornar mais claro e objetivo aquilo que se disse em outro texto. Portanto, é sempre a reescritura de um texto já existente, uma espécie de ‘tradução’ dentro da própria língua. É, segundo o autor, “um enunciado que reformula um enunciado anterior, mantendo com este uma relação de equivalência semântica.” (Id.,p.126)

Hilgert ainda explica as funções das relações parafrásticas sob três aspectos: o distribucional, o operacional e a semântica das relações parafrásticas.

Quanto à distribuição dos constituintes das relações parafrásticas, o autor sugere a seguinte classificação:

a) paráfrases adjacentes: que seguem imediatamente a matriz.¹³

Veja-se no segmento abaixo extraído do inquérito 62, bobina 20 – do PROJETO NURC/USP – SP a validação da teoria mencionada:

	L 1	porque realmente houve assim uma ::... uma fuga ... do engenheiro	
M	I	<u>da... da área de produção</u> ¹⁴ ...	
P	I	<u>dos laboratórios de experiência para...</u> para a ...	
	L 2	área administrativa	
	L 1	área administrativa...	(linhas 551-5)

¹² Grifos do autor.

¹³ O autor denomina “matriz” ao enunciado de origem e “paráfrase” ao enunciado reformulador.

¹⁴ Grifos do autor

b) paráfrases não adjacentes: só se manifestam mais adiante na seqüência textual.

- M** L 1 a situação do médico ... também é uma situação
difícil ... em termos de mercado de trabalho também
é uma situação difícil...
Hoje já está existindo também ... muita quantidade...
está existindo uma certa facilidade inclusive
parece que existe ... leis aí ... éh :: ... leis em
termos de fiscalizar essas escolas de Medicina
porque uma escola de Medicina tem que ter...
naturalmente um :: ... um hospital... tem que estar
ligada a um hospital para poder atender :: ...
atender as :: ... exigências do curso de Medicina
- L 2 do curso
- L 1 o médico hoje em dia ele está ... se sujeitando mui::to
a empre ::gos tal ... a situação do médico eu acho
que está bastante difícil

(linhas 648-61)

Mais adiante o autor complementa explicando:

As paráfrases adjacentes exercem funções locais na composição da trama conversacional, resolvendo tanto problemas de natureza especificamente interacional quanto problemas determinados pelo desdobramento temático-argumentativo do texto e pela busca de adequação vocabular na construção de enunciados.

Já as paráfrases não adjacentes funcionam como estruturadoras de tópicos conversacionais mais longos e abrangentes, na medida em que asseguram unidade a uma abordagem temática, demarcam diferentes etapas de seu desenvolvimento e lhe dão a conclusão necessária. (Id.,p.134)

Quanto a operacionalização nas relações parafrásticas, podem ocorrer as seguintes possibilidades:

a) o falante parafraseia seu próprio enunciado, identificando-se, neste caso, uma autoparáfrase;

b) um interlocutor parafraseia o enunciado produzido pelo outro, realizando-se, assim, uma heteroparáfrase.

E ainda, é preciso distinguir a produção em si da iniciativa da produção da paráfrase. A iniciativa da atividade cabe àquele que desencadeia o ato de parafrasear. Neste sentido, tem-se:

- a) uma paráfrase auto-iniciada, quando ela é desencadeada por quem a produz;
- b) uma paráfrase heteroiniciada, quando ela é desencadeada por um interlocutor e produzida por outro. (Id., p.134)

O autor ainda destaca outras possibilidades de análise das paráfrases na produção dos enunciados. No entanto, restringiremos nossas observações às ocorrências detectadas em nosso *corpus* de análise.

3.5.2 Correção

A correção deve ser entendida, segundo Barros (2003:158) “como um procedimento de reelaboração do discurso, com o fim de torná-lo mais ‘correto’ ou ‘adequado’”.

Para Fávero, Andrade e Aquino (1998:32) “a correção coloca-se como uma estratégia que possibilita a resolução de problemas interacionais que estão sendo criados, promovendo um dinamismo dessa atividade.”

Porém, há que se ressaltar que em determinados contextos de produção do discurso, torna-se muito complexo distingui-la da atividade de reformulação denominada paráfrase. Ambas as atividades lingüísticas funcionam como mecanismos de reformulação do enunciado e tem entre outros objetivos, o da intercompreensão no diálogo.

A autora esclarece mais adiante, que uma das possibilidades de diferenciar esses atos de reformulação textual é por meio da organização mais global da conversação, onde é possível, “na maior parte das vezes, definir se o

objetivo da reformulação foi marcar a intenção do locutor com uma diferença de sentido, na correção, ou assinalar essa intenção, por reforço, com a paráfrase. (Id.,p.157)

Para exemplificar a teoria acima, a autora utiliza-se de um exemplo extraído de um diálogo entre dois informantes do Projeto NURC/SP (Inquérito 333, linhas 534 a 697) (Castilho e Preti,1987:234-64):

- 1) que fo/ do:: daquele menino (linhas 562-3)

- 2) L2 e:: e:: e **Ponteio** é uma música maravilhosa
 aliás uma coisa linda... (linhas 583-5)

Barros (Id.,p.156-7) salienta que há no primeiro exemplo um caso de correção da preposição “do” por “daquele menino” que estabelece uma relação de contraste, há a ocorrência de traços semânticos opostos ou contrários.

Já no segundo exemplo, há uma grande quantidade de traços semânticos entre o enunciado reformulador “uma música maravilhosa” e sua reformulação “uma coisa linda”, o que evidencia tratar-se de uma paráfrase.

Cabe-nos ressaltar, no entanto, que não é relevante para nosso estudo fazer a distinção entre a paráfrase e a correção, mas sim apontar o que a eliminação dessas estratégias conversacionais provocou no sentido do enunciado.

IV

OS PROCESSOS DE RETEXTUALIZAÇÃO

4.1. Considerações gerais

As modificações ocorridas durante os processos de transposição do texto transcrito para o texto publicado podem ser, como já explicitado, neste estudo, complexas e subjetivas, pois,

para dizer de outro modo, em outra modalidade ou em outro gênero o que foi dito ou escrito por alguém, devo inevitavelmente *compreender* o que foi que esse alguém disse ou quis dizer. Portanto, antes de qualquer atividade de transformação textual, ocorre uma atividade cognitiva denominada *compreensão*. (Marcuschi, 2004:47)

Entendendo a compreensão como uma atividade que envolve critérios muitas vezes subjetivos, acreditamos, assim como Maingueneau (2004:29) que, “*a priori* nunca há uma *única* interpretação possível para um enunciado e é preciso explicar quais os procedimentos do destinatário para chegar a mais provável, que será aquela que se deve preferir em tal ou qual contexto.”

Alguns estudos sobre a retextualização¹⁵ merecem ser destacados nesta pesquisa. Gomes (1995: 46), cita os trabalhos de Cortelazzo (1985) “que analisou a variação existente entre o discurso oral de um parlamentar italiano com sua versão escrita (estenografada por funcionários da Câmara dos Deputados), e de Alves (1992) que, examinando depoimentos que ocorrem em audiências de instrução e julgamento da Justiça de Pernambuco, identificou discrepâncias no plano do conteúdo entre depoimento oral e registro escrito.

Procuraremos expor neste capítulo como se estruturam linguisticamente os processos de transcrição e de retextualização, possibilitando-nos uma reflexão acerca das modificações ocorridas no texto durante esses processos.

Para tanto, cabe-nos mostrar as especificidades do texto oral e do texto escrito para que se possa compreender esses processos que envolve as duas modalidades da língua.

4.2 Língua falada e língua escrita

¹⁵ De acordo com Marcuschi (2004), essa expressão foi empregada primeiramente por Neusa Travaglia (1993) em sua tese de doutorado sobre a tradução de uma língua para outra.

A língua oral e a língua escrita são duas instâncias diferentes da linguagem, que por sua vez, apresentam características próprias.

Durante muito tempo se pensou e se disseminou a superioridade da escrita sobre a fala, pensando na questão de que a fala é algo natural, inerente ao homem, e a escrita passa por um processo de aquisição.

Segundo Dias (2003:54), até recentemente, estudava-se a língua falada “a partir de parâmetros da língua escrita, havendo, inclusive, certo preconceito dos estudos lingüísticos em relação à fala que, de modo geral, era vista como o lugar das imperfeições e das incorreções.”

A esse respeito, lembramos Marcuschi (2004:27) quando aponta a “perspectiva das dicotomias, na sua forma mais rigorosa e restritiva”, assim formuladas no quadro abaixo:

Quadro 2. Dicotomias estritas

fala	versus	escrita
contextualizada		descontextualizada
dependente		autônoma
implícita		explícita
redundante		condensada
não-planejada		planejada
imprecisa		precisa
não-normatizada		normatizada
fragmentária		completa

Os estudos recentes da língua nos mostram que essa dicotomia já não se faz mais presente. Embora o discurso oral tenha valor social diferenciado do discurso escrito, cada um deles tem sua relevância cultural, social e histórica. Ambos desempenham funções importantes na sociedade e se articulam em um sistema integrado de trocas contínuas.

O quadro que segue pode exemplificar a validade da nossa teoria:

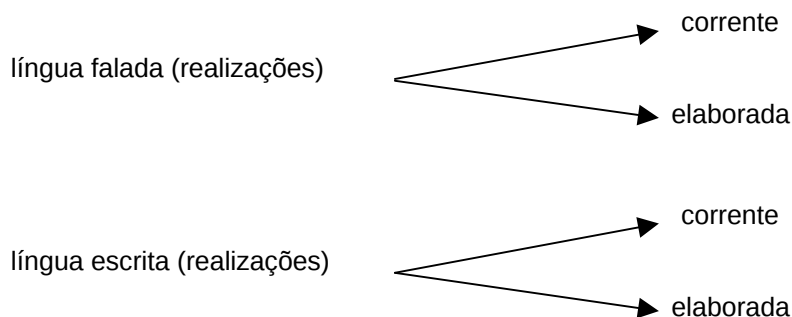
Quadro 3. A perspectiva variacionista

fala e escrita apresentam

Podemos observar, portanto, que ambas (fala e escrita) fazem parte do mesmo sistema da língua e apresentam, como esclarece o autor, “um *continuum de variações*, ou seja, *a fala varia e a escrita varia*. Assim, a comparação deve tomar como critério básico de análise uma relação fundada no *continuum* dos gêneros textuais para evitar as dicotomias estritas.”(Id.,p.42)

Essa forma de entender a linguagem tem modificado a visão tradicional a respeito do tema, que acabava por estabelecer características rígidas que distanciavam a linguagem oral da escrita.

A respeito da relação oral/escrito, Catach propõe que se faça pelo menos duas grandes distinções no plano dos discursos:



(Catach, 1996:87)

Com isso, salienta Marcuschi (2004:68), “desfaz-se o mito de que a fala é o *locus* da informalidade e a escrita, o da realização formal da língua. O certo é que formal/informal, tenso/distenso, controlado/livre, elaborado/solto etc. são *usos* e não atributos da língua.”

Considera-se que entre elas há diferenças de estrutura, porque diferem nos seus modos de aquisição, nas suas condições de produção, transmissão, recepção e uso.

Entretanto, embora a língua falada e a língua escrita possuam formas próprias de organização e suas próprias regularidades, têm em comum a maior parte dos fenômenos gramaticais, não sendo as formas divergentes em número suficiente para que se considere a existência de dois sistemas, pois como bem observa Rey- Debove (1996: 88), oralidade e escrita são “duas *variedades universais* de uma única e mesma língua”.

Isto posto, cabe-nos ressaltar que cada modalidade da língua possui suas próprias especificidades, e interessa-nos particularmente às que possam nos auxiliar na compreensão das mudanças que ocorrem durante a retextualização da modalidade falada para a escrita.

A esse respeito, Rey-Debove explica:

a fala apresenta-se com todos os caracteres extralingüísticos ligados a uma produção personalizada; a escrita, pelo contrário, é na maioria das vezes neutralizada e perde os caracteres extralingüísticos de sua produção, nem que seja por isso perdida a origem do texto. (Rey-Debove, 1996:78)

A escrita permite ao homem transcender à situação imediata da fala e, diferentemente desta, se deixa refazer. Esse processo de refacção é praticamente impossível na fala, uma vez que o dito, depois de processado pelo ouvinte, dificilmente pode ser retificado de forma eficaz.

No momento da construção do texto – seja ele escrito ou falado – o autor hesita, corrige-se, volta atrás, antecipa uma idéia, troca a ordem do que foi dito, repete-se, arrepende-se da escolha de uma palavra e sai em busca de outra mais específica, complementa-se, interrompe uma estrutura para recomeçar de outra forma.

Essas marcas lingüísticas ficam evidentes no texto falado, já ao escrevermos,

dispomos de mais tempo que na conversação. Podemos voltar atrás corrigindo os equívocos, eliminando passagens supérfluas, refazendo o estilo e polindo o texto. O leitor só recebe a versão final. Na conversação o tempo é real, e tudo o que se fizer é definitivo. (Marcuschi, 2003:28)

Contudo, embora haja diferenças entre fala e escrita, verificamos que ambas se dão num *continuum* lingüístico, o que nos leva à conclusão de que podemos encontrar marcas da oralidade na escrita e marcas da escrita na oralidade, e que o processo de retextualização da fala para a escrita deve levar em consideração as especificidades e as interpenetrações que são possíveis durante essa transposição.

4.3 Da fala para a escrita: a transcrição e a retextualização

A transformação da língua falada para a língua escrita envolve operações de natureza cognitiva, que podem interferir no sentido do texto, alterando seu significado, produzindo um outro efeito de sentido, pois, segundo Rey-Debove,

embora a língua falada e a língua escrita tenham, cada uma, sua personalidade e apresentem, em todos os níveis, diferenças de estratificação do signo, pela transcodificação, tais diferenças são reduzidas ao mínimo e as noções de língua falada e de língua escrita se interpenetram. (Rey-Debove, 1996:79)

Diante do exposto, cabe-nos esclarecer uma importante diferença entre dois processos lingüísticos distintos, a transcrição e a retextualização.

Transcrever a fala é passar de um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados. Seguramente, neste caminho, há uma série de operações e decisões que

conduzem a mudanças relevantes que não podem ser ignoradas. Contudo, as mudanças operadas na transcrição devem ser de ordem a não interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. Já no caso da retextualização, a interferência é maior e há mudanças mais sensíveis, em especial no caso da linguagem. (Marcuschi, 2004:49).

As atividades de transcrição da fala para a escrita seguem normas que objetivam a não interferência no conteúdo do discurso, o uso de sinais gráficos padronizados, representativos da língua falada, porém, segundo adverte Rey-Debove (1996), durante a transcrição de uma fala, há a ocorrência de numerosos problemas que impossibilitam que ela seja restabelecida com exatidão.

Sendo assim, não podemos conceber a transcrição como um ato mecânico de passar para o papel o discurso gravado do informante, pois os elementos paralingüísticos como os silêncios, os gestos, os risos, a entonação da voz, os movimentos do corpo, são parte integrante da atividade conversacional face a face e devem ser, de alguma forma, recuperados no ato da transcrição.

Para Marcuschi, “a transcrição representa uma passagem, uma *transcodificação* (do sonoro para o grafemático) que já é uma *primeira transformação*, mas não é ainda uma retextualização.” (Marcuschi, 2004: 51)

Sendo assim, faz-se necessário conceituar a retextualização, tal como será tratada neste trabalho. Para Marcuschi,

a retextualização não é um processo mecânico, já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos da relação oralidade-escrita.(Id.,p.46)

Ou seja, durante esse processo haverá sempre a interferência do responsável pela transcodificação do texto e, como sustenta Rey-Debove (1996:88), trata-se de um processo que “deixa restos intraduzíveis e é preciso adaptar.”

Trazendo a discussão para o tema desta dissertação, podemos verificar que uma entrevista passa por diversos processos de retextualização, de acordo com o seu objetivo principal.

Para validarmos essa teoria, tomemos como base o respectivo quadro abaixo:

Quadro 5. Possibilidades de retextualização			
1. <i>Fala</i>	<i>Escrita</i>	(entrevista oral	entrevista impressa)
2. <i>Fala</i>	<i>Fala</i>	(conferência	tradução simultânea)
3. <i>Escrita</i>	<i>Fala</i>	(texto escrito	exposição oral)
4. <i>Escrita</i>	<i>Escrita</i>	(texto escrito	resumo escrito)

(Id., p.48).

Neste estudo, serão investigadas apenas as operações presentes nos processos de retextualização da alternativa (4) apontada no quadro 5: passagem do texto escrito para o resumo escrito.

Lembramos, novamente, que não tivemos acesso à gravação oral da entrevista objeto de análise desta pesquisa, portanto, restringiremos nossas análises apenas à transcrição e sua transformação em edição final.

A transcrição da entrevista em questão, como já mencionado anteriormente, não segue as regras do Projeto NURC, mas ainda assim, preserva algumas características, que por sua vez não são reguladas. Acreditamos que a ausência dos sinais gráficos pode comprometer, de certa forma, a recuperação do contexto conversacional falado, tornando ainda mais complexo o processo de retextualização.

4.4 As estratégias de retextualização na entrevista jornalística

A entrevista jornalística passa por algumas etapas. Entre elas destacamos a elaboração da pauta, a escolha do entrevistado, a realização e a publicação. Porém, há que se ressaltar que entre essas etapas estão presentes mecanismos de compreensão e interpretação utilizados pelo jornalista.

O papel da imprensa é informar e por isso não poderá fugir dos entraves que ocorrerão nas entrevistas. Embora seja de responsabilidade do repórter a edição da entrevista, é importante considerar que o sentido das palavras varia com a situação, com o contexto e com a intenção de quem fala.

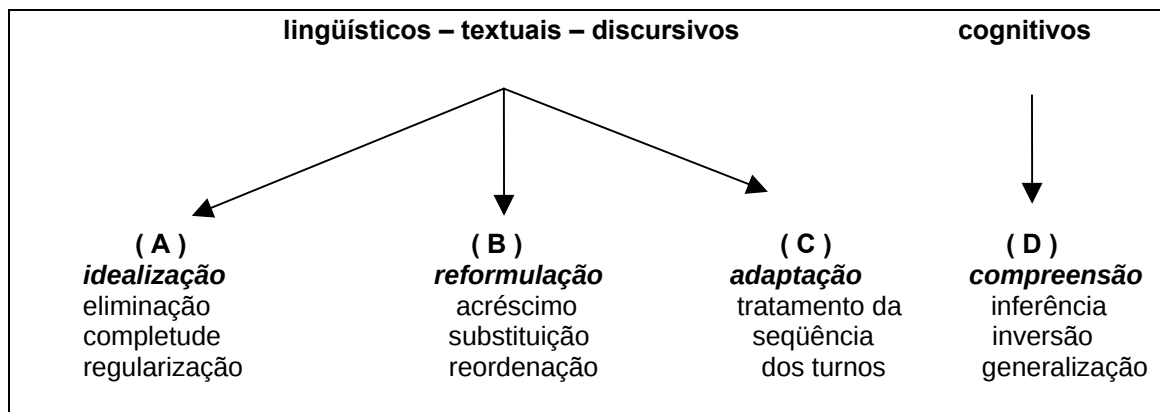
A responsabilidade do jornalista aumenta à medida que os momentos da entrevista vão sendo realizados. Um é o momento de obtenção de informações e um outro que é a transcrição.

No entanto, o repórter vai editar a entrevista, remontando-a de acordo com os critérios noticiosos. A responsabilidade do jornalista aumenta, portanto, pois transcreve palavras de outras pessoas. As estratégias envolvidas nesse processo de remontagem da entrevista são como já citadas anteriormente, demasiadamente complexas, pois envolve, entre outros, aspectos lingüísticos e cognitivos.

A esse respeito, lembramos Marcuschi (2004) quando estabelece os limites entre os aspectos lingüístico-textuais–discursivos e os cognitivos, esclarecendo que se trata muito mais de uma gradação do que uma separação dicotômica.

Para isso, vejamos o quadro abaixo que traz subconjuntos de operações realizadas durante os processos de retextualização:

Quadro 6 – Aspectos envolvidos nos processos de retextualização.



Neste modelo, o autor prevê três subconjuntos diferenciados de operações relacionadas à retextualização fala-escrita. Os blocos A e B dizem respeito a operações de natureza lingüística-textual-discursiva e se atêm às evidências empíricas. O bloco C comporta operações de citação (tratamento dos turnos). Já o bloco D sugere operações cognitivas e é o mais complexo e menos trabalhado. (Marcuschi, 2004:69)

Para ilustrar as complexas atividades cognitivas presentes nesse conjunto de operações, o autor cita um exemplo que envolve o repórter José Ruy Gandra (*Folha de S. Paulo*, 30/10/1993), e o músico Arnaldo Antunes (*Folha de S. Paulo*, 23/10/1993). Trata-se da reação do repórter em relação à reclamação do músico que lamentara as distorções ocorridas no texto que reproduzia uma entrevista para a revista *Playboy* (nº 219).

No exemplo abaixo Arnaldo Antunes se expressa :

Nunca me reconheci tão pouco em uma entrevista. Nunca abominei tanto um discurso colocado por terceiros em minha boca. Um pequeno e bom exemplo desse procedimento: o entrevistador me perguntou se eu já tivera relações homossexuais. A resposta foi um sucinto “não”. Resposta publicada: “Nunca, nem mesmo em troca-troca quando eu era criança.” Essa espécie de “adorno” às declarações com fantasias e fetiches do entrevistador se tornou procedimento usual na edição da matéria de uma forma geral.

Como resposta, Ruy Gandra escreve o seguinte:

A primeira passagem da entrevista mencionada por Arnaldo Antunes, logo no início de seu texto, foi a da homossexualidade. Ele diz: “O entrevistador me perguntou se eu já tivera relações homossexuais. A resposta foi um sucinto ‘não’. Resposta publicada: ‘Nunca, nem mesmo em troca-troca quando eu era criança’.”(...) Arnaldo Antunes mente, como comprova a fita número 4 da entrevista. Pergunta: “Você já teve transa homossexual?”. Resposta: “Não, nunca.” Pergunta: “Nem quando era criança, troca-troca?”. Resposta: “Não, nem criança...” **Com o aval da concordância expressa entre entrevistado e em nome da concisão, as duas perguntas foram fundidas em uma só. Não há nisso nenhum mistério nem ato condenável.**¹⁶

De acordo com as informações de Ruy Gandra, teríamos, segundo Marcuschi, o seguinte segmento da entrevista entre **R** (Ruy) e **A** (Antunes):

R: *Você já teve transa homossexual?*

G: Não, nunca

R: *Nem quando criança, troca-troca?*

A: *Não, nem criança*

Transformação publicada pelo jornalista:

R: *Você já teve transa homossexual?*

N: *Não, nunca, nem mesmo em troca-troca quando eu era criança.*

(Id.,p.70-71)

Durante a entrevista o repórter trabalha com fatos, acontecimentos, idéias e comportamentos que não devem ser distorcidos. Percebemos que na tentativa de fusão de perguntas e respostas, o entrevistador atribuiu ao entrevistado uma fala que não era dele.

Freqüentemente temos acesso a protestos feitos por entrevistados que, insatisfeitos com a publicação da entrevista, queixam-se das distorções feitas pela mídia.

Vejamos o que diz Gilberto Freyre no livro *Quando a Imprensa é Notícia*:

¹⁶ Grifos do autor

Alguém me pergunta do Rio porque deixei de dar entrevistas a jornais brasileiros – a não ser escritas, gravadas e revistas pelo entrevistado, as demais devendo ser consideradas todas falsas: inclusive as telefônicas. Um motivo muito simples me levou a esta atitude quase radical: a ética da entrevista, na maioria dos jornais brasileiros, está atualmente em crise. Ou – em palavras claras – não existe. (Gilberto Freyre, 1969:299)

As estratégias de retextualização utilizadas pelos jornais durante as etapas da entrevista (desde a coleta de informações à publicação) são alicerçadas em questões éticas, comportamentais, culturais; o que leva o repórter a inferir, compreender, interpretar, acarretando muitas vezes em distorções irreparáveis.

As operações lingüísticas realizadas durante essas etapas podem ser observadas no modelo sugerido por Marcuschi:

Diagrama 1. Fluxo das ações

Produção oral

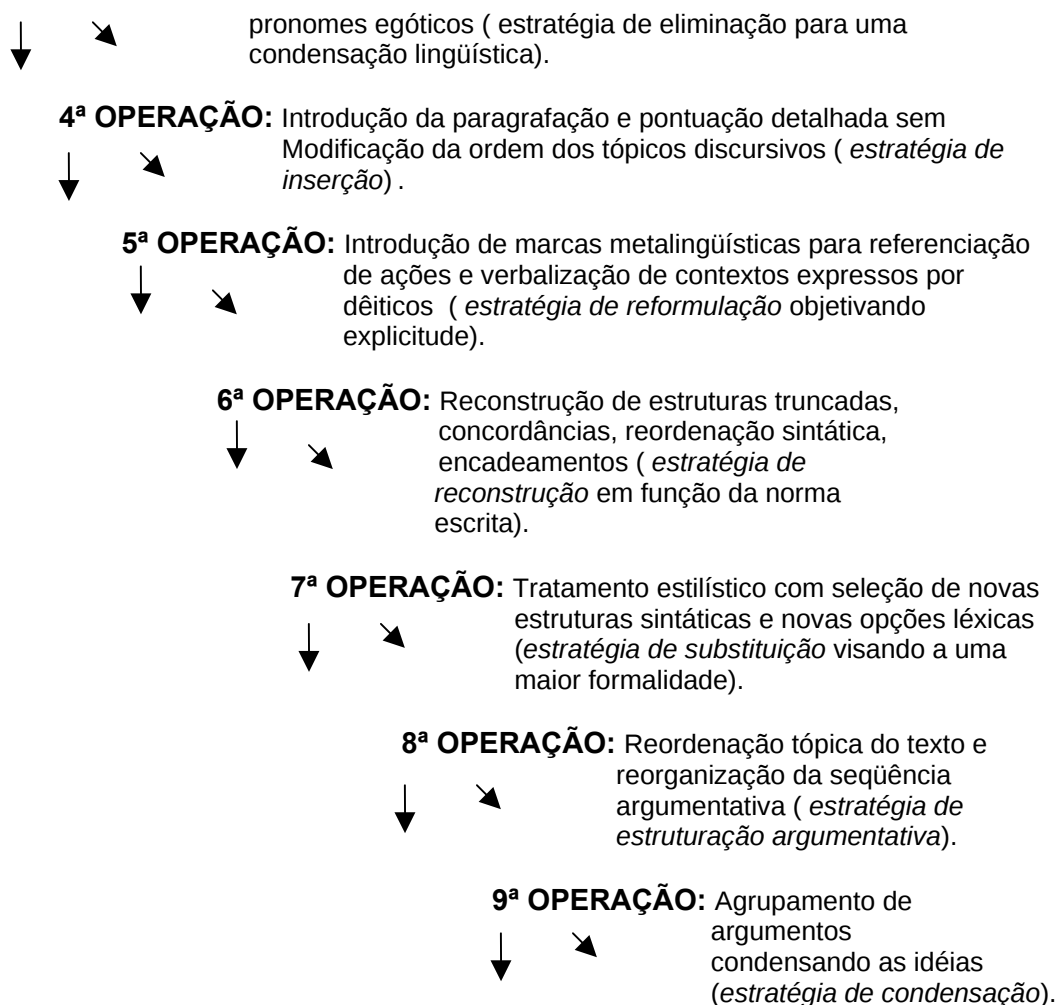
Quadro 7- Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito



1ª OPERAÇÃO: Eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras (*estratégia de eliminação* baseada na idealização lingüística).

↓ ↘
2ª OPERAÇÃO: Introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas (*estratégia de inserção* em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia).

↓ ↘
3ª OPERAÇÃO: Retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e



OPERAÇÕES ESPECIAIS: readaptação dos turnos (nos diálogos) para formas monologadas ou dialogadas.

1 2 3 4 5 6 7 8 9
↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓

texto escrito final

(TEXTO-ALVO)

Algumas observações sobre as legendas para ler o modelo:

- A seqüência inicial na parte superior do modelo { “ ☺ “ ou “ ☺ ↔ ☺ “ } lembra apenas que pode tratar-se de um texto falado *monologado* { “ ☺ “ } ou então de um texto falado *dialogado* “ ☺ ↔ ☺ “ } que serve de **texto-base** para a retextualização.
- O símbolo { ↓ } posto abaixo de cada uma das 9 operações sugere que se pode partir desse ponto para o texto escrito final, e o símbolo { ➤ } indica que se pode ir à operação seguinte.
- O símbolo { } na parte inferior do modelo lembra que esse é o *texto escrito* tido como o ponto de chegada, isto é, o **texto-alvo** do processo de retextualização.

Cabe-nos, mais uma vez, ressaltar que o jornalista responsável pela retextualização da entrevista deve-se ater cuidadosamente nas operações lingüísticas envolvidas neste processo, pois a mudança de sentido, conforme visto neste capítulo, é inevitável, já que se trata de um processo de compreensão do texto.

4.5 O tratamento dos turnos

Além das nove operações que envolvem as estratégias de eliminação, substituição, acréscimo, reordenação e condensação, Marcuschi propõe operações especiais para o tratamento dos turnos:

Técnica I: manutenção dos turnos

Transposição dos turnos tal como produzidos, abolindo as sobreposições e seguindo, no geral, as operações 1, 2, 3 e 5 do modelo, mas com uma seqüenciação por falantes, introduzindo segmentos encadeadores a título de contextualização, podendo haver fusão de turnos, sobretudo os repetidos.

Técnica II: transformação dos turnos em citação de fala

Eliminação dos turnos com acentuada manutenção das falas num textos sem a estrutura dialógica geral, mas com indicação precisa de autoria das falas e com a aplicação das operações 1-6 do modelo.

Técnica III: transformação dos turnos em citação de conteúdo

Eliminação dos turnos e introdução generalizada das formas do discurso indireto, com citação de conteúdos através dos verbos *dicendi* e surgimento de um texto totalmente monologado, com reordenação dos conteúdos e do léxico, aplicando-se as operações 1-9 do modelo. (Marcuschi,2004: 89)

A técnica I prevê a manutenção dos turnos com a introdução de uma série de elementos contextualizadores e referenciais metalingüísticos. Já a técnica II faz referência à citação de fala também conhecida como discurso direto. Quanto à técnica III, temos a interferência do discurso indireto, também denominada citação de conteúdo. (Id., p. 90-91)

As informações teóricas dos turnos apresentadas nos levam a concluir que durante as transformações dos turnos em discurso direto e discurso indireto, a fala original sofre alterações decorrentes das recriações e modificações oriundas dos processos de transformação das citações de fala e conteúdo.

O próximo capítulo desta dissertação tem como objetivo tratar de questões teóricas, que possam validar nossas hipóteses sobre os efeitos de sentido produzidos durante o processo de retextualização da entrevista transcrita para a entrevista publicada.

V

O DISCURSO RELATADO

5.1 Considerações gerais

Pareceu-nos oportuno tratar neste capítulo, ainda que de forma breve, de algumas perspectivas teóricas advindas da Análise do Discurso (AD) para responder às questões encontradas em nosso *corpus* de análise, dentre elas o uso do discurso relatado e a atribuição de autoria desse discurso.

Segundo estudiosos do assunto, há muitas dificuldades em estabelecer um conceito para o vocábulo *discurso*. Dias (2003:106) esclarece que uma delas refere-se ao “processo de banalização científica do vocábulo, sua

identificação com o próprio sentido que ocupa na linguagem comum, além de seu emprego para nomear outros fenômenos de natureza não lingüística.”

As novas correntes teóricas, dentre elas a AD, concebem o discurso como uma prática social de produção de textos, e é a partir desse conceito que se volta à atenção deste trabalho.

5.2 O discurso relatado

Partindo da aceção de que toda atividade de linguagem é um processo marcado pela inscrição do sujeito no discurso, encontramos o conceito de dialogismo como princípio fundador da linguagem (Bakthin:1992). Para o lingüista russo, toda atividade de linguagem é dialógica, ou seja, todo enunciado é sempre um enunciado de alguém para alguém. Para construir seu discurso, um enunciador necessariamente leva em conta o discurso do outro.

A partir da teoria do par dialógico postulado por Bakthin e pela teoria psicanalítica lacaniana, Authier – Revuz (2001) fundamenta seus conceitos de heterogeneidade enunciativa. A autora aponta uma perspectiva social da língua, adotando a concepção de uma fala heterogênea. Propõe dessa forma, dois tipos de heterogeneidade, a *constitutiva* e a *mostrada*. A *heterogeneidade constitutiva* consiste, “na inevitável presença do outro no discurso”. (Id.p.,99). Já a *heterogeneidade mostrada* se manifesta pelas formas de modalização autonômica, nas quais estaria inserido o discurso relatado.

Com isso, podemos perceber que todo discurso é uma construção social, não individual, que só pode ser analisado considerando seu *contexto* histórico-social; significa ainda que o discurso reflete uma visão de mundo determinada, necessariamente vinculada à do(s) seu(s) autor(es) e à sociedade em que vive(m).

Para Authier – Revuz (2001) as categorias já consagradas nas gramáticas tradicionais - discurso direto, indireto e indireto livre - são insuficientes para oferecer uma visão abrangente da complexidade de se

relacionar dois eventos enunciativos. A autora afirma que é sempre um ato de enunciação que é citado e não um enunciado.

Nessa mesma linha de investigação, Maingueneau (2004) explica que “o discurso relatado constitui *uma enunciação sobre outra enunciação*”.

E ainda esclarece que discurso direto e discurso indireto “são duas estratégias diferentes empregadas para relatar uma enunciação.” (Maingueneau, 1997:85)

Seguindo esse mesmo raciocínio, Marcuschi (2004:48) adverte: “Toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra.”

Neste trabalho, a atenção se volta justamente para o discurso direto, no intuito de comprovarmos a posição de Maingueneau, ao discorrer sobre a objetividade do discurso direto. O autor explica que

como a situação de enunciação é reconstruída pelo sujeito que a relata, é essa descrição necessariamente subjetiva que condiciona a interpretação do discurso citado. O DD não pode, então, ser objetivo: por mais que seja fiel, o discurso direto é sempre apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um enfoque pessoal. (Maingueneau, 2004:140)

5.3. O uso das aspas e o resumo com citações

O uso das aspas no discurso direto pode indicar um vazio que o co-enunciador é convidado a preencher, reconhecendo valores implícitos, fazendo uso do seu saber enciclopédico, nomeadamente os valores associados a expectativas sobre intenções comunicativas do enunciador. E, para que o seu uso seja devidamente interpretado, é necessário que exista uma convivência

mínima entre enunciador e co-enunciador, que será reforçada pelo sucesso do processo comunicativo. Maingueneau afirma:

ao colocar palavras entre aspas, o enunciador, na verdade, apenas chama a atenção do co-enunciador para o fato de estar empregando exatamente essas palavras que ele está aspeando; salientando-as, delega ao co-enunciador a tarefa de compreender o motivo pelo qual ele está chamando assim sua atenção e abrindo uma brecha em seu próprio discurso. (Maingueneau, 2004:160-1)

Freqüentemente, a imprensa opta pelo uso de um modo de discurso relatado que Maingueneau denomina “resumo com citações”, por meio do qual um texto é reformulado e incorporado de maneira condensada ao discurso e que pretende ter valor documentário.

Nesse resumo com citações, as unidades entre aspas são empregadas ao mesmo tempo como no DI, que restitui o sentido, e como no DD, que restitui as palavras empregadas: o leitor apreende o sentido e, ao mesmo tempo, lê as palavras mesmas utilizadas pelo enunciador citado. (Id., p.155)

VI

ANÁLISE DO CORPUS

Neste capítulo, desenvolvemos a análise do *corpus* tomando por base o referencial teórico exposto nos capítulos anteriores. A análise está dividida em sete partes, sendo as cinco primeiras relacionadas à entrevista propriamente dita, e as duas últimas tendo como enfoque o resumo que a antecede. Para tanto, tivemos como referência os trabalhos de Gomes (1995) e Marcuschi (2004).

Optamos por selecionar apenas algumas estratégias propostas por esses autores porque não tivemos acesso à gravação oral da entrevista que compõem o *corpus* deste trabalho, e algumas operações envolvidas nos

modelos propostos por Marcuschi (2004) e Gomes (1995) visam analisar os processos de retextualização da fala para a escrita.

Sendo assim, na primeira parte (6.1), embasados nos pressupostos teóricos desenvolvidos no II capítulo desta pesquisa, mostramos a organização e a descaracterização da entrevista telefônica após o processo de retextualização. Em (6.2), de acordo com a teoria desenvolvida no III capítulo, examinamos as transcrições das entrevistas para exemplificar as características da fala, em especial as especificidades do texto transcrito em relação ao texto editado, explicando a redução do volume de linguagem decorrente do processo de eliminação das marcas interacionais da oralidade. Já na terceira (6.3), tratamos da substituição de itens informacionais, lexicais e sintáticos, apoiados nas teorias apontadas no IV capítulo deste estudo. Em seguida (6.4), ainda respaldados nas discussões feitas no IV capítulo, diagnosticamos os acréscimos de itens lexicais, sintáticos e informacionais com o intuito de mostrarmos as mudanças ocorridas com essa operação. No item (6.5), apontamos os aspectos envolvidos nos processos de reordenação tópica. Já em (6.6), mostramos as operações lingüísticas utilizadas no processo de tratamento dos turnos, adotando como pressupostos teóricos as discussões produzidas no V capítulo desta dissertação. Por último (6.7), analisamos os critérios de seleção e compreensão utilizados pelo jornalista para produzir o resumo que antecede a entrevista.

6.1 Entrevista telefônica: organização e descaracterização

No que diz respeito à sua organização, podemos classificar a entrevista, objeto de estudo do presente trabalho, como “temática”¹⁷, já que foi proposto ao entrevistado, Luiz Felipe de Alencastro, que avaliasse a importância da

¹⁷ As entrevistas podem ser classificadas do ponto de vista dos objetivos e das circunstâncias de realização: temática – aborda um tema, sobre o qual se supõe que o entrevistado tenha condições e autoridade para discorrer. Dialogal – é a entrevista por excelência. Cf. Lage (2005:74-77)

eleição interna no Partido dos Trabalhadores (PT). Como já explicitado neste estudo (1.5), Alencastro é professor titular de história do Brasil da Universidade de Paris- Sorbonne, cargo esse que lhe confere autoridade para discorrer sobre o assunto.

Em relação às circunstâncias de realização das entrevistas, encontramos, em nossa amostra de análise, características que a aproximam da entrevista denominada “dialogal”, por ter sido marcada com antecedência e ter permitido o detalhamento dos pontos abordados.

Contudo, observamos que durante o processo de retextualização da entrevista transcrita para a entrevista publicada ocorreu a descaracterização do gênero, pois as estruturas responsáveis pela demarcação das partes que compõem a conversação telefônica foram apagadas pelo repórter, como podemos verificar próximos exemplos:

Exemplo de Abertura

Anexo A

(Linhas 1-6)

F – Alô?

AL– sim?

F – É....., da Folha.

AL– Então,

F – Podemos começar?

AL– Podemos.

Exemplo de fechamento

F – Está bom, professor, muito obrigado pela entrevista e deve sair no domingo ou na segunda esse material.

Al – Se tiver alguma dúvida você.....

F – Claro eu te mando um e-mail. Eu acho que alguém me passou o e-mail do senhor.lufa, não é?

AL– Isso

F – Está bem, eu mando se eu tiver alguma dúvida. Muito obrigada, tchau, tchau.

AL-

Com a supressão dessas estruturas, o jornalista apaga todos os indícios de uma conversa telefônica, promovendo, dessa forma, a descaracterização do gênero entrevista telefônica.

6.2 Redução do Volume de Linguagem

O jornal tem como incumbência informar. A necessidade de buscar a atualidade e a brevidade tem levado a uma cada vez maior economia de tempo no processamento da informação.

Sabemos que no discurso jornalístico há uma necessidade de reduzir significativamente a linguagem para a publicação. A urgência da impressão, da difusão da notícia, a necessidade de produzir textos sintéticos, aprofundados e abrangentes em reduzido espaço, são fatores que contribuem para essa redução.

No que concerne à entrevista, ressaltamos que, por diversas razões, não se publica tudo o que foi gravado durante a coleta de informações. O próprio *Manual de Redação* do jornal *Folha de S.Paulo*, conforme exposto em (1.5), orienta os jornalistas a selecionarem apenas os melhores trechos da entrevista e a corrigir erros de português ou problemas da linguagem coloquial quando for imprescindível para a perfeita compreensão do que foi dito, ou seja, sabemos que muitas mudanças ocorrem do texto transcrito para o texto publicado.

Porém, há que se ressaltar que o repórter na apuração de informações e o redator ao escrever, devem levar em consideração que o sentido das palavras varia com a situação, com o contexto e com a intenção de quem fala, por isso a necessidade de compreensão das informações por parte do jornalista pode levar a alteração do conteúdo da notícia.

Pretende-se desenvolver esta discussão considerando-se a produção da entrevista durante os processos de transcrição e retextualização.

Consideramos pertinente apresentar alguns dados obtidos por meio de cálculos realizados com base nos turnos da entrevista. Na tabela abaixo é possível constatar a redução do número de questões da entrevista transcrita para a entrevista retextualizada.

Tabela 1

Entrevista transcrita: 61 questões
Entrevista retextualizada: 13 questões e o resumo

Outro dado importante diz respeito à seleção das questões publicadas e as estratégias de agrupamento desenvolvidas pelo jornal.

Tabela 2

Entrevista retextualizada	Entrevista transcrita
Questão 1	Questão 4
Questão 2	Questão 5
Questão 3	Questão 11
Questão 4	Questão 12
Questão 5	Questão 13
Questão 6	Questões 15 e 55
Questão 7	Questões 29 e 30
Questão 8	Questões 31, 32, 33 e 34
Questão 9	Questões 17,28 e 29
Questão 10	Questão 9
Questão 11	Questões 5, 49 e 50
Questão 12	Questões 51 e 52
Questão 13	Questões 16 e 19

Além disso, cabe-nos salientar que as demais questões que compõem o *corpus* desta pesquisa (**1, 2, 3, 6, 7 ,8 ,9 ,10 ,14, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27 ,35, 36 ,37 ,38, 39, 40, 41, 42, 43,44, 45, 46 ,47, 48, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60 e 61**) foram suprimidas pelo jornalista no momento da retextualização do texto transcrito para o texto editado.¹⁸

Esta constatação é pelo menos um indício de que a retextualização da entrevista transcrita para a entrevista publicada além de ter por princípio a redução do volume de linguagem, utiliza-se de operações de eliminação, substituição, acréscimo e reordenação.

¹⁸ As estratégias de seleção das questões a serem publicadas pelo jornal serão analisadas nos próximos tópicos deste capítulo.

Na tabela abaixo (3) mostramos os cálculos obtidos no processo de retextualização das questões da entrevista e o índice de redução do número de questões.

Tabela 3 – Redução de questões

Entrevista transcrita	61 questões
Entrevista retextualizada	13 questões
<i>Índice de Redução</i>	78,68%

Lembramos que o jornal edita um resumo que antecede às questões da entrevista publicada no formato pingue-pongue. Nesse resumo, constam os principais assuntos tratados na entrevista, para em seguida serem exibidas as questões selecionadas. Os dados da tabela abaixo (4) nos mostram os resultados obtidos após os cálculos realizados com base na publicação feita pelo jornal da entrevista e do resumo que a antecede.

Tabela 4 – Redução de Palavras

Entrevista transcrita*	6499 palavras
Entrevista retextualizada **	1815 palavras
<i>Índice de Redução</i>	72,62%

*Cálculo baseado nas falas do entrevistado e do repórter

**Cálculo baseado na entrevista e no resumo publicado antes das questões.

No que diz respeito à tabela 4, os dados foram obtidos verificando-se apenas as questões transcritas e publicadas.

Assinalamos na tabela a seguir (5) o índice de redução de palavras obtido com base nas falas do entrevistado e do repórter, o que nos leva a

dados mais precisos sobre as estratégias de retextualização da entrevista transcrita para a entrevista editada.

Tabela 5 – Redução de Palavras

Entrevista transcrita*	6499 palavras
Entrevista retextualizada	1410 palavras
<i>Índice de Redução</i>	<i>78,31%</i>

*Cálculo baseado nas falas do entrevistado e do repórter

Já na tabela (6) mostramos, a título de curiosidade, os cálculos realizados com base apenas nas falas do entrevistado.

Tabela 6 – Redução de Palavras

Entrevista transcrita*	5345 palavras
Entrevista retextualizada	1223 palavras
<i>Índice de Redução</i>	<i>77,12%</i>

*Cálculo baseado apenas nas falas do entrevistado

Identificamos, baseados nos dados das tabelas 4, 5 e 6, que o índice de redução total de palavras da entrevista transcrita (incluindo preposições, artigos, nomes, pronomes, palavras cortadas etc.) com o da entrevista publicada (incluindo título, subtítulo etc.), varia entre 72,62 % e 78,31%, perfazendo a média de 75,47 %.

Isto posto, podemos constatar que as estratégias de retextualização da entrevista transcrita para a entrevista retextualizada têm por princípio a redução do volume de linguagem. Mostraremos nos exemplos a seguir os mecanismos de eliminação utilizados pelo jornal para essa redução.

6.2.1 Estratégia de eliminação

Identificamos em nossa análise, quatro tipos de *eliminação*, que podem ocorrer por diversos motivos, entre eles a mudança da modalidade falada para a escrita, a necessidade de atender às normas do jornalismo visando à regularização lingüística ou discursiva ou ainda à manipulação da informação evidenciada em nosso *corpus*. São elas: eliminação de marcas da oralidade; eliminação de informações; eliminação sintática e eliminação lexical.

Como já explicitado no item 1.1, nosso *corpus* é composto da transcrição da entrevista, portanto não tivemos acesso à entrevista gravada. Sendo assim, nossa análise tomará por base a entrevista transcrita em relação à entrevista retextualizada.

6.2.1.1 Eliminação de marcas da oralidade

Como já apontamos em 4.2 deste estudo, a fala e a escrita são instâncias diferentes da linguagem, que por sua vez apresentam características próprias. É natural, portanto, que ocorram eliminações de marcas da oralidade na escrita durante o processo de retextualização da fala para a escrita. Embora não estejamos de posse da entrevista gravada, a transcrição concedida pelo jornal nos fornece os requisitos necessários para que possamos analisar as eliminações que ocorreram ao se publicar a entrevista.

Neste tipo de eliminação ocorre a supressão de marcas estritamente interacionais. Para os limites deste trabalho, optamos por analisar apenas algumas dessas ocorrências. Para tanto, selecionamos o fator de envolvimento, os marcadores conversacionais, os dêiticos e as estratégias de reformulação lingüística: paráfrase e correção.

6.2.1.1.1 O fator envolvimento

De acordo com Dias (2003), o envolvimento manifesta-se pela ocorrência de alguns fenômenos, entre eles o emprego de expressões que visam o monitoramento do canal de comunicação pelo falante e marcas de primeira pessoa. Nos próximos exemplos, mostramos algumas dessas ocorrências que evidenciam o *envolvimento* entre jornalista e entrevistado.

(01)

Transcrição	Retextualização
Anexo A a) (243-5) <i>F</i> - A minha primeira pergunta é essa coisa do espaço para a política de esquerda. Então, para além de um projeto de esquerda, por exemplo, quemuita gente e o queo.....proporia. Eu queria ouvi-lo sobre isso, assim...	Anexo C a) (116-7) <i>F</i> - O sr. fala de ruptura, de falência. Qual tipo de projeto de esquerda é possível ou era possível?

No segmento (01), é interessante observar que há a ocorrência de várias marcas de primeira pessoa, tais como as seguintes: “minha”; “eu”; “queria”. Esses dispositivos revelam o envolvimento entre jornalista e entrevistado. Ao retextualizar a entrevista o jornalista elimina essas expressões, apagando, dessa maneira, as marcas que evidenciam o que Rodrigues (2003) classifica como “envolvimento do falante com o ouvinte”, que está relacionado com a dinâmica da interação com outra pessoa.

(02)

Transcrição	Retextualização
Anexo A b) (246-50) <i>AL</i> - Ah, bom, eu acho que tinha que ter uma política social	Anexo C b) (118-24) <i>AL</i> - Tinha que ter uma

mais ampla,é muito importante, mas tem que ter uma política muito mais ampla e dejunto às populações mais desassistidas, porque você vê que é uma coisa incrível que o presidente Lula e a mulher dele, que no dia da eleição, o Lula fez aquela coisa de levar todos os ministros para uma cidade pobre, lembra? c) (251) F- Lembro, lembro. d) (252) AI - Atravessando o rio da Amazônia e tal... e) (253) F - A caravana da miséria assim. f) (254-5) AL - É, aquele troço, nunca eles deram uma descida foram para as favelas e há lugares no Rio, onde a presença do Estado brasileiro não é mais admitida...	política social mais ampla, próximo às populações sem assistência. É uma coisa incrível: há lugares no Rio onde a presença do Estado não é mais permitida. Há massacres e chacinas e não se vê o presidente indo ver esses problemas de perto. Isso já não existia no governo FHC. Aqui na Europa, os primeiros-ministros no Natal vão para o hospital ficar perto dos menos favorecidos. Há coisas simbólicas, gestos discretos.
---	--

Já no excerto (02), destacamos expressões que visam o monitoramento do canal de comunicação pelo falante, tais como “Ah, bom”; “você vê”; “lembra”; “lembro, lembro”; “Atravessando o rio da Amazônia e tal...”. Tais marcas lingüísticas foram eliminadas ao serem editadas para tornar o texto mais conciso. Ao se fazer isso, porém, o jornalista pode interferir no enunciado que o entrevistado quis proferir, pois, de certa forma, essas marcas acabam

por revelar uma atitude de aprovação, de assentimento do jornalista em relação às informações concedidas pelo entrevistado. Com isso, o repórter elimina seu “envolvimento” com o entrevistado, apagando dessa forma qualquer marca de subjetividade que possa vir expressa nesses vocábulos.

6.2.1.1.2 Marcadores conversacionais

Conforme exposto no item 3.3 deste estudo, os marcadores conversacionais operam de diferentes maneiras no texto. Eles podem evidenciar a sustentação do turno, indicar assentimento em relação ao que está sendo dito, preencher pausas, enfim, os MC desempenham diferentes funções dependendo do enunciado e da situação de enunciação.

Em nossa análise, o número de ocorrências do MC “eu acho que” chamou-nos a atenção. Observamos que o entrevistado recorre a esse marcador 28 vezes durante a entrevista, além de utilizar também os MC “eu acho (3 vezes); acho que (6 vezes); acho (1 vez), perfazendo o total de 38 ocorrências.

Em virtude do número de ocorrências, acreditamos que o entrevistado, utilizou-se dessas expressões como forma de não se engajar totalmente ao discurso, eximindo-se da responsabilidade pelo que foi dito, visto tratar-se de um assunto polêmico proferido a um jornal importante.

Para Urbano (2003:101), o uso dessas expressões “refere-se à postura do falante em relação ao ‘dito’, ou, mais precisamente, ao que vai dizer.”

Koch (2004:138-9) esclarece que esses MC são na verdade, **“expressões modalizadoras”**¹⁹, que constituem um modo de significar diferente daquele sob o qual é veiculado o conteúdo proposicional.” E ainda, **“indicam o modo como aquilo que se diz é dito”**.²⁰

¹⁹ Grifos do autor.

²⁰ Grifos do autor.

(03)

Transcrição	Retextualização
Anexo A a)(12-3) AL - Eu acho que essa eleição é muito importante e um partido desse tamanho não acaba assim de uma hora para outra.	Anexo C a) (36-7) AL - Essa eleição é muito importante. Um partido desse tamanho não acaba de uma hora para outra.

Embora o marcador conversacional lexicalizado “eu acho que” funcione nos segmento acima (03) como oração principal, é preciso notar, segundo Koch (2004:137) “que o conteúdo proposicional propriamente dito encontra-se, justamente, na segunda parte, servindo a primeira parte apenas para modalizá-lo”. Em outras palavras, por ter como função indicar aspectos relacionados à enunciação, sua eliminação não acarreta danos maiores à compreensão do enunciado. No entanto, no que concerne ao modo como o enunciado foi proferido, é diferente, pois foi eliminado um MC que revelava a postura do entrevistado em relação ao que foi dito, ou seja, o uso desse MC pode revelar a intenção do entrevistado em se eximir da responsabilidade pelo que foi dito. Já com relação ao uso do MC “assim”, o caso é diferente. Segundo Urbano (2003:101), palavras como o **assim**, “se ligam à enunciação, numa função modalizadora, sinalizando hesitação ou dúvida do falante”. Com as eliminações desses MC, o texto retextualizado publicou uma informação precisa, direta, sem nenhum indício de incerteza.

6.2.1.1.3 Dêiticos

Os dêiticos podem ser definidos como marcas responsáveis por ancorar um enunciado diretamente na situação de enunciação. A sua eliminação durante o processo de retextualização da fala para a escrita pode prejudicar a

recuperação do contexto da enunciação. É o que se pode observar no segmento abaixo:

(04)

Transcrição	Retextualização
Anexo A a) <i>F</i> - (90-92) Falando exatamente desse evento aqui dessa semana, eles estão, enfim, a Antônio.....ainda estava lá,.....a Marilena e falou da passagem que a gente publicou sobre que o PT era o principal motor da democracia. O senhor concorda com essa frase?	Anexo C a) <i>F</i> - (64-5) Nesse evento, Marilena Chaui falou do ódio ao PT e disse que o partido foi o principal motor da democracia no país. Concorda?

Os dêiticos, grafados em negrito no exemplo (04), expressam a validade de nossa teoria no que concerne à sua responsabilidade em ancorar um enunciado numa determinada situação enunciativa. Ao utilizar os vocábulos “desse”; “aqui dessa semana”; (segmento a da transcrição), o entrevistado, de certa forma, refere-se à uma determinada situação que tenha sido mencionada num passado não muito distante do momento da fala. Em outras palavras, em ambos os casos, a intenção do jornalista foi a de relacionar o enunciado ao ambiente espaço-temporal da enunciação.

Entretanto, ao serem suprimidos, esses embreantes interferiram na compreensão do enunciado, já que ao publicar a frase “nesse evento” (exemplo a da retextualização), o jornalista não se preocupou em contextualizar o leitor com relação ao espaço-temporal em que ocorreu o enunciado. Dessa forma, podemos constatar²¹, que o leitor do jornal, ao ler a entrevista pode-se questionar a respeito de qual evento seria esse e de quando ele ocorreu. Uma vez que o jornal é considerado um veículo midiático responsável por divulgar informações precisas e objetivas, faltou ao jornalista um cuidado maior com a

eliminação de palavras relevantes para o processo de interpretação do enunciado em questão.

6.2.1.1.4 Atividades lingüísticas de reformulação

6.2.1.1.4.1 A Paráfrase

Fávero, Andrade e Aquino (1998) afirmam que a audiência é um elemento propulsor de modificações na interação entre os participantes da entrevista. As autoras ainda ressaltam que, para não se perder esse aliado é que se procede a reformulações.

Muitos são os estudos e as especificidades das atividades lingüísticas de reformulação denominadas neste estudo *paráfrases*. Porém, para o que nos interessa na análise que ora empreendemos, iremos nos ater à apenas duas funções sugeridas por Hilgert em seu estudo sobre as relações parafrásticas²². Optamos dessa forma por analisar as paráfrases quanto a seus aspectos distribucional e oracional. Essa escolha se justifica pela ocorrência do fenômeno em nosso *corpus* de análise.

(05)

Transcrição	Retextualização
Anexo A	Anexo C
a) F - (7-9) Então, vamos lá, o senhor sabe que a gente aqui está um pouco focada com o que vai acontecer na eleição do PT, e na questão do.....lá no Congresso, realmente, a entrevista(?) vai ser um pouco sobre essas duas coisas.	a) F - (35) Qual a importância da eleição interna petista?

²¹ Ver Anexo C “entrevista retextualizada”

²² A respeito de “Relações Parafrásticas” ver item 3.5.1 desta pesquisa.

b) <i>F</i> - (9-11) Na avaliação do senhor qual a importância dessa eleição interna? É, de fato, a prova dos nove ou o que tinha que acontecer com o partido já aconteceu e a eleição é depois do PT morto e acabado, sei lá?	
c) <i>F</i> - (11) Qual a avaliação que o senhor faz do PT?	

Encontramos no excerto (05) várias ocorrências de atividades reformuladoras. É importante ressaltar que por se tratar da primeira questão propriamente dita sobre o assunto da entrevista e, com o intuito de garantir a compreensão do enunciado, o jornalista reformula sua pergunta três vezes. Todas as paráfrases ocorridas neste excerto podem ser classificadas como “paráfrases adjacentes”, pois seguem imediatamente sua matriz, e, por operar como tentativa de garantir a compreensão do enunciado são também classificadas como “autoparáfrases auto-iniciadas”.

A matriz dessa relação parafrástica está expressa no enunciado a “então vamos lá, o senhor sabe que a gente aqui está um pouco focada com o que vai acontecer na eleição do PT, e na questão do.....lá no Congresso, realmente, a entrevista(?) vai ser um pouco sobre essas duas coisas.”

Na ocorrência seguinte, fica-nos evidente que além de intencionar a precisão na explicitação do enunciado, o jornalista tenta de certa forma, manipular a resposta do entrevistado, utilizando-se de uma nova informação sobre o PT. Note-se que ao final da asserção b “a eleição é depois do PT morto e acabado...”, o jornalista, no intuito de amenizar sua pergunta, utiliza-se do marcador conversacional “sei lá?”, que de certa forma, acaba por desautorizar sua própria afirmação. Esse recurso pode ser entendido como uma estratégia para confundir o entrevistado e obter dessa forma a resposta desejada.

Finalmente, o jornalista conclui sua pergunta no segmento c: “Qual a avaliação que o senhor faz do PT?” objetivando que o entrevistado dê sua opinião a respeito de todos os conflitos que envolvia o PT²³. É interessante notar que foram eliminadas durante a retextualização todas as paráfrases que se referiam especificamente ao PT, o que nos leva a inferir que o jornalista utilizou-se de estratégias linguísticas para fazer com que o entrevistado em questão desse o maior número de informações possíveis numa mesma questão.

Entretanto, se observarmos o excerto retextualizado: “Qual a importância da eleição interna petista?”, fica-nos a impressão que o jornalista referiu-se apenas à eleição interna do Partido dos Trabalhadores. Essas eliminações parafrásticas ocorridas no processo de edição da entrevista revelam-nos um caso interessante, pois essas paráfrases continham informações relevantes²⁴ dadas pelo jornalista ao entrevistado e, com a retextualização elas foram apagadas do texto.

6.2.2.1.4.2 A correção

Como já ressaltamos neste estudo²⁵, é bastante complexo, em determinados contextos, diferenciar correção e paráfrase. No entanto, uma especificidade da correção é capaz de diferenciá-la da paráfrase. Trata-se do “contraste semântico” decorrente da relação entre enunciado de origem e enunciado reformulador.

(06)

Transcrição	Retextualização
Anexo A	Anexo C
	a) (87) F - Esse clima também

²³ A esse respeito ver item 1.4 deste estudo.

²⁴ Trataremos no tópico 6.2.2.1 desta pesquisa, de forma mais detalhada, do item “Eliminação informacional”.

²⁵ Ver item 3.5 desta dissertação.

a) <i>F</i> - (120) Agora, o senhor falou assim: esse clima que seé uma coisa social, também? b) <i>F</i> - (120-121) O senhor acha assim nos discursos cotidianos que, além de político, para o clima do país ruim?....., c) (122) <i>F</i>- enfim, eu estou perguntando se é mais do que um problema político eleitoral, o senhor vê isso?	contamina as relações do cotidiano?
---	--

Podemos notar, no exemplo b da transcrição: “O senhor acha assim nos discursos cotidianos que, além de político, para o clima do país ruim?.....,” uma reformulação do segmento a: “Agora, o senhor falou assim: esse clima que seé uma coisa social, também?” Ao compararmos as mudanças semânticas ocorridas de um exemplo para o outro, é possível constatar que trata-se de uma correção feita pelo repórter na intenção de ser mais claro e preciso. O próximo exemplo (c da transcrição) torna nossa hipótese ainda mais válida. Ao utilizar o MC “enfim”, o enunciador evidencia sua intenção de mais uma vez reformular sua pergunta por meio da correção, pois logo em seguida ele diz: “eu estou perguntando”, ou seja, ele ratifica sua posição anterior, corrigindo-se. No entanto, é importante ressaltar que, ao selecionar novas escolhas semânticas no processo de retextualização, o jornalista acaba alterando o teor do enunciado em questão.

6.2.2.1 Eliminação informacional

Outro tipo de *eliminação* encontrada em nosso *corpus* consiste na supressão de informações. Durante o processo de retextualização da entrevista transcrita para a entrevista publicada, várias informações são eliminadas por serem consideradas irrelevantes ou secundárias, ou ainda porque não

interessa ao jornal publicá-las. Por ser o jornalismo uma atividade social que tem o compromisso de informar às pessoas dos principais acontecimentos da sociedade, esperam-se informações sem erros, sem distorções, sem incorreções. Contudo, o gênero jornalístico impõe certas normas lingüísticas. Dentre elas, destacamos a *concisão*.

Há, dentro da linguagem jornalística, uma necessidade de redigir textos concisos, porém, o excesso de concisão pode levar o jornalista a eliminar não apenas dados considerados irrelevantes, mas também aqueles que poderiam ser preservados caso houvesse um maior espaço editorial dentro do jornal.

Cabe-nos salientar que algumas supressões são necessárias ao atendimento desse tipo de linguagem e às exigências dos jornais e não são responsáveis pela perda de detalhes essenciais. Já outras interferem no sentido do texto muitas vezes alterando-o.

Observe-se, no exemplo (07), que o jornalista promove uma ruptura na frase, seguida de reticências, o que possibilita ao leitor preencher essa lacuna de informações com sua própria interpretação.

(07)

Transcrição	Retextualização
Anexo A a) AL - (297-298) A partir do momento que o PT parou de pedir dinheiro para a militância b) AL - (298-299) houve um problema já que se colocou: o que está havendo aí?	Anexo C a) AL - (114-5) A partir do momento que se parou de pedir dinheiro para a militância...

Ao eliminar a informação contida em b: “houve um problema já que se colocou: o que está havendo aí?”, o editor do jornal deixa espaço para a inferência do leitor, permitindo que ele siga passos interpretativos, decodificadores, induzindo-o a preencher essa lacuna, comprometendo dessa forma a continuidade de sentido do enunciado proferido pelo entrevistado.

O leitor do jornal pode, dessa maneira, construir outras proposições para o espaço em branco em questão, pois o uso do sinal de reticências pode levá-lo a concluir o que está de certa forma, implícito no enunciado.

Podemos verificar, portanto, que o enunciador do segmento em análise, ao eliminar as informações contidas em b (transcrição), deixou de fornecer informações ou elementos que permitissem a depreensão do conteúdo, possibilitando que o co-enunciador emitisse sua própria interpretação.

6.2.2.2 Eliminação lexical

No excerto abaixo, apontamos uma outra ocorrência de eliminação contida em nosso *corpus* de análise. Trata-se da eliminação lexical, ou seja, o editor do jornal, ao retextualizar a entrevista, suprime palavras por considerá-las irrelevantes ou secundárias.

Cabe-nos lembrar, no entanto, que todo o processo de retextualização passa antes pela atividade de compreensão do enunciado, logo, podemos afirmar, que o jornalista, por meio de uma estratégia lingüística de manipulação da notícia, elimina as palavras que ele próprio julga impertinente ao contexto em questão. Sendo assim, é muito provável que essa supressão lexical atenda a padrões de manipulação²⁶ do próprio jornal.

Observe-se o exemplo que segue:

²⁶ A esse respeito ver ABRAMO, Perseu (2003). *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

(08)

Transcrição	Retextualização
Anexo A a) AL - (17-20) Então, isso mesmo se está acontecendo pelas más razões, depois de o partido entrar numa crise grave, o fato de o partido se expor à opinião pública numa eleição interna é um avanço na modernização da política brasileira.	Anexo C a) AL - (41-3) Mesmo que isso esteja acontecendo pelas más razões, depois de o partido entrar numa crise grave, o PT se expor à opinião pública é um avanço na política do país.

Os vocábulos eliminados no segmento (08) apontam para uma nova compreensão do enunciado. Ao eliminar a palavra “modernização” o editor ignorou, de certa forma, a opinião do entrevistado no que concerne ao avanço na política do país, já que o historiador diz que o avanço está ocorrendo “na modernização da política brasileira” e não “na política do país”.

6.2.2.3 Eliminação sintática

Outra ocorrência interessante encontrada em nosso corpus refere-se à eliminação sintática.

(09)

Transcrição	Retextualização
Anexo A a) AL - (117-119) Eu acho que a direita mais inteligente, os conservadores mais inteligentes também não têm interesse em ver desaparecer nem PT	Anexo C a) AL - (82-4) A direita mais inteligente, os conservadores mais inteligentes não têm interesse em ver o PT desaparecer.

Fica-nos evidente a manipulação da notícia na eliminação sintática em negrito contida no item a da transcrição. A eliminação feita pelo jornalista no processo de retextualização privilegiou apenas o que interessava ao jornal informar, permitindo que o leitor depreenda do enunciado a (retextualização) que apenas interessa aos integrantes “da direita” na política o não desaparecimento do PT, quando na verdade, Alencastro aponta no mesmo grau de importância a permanência do presidente Lula no horizonte político.

6.3 Estratégia de Substituição

De acordo com o *Manual de Redação da Folha de S.Paulo*, conforme explicitado em 1.4 deste trabalho, cabe ao jornalista não trocar palavras ou modificar o estilo da linguagem do entrevistado. Contudo, constatamos na presente análise a ocorrência de substituições, seja informacional, sintática ou lexical, resultantes não somente da tentativa de atender às normas jornalísticas como também de uma provável má compreensão do repórter.

Encontramos em nosso *corpus* inúmeras ocorrências de substituição, seja ela lexical, sintática ou ainda informacional. Isso, de certa forma, dificultou nosso trabalho durante a tentativa de selecionar as ocorrências mais significativas.

6.3.1 Substituição informacional

Na tentativa de buscar a atualidade e a brevidade na transmissão da notícia, o jornal tem reduzido cada vez mais suas informações, intencionando uma constante economia de tempo e reduzido espaço na publicação da notícia.

Entretanto, muitas vezes os fatos e acontecimentos veiculados pelo jornal acabam sendo distorcidos tendo como consequência o erro e a manipulação da realidade.

Apontamos neste tópico a estratégia de retextualização utilizada pelo jornal aqui denominada *substituição informacional*.

(10)

Transcrição	Retextualização
Anexo A a) AL - (15 – 16) Isso nunca aconteceu no Brasil. Nunca vi isso dentro do PSDB ou do PFL, nem se fala da UDN, do PTB...	Anexo C a) AL - (39-40) Isso nunca houve dentro do PSDB, do PFL, nem se fala da UDN e do PTB...

Verificamos em (10) a estratégia de *substituição informacional* no trecho expresso em a (transcrição) “Isso nunca aconteceu no Brasil. Nunca vi isso dentro do PSDB ou do PFL, nem se fala da UDN, do PTB” para a “Isso nunca houve dentro do PSDB, do PFL, nem se fala da UDN e do PTB.” (item a da retextualização). Com essa operação lingüística o entrevistado teve sua fala alterada e conseqüentemente o efeito de sentido produzido com essa alteração foi muito significativo. Note-se que ao substituir “nunca vi isso” por “isso nunca houve”, o repórter modifica substancialmente o conteúdo do enunciado. O fato do entrevistado nunca ter visto não significa que nunca tenha havido. Os verbos substituídos expressam conteúdos diferentes, logo o verbo “ver” não poderia ser substituído pelo verbo “existir”.

6.3.2 Substituição lexical

Embora o número de ocorrências desta operação seja numerosa em nosso *corpus*, restringiremos nossa análise à apenas um segmento, por acreditarmos tratar de um exemplo significativo que atende aos objetivos deste tópico.

(11)

Transcrição	Retextualização
Anexo A a) AL - (29-30) ... é um PT, que como toda política paulista é dividido por querelas... b) AL - (95) Claro, eu acho importante eu, pessoalmente, lamento a saída do Tarso Genro... c) AL - (98-99) e é isso que está no horizonte no fantasma do governo Lula e do PT	Anexo C a) AL - (51-2) Um PT, que, como toda política paulista é dominado por querelas... b) AL - (46) Eu pessoalmente lamento a retirada do Tarso Genro. c) AL - (70-1) e é isso que está no horizonte de um fracasso do governo Lula e do PT.

Nos exemplos acima, notamos que a substituição lexical atende a propósitos bem semelhantes. Não encontramos indícios de que essas substituições tenham ocorrido com o intuito de correção gramatical, adequação da linguagem ao leitor ou ainda o de conferir clareza e precisão na informação. Ao que nos parece, o enunciado proferido pelo entrevistado já se revestia de todos esses aspectos, não sendo necessário, dessa maneira, a ocorrência de substituição.

No exemplo a, o entrevistado refere-se ao fato de São Paulo ter uma política mais complexa, por ser o estado mais poderoso do Brasil, o que ocasiona, conseqüentemente, uma “divisão” de opiniões e de pontos de vista dentro do partido. Após a retextualização, o enunciado sofre alterações significativas, pois passa a afirmar que o Partido dos Trabalhadores em São Paulo é “dominado” por debates, discussões, queixas e lamentações. O mesmo propósito pode-se fazer notar, também, na substituição de “saída” para “retirada”. Cabe-nos lembrar que o ex ministro Tarso Genro desistiu de disputar as eleições internas na chapa do PT por não ter havido acerto na composição do Campo Majoritário. Ele havia afirmado, na época, que só ficaria na chapa se o ex Ministro da Casa Civil, deputado José Dirceu (PT- SP) saísse. Fica-nos evidente, dessa forma, que essa nova opção léxica alterou drasticamente a asserção feita pelo entrevistado em questão.

Percebemos que no exemplo c, o entrevistado deixou claro referir-se à maneira preconceituosa com que o Senador Jorge Bornhausen (PFL) falava da esquerda política e o quanto isso era fator de influência no horizonte do governo, podendo assumir até mesmo a condição de “fantasma”, no sentido de perseguição. No entanto, há a substituição desse vocábulo por um outro que, de acordo com a entrevista, parece totalmente equivocado: “fracasso”.

6.3.3 Substituição sintática

(12)

Transcrição	Retextualização
Anexo A a) AL - (95) Eu acho que a única frase grave que teve aí e que passou meio batida foi a frase do Bornhausen.	Anexo C a) AL - (67-8) A única frase grave que houve na crise , e que passou meio batida, é a frase do [senador] Bornhausen [PFL]

Em (12) verificamos a substituição de “que teve aí”, utilizado pelo entrevistador para referir-se à situação delicada pela qual passava o Partido dos Trabalhadores, tornando a informação mais adequada à linguagem culta. Provavelmente o jornal acredite que, para seu leitor, a informação retextualizada : “houve na crise” será mais precisa . Entretanto, ao optar pelo vocábulo “crise”, o repórter confere ao enunciado uma “verdade” ainda não constatada e nem citada pelo entrevistado.

6.3 Estratégia de acréscimo

Conforme evidenciamos em nosso *corpus* de análise, as operações de retextualização desenvolvidas pelo jornal na transformação do texto transcrito para o texto publicado pode envolver acréscimos informacional, sintático e lexical. Nos exemplos a seguir, examinaremos cada uma das categorias da estratégia de acréscimo.

6.4.1 Acréscimo informacional

(13)

Transcrição	Retextualização
Anexo A	Anexo C
a) AL - (30) ...isso é um ponto que o Vanderlei Guilherme apontou...	a) AL - (52-3) ...isso é um ponto que o [cientista político] Wanderley Guilherme dos Santos apontou...
b) AL - (85)...na última hora que não houve acordo e que o Greenhalgh foi chamado...	b) AL - (59-61) N última hora não houve acordo e o [deputado Luiz Eduardo] Greenhalgh foi chamado.
c) AL - (95) Eu acho que a única	c) AL - (67-8) A única frase grave que houve na crise, e que passou meio

frase grave que teve aí e que passou meio batida foi a frase do Bornhausen...	batida, é a frase do [senador] Bornhausen [PFL] ...
---	---

Nos exemplos em negrito (13), notamos que os acréscimos informacionais atendem aos mesmos propósitos. Podemos perceber, nos segmentos em negrito, que a intenção do jornalista foi de precisão nas informações, com o intuito de não deixar dúvidas ao leitor quanto às asserções do entrevistado. Isso fica evidente nos exemplos em que o repórter utiliza os colchetes ([]) que, segundo o *Manual* do jornal (2006: 59), tem uma função mais abrangente que a dos parênteses e deixa claro “que a explicação foi acrescentada pelo jornalista.”

Embora o jornalista não tenha utilizado o mesmo recurso gráfico no exemplo a, pode-se aferir que sua intenção foi apenas de atribuir ao enunciado uma informação importante, que pudesse evitar qualquer dúvida quanto à pessoa que estava sendo citada pelo entrevistado.

6.4.2 Acréscimo lexical

Muitas vezes, como já afirmamos neste estudo, na tentativa de informar com clareza e precisão, o jornalista pode alterar o conteúdo informacional do enunciado.

(14)

Transcrição	Retextualização
Anexo A	Anexo C
a) AL - (123) Eu acho que isso tem	a) AL - (88) Isso sempre existiu.

que existir um pouco	
----------------------	--

O acréscimo do advérbio de frequência “sempre” no excerto a (retextualização) pode ter resultado da tentativa do jornalista de conferir à fala do entrevistado uma asserção menos duvidosa no que se refere ao exemplo a (transcrição). No entanto, notamos que esse acréscimo interferiu significativamente no discurso do entrevistado. Para ele, o clima social instaurado pela forma como a esquerda política do país é tratada por alguns integrantes da direita - entre eles o senador Jorge Bornhausen -, pode levar à situações sociais mais graves. A inserção do advérbio “sempre” generaliza o enunciado proferido pelo entrevistado. Além disso, é interessante observar, que ao eliminar o MC “eu acho que”, o jornalista tira a modalização do discurso e interfere no sentido que o enunciador quis conferir ao seu enunciado.

6.4.3 Acréscimo sintático

(15)

Transcrição	Retextualização
Anexo A a) <i>F</i> - (21-3) O senhor acha mesmo que o processo eleitoral já foi conturbado, já teve a saída do ex-ministro Tarso Genro, o senhor acha que tudo isso está acontecendo às claras e por isso é importante?	Anexo C a) <i>F</i> - (44) Mesmo com as manobras de José Dirceu... b) <i>F</i> - (44-5) ...a saída do Tarso, a divisão das esquerdas?

Verificamos no exemplo (15) o acréscimo sintático durante o processo de retextualização da entrevista. A alusão às “manobras de José Dirceu”

poderia ter sido provocada pela menção feita pelo entrevistado na questão 38 (transcrição – Anexo A, linhas 321-333) ao ex ministro, quando o jornalista refere-se ao fato de Dirceu continuar no partido e o entrevistado critica a forma como ele vinha se defendendo das acusações de corrupção. Na tentativa de resumir as informações, o jornalista acrescenta uma nova asserção ao enunciado, reordenando os fatos, alterando a informação do entrevistado.

Em b, assinalamos um acréscimo que novamente altera o conteúdo proposicional do enunciado. Ao acrescentar a asserção “a divisão das esquerdas” o repórter generaliza as informações concedidas pelo entrevistado sobre a “crise interna do PT” afirmando haver uma divisão dentro do partido. Se observarmos o exemplo a (transcrição) presumimos que a causa mais provável para essa alteração informacional tenha sido a má compreensão do repórter durante o processo de retextualização da entrevista.

6.5 Estratégia de reordenação

Esta operação, como ressalta Marcuschi (2004:86), “exige alto domínio da escrita e se dá em especial em textos mais complexos em que o aspecto argumentativo predomina ou em diálogos para os quais se sugere uma retextualização mais global”.

Salientamos que, em nossa opinião, trata-se de uma atividade lingüística complexa, pois a reordenação dos fatos pode levar a uma outra *força ilocutória*²⁷.

Neste item não serão apontados exemplos relativos à reordenação lexical nem sintática, por não terem sido encontradas em nosso *corpus* de análise. Mesmo assim, optamos por manter o exemplo de reordenação tópica por considerarmos pertinente aos objetivos desta pesquisa.

²⁷ Termo utilizado por Marcuschi (2004) para referir-se à produção de outros atos de fala, outras intenções etc.

6.5.1 Reordenação informacional

(16)

Transcrição	Retextualização
Anexo A	Anexo C
a) AL - (114-119) O risco eleitoral disso é polarizar em torno do Garotinho, não é? Porque aí é o populismo escrachado com a coisa evangélica, que é uma coisa moralista e de clientilismo, aí sim para valer, clientilismo corporativo.	a) AL - (81-82) O risco eleitoral é isso se polarizar em torno do [ex-governador] Garotinho, que é o populismo escrachado.

Neste exemplo, a reorganização informacional torna evidente a alteração do conteúdo proposicional do enunciado. Para o entrevistado, a polarização da direitização da política do país²⁸ em torno do ex governador Garotinho é o “populismo escrachado”. Ao reordenar as informações proferidas pelo entrevistado, o jornalista altera drasticamente a informação, afirmando que o ex governador é que é o “populismo escrachado”. Ao utilizar a estratégia de reorganizar as informações, o repórter acaba por reduzir informações do texto original, comprometendo, dessa maneira, a essência do enunciado.

6.6 O tratamento dos turnos

²⁸ A esse respeito consultar questões 13 e 14 do Anexo A desta pesquisa.

Marcuschi (2004:89)²⁹ propõem operações especiais para o tratamento dos turnos. O autor sugere três técnicas de transformação dos turnos:

Técnica I: manutenção dos turnos;

Técnica II: transformação dos turnos em citação de fala;

Técnica III: transformação dos turnos em citação de conteúdo.

No exemplo a seguir, podemos observar, como esclarece Marcuschi, “a eliminação dos turnos e introdução generalizadas das formas do discurso indireto”. (Id.)

6.6.1 Mudança do Discurso Direto (DD) para o Discurso Indireto (DI)

(17)

Transcrição	Retextualização
Anexo A	Anexo C
a) (278-80) AL - Um tipo de coisa, eu, cada um dos meus amigos e de toda as tribos dos decepcionados com o que tem o governo Lula, tem um momento bom. Cada um diz o momento onde houve uma sensação de ruptura, não é?	a) (13-15) AL - ... diz que toda a “tribo dos decepcionados” com o governo, como ele, tem sua crônica pessoal da desilusão.

Ao substituir o DD pelo DI nos segmentos acima, o repórter interfere drasticamente no conteúdo do enunciado a (transcrição). O entrevistado deixa claro estar decepcionado com “o que tem o governo Lula e não propriamente com o governo. O jornalista, além de eliminar a referência feita pelo entrevistado “ao momento bom” relacionado ao governo Lula, substitui o turno

²⁹ A esse respeito ver item 4.5 desta pesquisa.

“cada um diz o momento onde houve uma sensação de ruptura, não é?” por “tem sua crônica pessoal da desilusão.”

Podemos constatar, portanto, que o enunciado proferido pelo entrevistado teve uma transformação significativa para atender a requisitos da redação jornalística. Com isso, fica-nos evidente que, “o discurso relatado constitui uma enunciação sobre outra enunciação”. (Maingueneau, 2004:139)

6.7 O resumo com citações

Como já mencionado neste trabalho (1.5), as “Entrevistas da 2ª” do jornal *Folha de S. Paulo* são antecedidas por um texto introdutório contendo um breve perfil do entrevistado, resumo do assunto abordado, dentre outras informações. Trata-se de um texto narrativo que tem, segundo o diário, o intuito de explicar o assunto da entrevista, ressaltar aspectos biográficos do entrevistado contextualizando previamente o leitor.

A partir de agora nossa análise se voltará para esse resumo que antecede a entrevista, já que nele são publicadas informações relevantes, dadas pelo entrevistado ao repórter durante a entrevista.

Esse texto, no entanto, é organizado dentro do que Maingueneau (2004: 155) classifica como resumo com citações. Nesse modo de discurso relatado, freqüentemente utilizado pela imprensa, temos a restituição do “conjunto de um discurso já enunciado.”

Dito de outra forma, o jornalista faz um breve resumo dos assuntos tratados na entrevista, selecionando fragmentos do discurso do entrevistado, restituindo as mesmas palavras empregadas por ele, marcando esse discurso com aspas.

Selecionamos, abaixo, os trechos do resumo, nos quais verificamos o uso das aspas para os casos já mencionados em nosso referencial teórico. Cumpre-nos salientar, no entanto, que os segmentos aspeados foram selecionados pelo jornalista de maneira fragmentada e descontextualizada. Em quase todos os casos, o repórter preenche sua fala com um trecho do discurso do entrevistado.

(01)

a) Falência do governo Lula pode trazer uma **“onda reacionária”**.
(subtítulo Anexo C)

A principal acepção do termo “reacionária” (o), no dicionário”, é “aquele que defende princípios ultraconservadores, contrários à evolução política e social”. Empregado como caracterizador do substantivo “onda”, a expressão poderia ser interpretada como “ movimento de pessoas contrárias à evolução política e social, tumulto gerado por partidários políticos ultraconservadores, movimento intenso de reação ao governo etc. O que notamos, no entanto, em primeiro lugar, é que a construção desse enunciado é duvidosa. A única possibilidade seria uma referência ao seguinte trecho:

Onda reacionária, onda reacionária, a gente não deve ter medo das palavras, reacionária é uma palavra de Joaquim Nabuco usava no Abolicionismo, não é só uma palavra de marxista ou de leninista é uma palavra do vocabulário político mais legítimo. É uma coisa reacionária de raiva de pobre, de raiva de trabalhador que está no horizonte e isso é uma coisa que me deixou muito chocado. Eu viajei muito pelo Brasil aí uns dois meses e a gente sente isso.
(Anexo A, linhas 107-111)

Nesse caso, observamos uma discordância na construção do enunciado a, exemplo 1. Alencastro, na entrevista original, não utiliza a expressão “onda

reacionária” para referir-se à falência do governo Lula, mas sim à maneira de falar do senador do PFL Jorge Bornhausen, quando se referiu à esquerda política como raça. Portanto, a atribuição desse termo ao entrevistado, revela-nos a intenção do jornalista de conferir autoridade ao seu discurso, validar sua asserção. Aqui, podemos perceber claramente a posição de Maingueneau (2004:161) quando afirma que “muitas vezes, colocar uma unidade entre aspas significa transferir a responsabilidade de seu emprego a outra pessoa.”

(02)

b) Após uma temporada de dois meses no Brasil em crise, Luiz Felipe de Alencastro, professor titular de história do Brasil da Universidade de Paris-Sorbonne, vê por aqui espaço para **"uma onda reacionária"**, impulsionada pela falência do governo Lula e do PT. (Anexo C, linhas 1-4)

No exemplo b, podemos verificar a intenção manipuladora do jornalista ao repetir a expressão “uma onda reacionária”. Nesse trecho, fica evidente o uso das formas híbridas do discurso, a que se refere Maingueneau, freqüentemente utilizada pela imprensa para isolar um fragmento que o enunciador citante utiliza, menciona, emprega e cita. Dito de outra forma trata-se de um discurso indireto que contém algumas palavras atribuídas aos enunciadores citados. Com isso, afirma o autor: “para um leitor instruído, o jornalista prepara um produto que fale à inteligência desse público e atrás do qual ele se apaga.” (cf. Maingueneau, 2004:150)

(03)

c) Para Alencastro, a eleição do presidente metalúrgico representava uma tentativa de conciliação do país e o resultado negativo da experiência abre espaço para o que ele classifica de **"recalque boçal"**, simbolizado na frase do senador pefelista Jorge Bornhausen (SC) sobre a **"raça petista"**: É o retorno do recalque mais boçal do Brasil, da UDN de 1952,

que diz que **"pobre é pobre porque pobre é burro"**, que diz **"nisso que dá eleger um encanador e uma empregada doméstica para morar no Alvorada"**, afirmou. (Anexo C, linhas 5-8)

No trecho c, ao empregar as aspas, o enunciador parece querer “chamar a atenção do co-enunciador para o fato de estar empregando exatamente as palavras que ele está aspeando; salientando-as (...), abrindo uma brecha em seu próprio discurso.” (Maingueneau, 2004:161)

Além disso, podemos notar também a descontextualização decorrente da seleção informacional feita pelo jornalista. Alencastro não utilizou a expressão “recalque bossal” para referir-se ao resultado negativo do governo Lula, mas para referir-se às observações feitas por Bornhausen sobre a esquerda política, como podemos verificar no segmento a seguir.

Eu acho que essa frase é uma frase retórica política e ela não deve levar a maiores conseqüências. É uma frase que na esquerda é banal. Eu acho que a frase única e ela falou isso. Eu acho que a única frase grave que teve aí e que passou meio batida batida foi a frase do Bornhausen: nós agora vamos nos livrar dessa raça por muitos anos, não é? A maneira de falar da esquerda como raça; dessa gente como raça. Isso é um ranço profundo da UDN de onde o Bornhausen vem, da UDN mais reacionária e é isso que está no horizonte no fantasma do governo Lula e do PT. Não é simplesmente um retorno à situação anterior de uma preferência tucana civilizada. Não. É o retorno do recalque mais boçal do Brasil, da UDN de 1952, que diz que pobre é pobre porque pobre é burro. E é isso que dá eleger um encanador e uma empregada doméstica para morar no Alvorada. Então, essa é a frase trágica. Agora, querer encanar com a Marilena por causa dessa frase que é uma frase que dá para fazer até em torcida de futebol, eu acho que não tem gravidade nenhuma. (Anexo A, linhas 93-104)

Essa fragmentação da realidade que se faz presente em aspectos particularizados, por meio da “eliminação de uns e manutenção de outros e a descontextualização dos que permanecem são essenciais, assim, à distorção

da realidade e à criação artificial de uma outra realidade.” (Abramo,2003:28)
Neste caso, por meio dessa descontextualização informacional, o jornalista alterou drasticamente o conteúdo proposicional do enunciado.

Alencastro utiliza a expressão "recalque boçal" para descrever uma posição política baseada num partido que já não existe mais, a União Democrática Nacional (UDN), fundado em 7 de abril de 1945, frontalmente opositor às políticas e à figura de Getúlio Vargas e de orientação liberal. Partido político nacional, participou de todas as eleições até 1964, quando foi extinto pelo governo militar que assumiu o poder.

O termo “boçal” é empregado nos dicionários para classificar “aquele que é falto de cultura; ignorante, rude, tosco, desprovido de inteligência, besta, estúpido”. O uso da expressão “recalque boçal” pelo entrevistado poderia ser visto como uma crítica à posição política e ideológica do senador Bornhausen.

Já em relação à expressão “raça petista”, temos, em primeiro lugar, uma alteração no termo empregado originalmente por Alencastro, que usa a expressão “a maneira de falar da esquerda como raça”, expressão mais imparcial, pois não enfatiza o partido dos trabalhadores, mas a esquerda política brasileira. Em segundo lugar, é Alencastro quem faz menção ao termo usado pelo senador Bornhausen para referir-se à esquerda política. Em nenhum momento da entrevista o discurso do senador é claramente citado. Podemos comprovar, com isso, que “o ‘mesmo’ enunciado em dois lugares distintos corresponde a dois discursos distintos.” (Maingueneau,2004:54)

No caso dos dois últimos trechos aspeados em c "pobre é pobre porque pobre é burro" e "nisso que dá eleger um encanador e uma empregada doméstica para morar no Alvorada", vemos a clara intenção do jornalista em defender seu ponto de vista nesse enunciado: a experiência negativa do presidente Lula.

(04)

--

d) O historiador, que se define como simpatizando (*sic.*) do PT e do governo -"**Não acredite em cientista político neutro**"-, diz que toda a "**tribo dos decepcionados**" com o governo, como ele, tem sua crônica pessoal da desilusão. (Anexo C, linhas 12-15)

No excerto (04), exemplo d, a frase “Não acredite em cientista político neutro” não consta na entrevista transcrita, cedida para esta pesquisa pelo jornal *Folha de S.Paulo*. É importante salientarmos, no entanto, que em alguns momentos da transcrição, pode-se notar o excesso de reticências, provavelmente indicando a não compreensão do enunciado pelo jornalista. Entretanto, se o repórter não compreendeu o que foi dito na entrevista oral durante o processo de transcrição, não seria possível publicar uma informação tão precisa, entre aspas, atribuindo esse discurso ao entrevistado.

Poderíamos levantar a hipótese de que existe uma intenção manipuladora de idéias envolvida nessa atitude do jornalista, que se faz presente por meio da isenção de responsabilidade de autoria do discurso.

Já o segmento "tribo dos decepcionados" (exemplo d), evidencia mais uma vez a descontextualização e a distorção praticada pelo jornalista ao discurso proferido por Alencastro. No texto a seguir, podemos verificar que o repórter se utiliza de fragmentos de várias questões para construir um único parágrafo.

Um tipo de coisa, eu, cada um dos meus amigos e de toda as tribos dos decepcionados com o que tem o governo Lula, tem um momento bom. Cada um diz o momento onde houve uma sensação de ruptura, não é?

Folha – E qual foi a do senhor?

Alencastro – Uma foi a política econômica e a outra a política social, mas uma coisa que me deixou com mal-estar imediatamente, foi no dia da eleição. Já, quando veio o anúncio que ele tinha ganho a eleição. Ele foi falar, não sei se você lembra, ele agradeceu os eleitores, DD(?), e ao Duda Mendonça, lembra? (Anexo A, linhas 279-86)

(05)

e) Alencastro narra: o seu mal-estar com o governo começou no discurso de presidente eleito, na avenida Paulista, quando Lula agradeceu os eleitores, o PT e Duda Mendonça. **"Já é uma confusão que vem da origem, a idéia de que se pode fazer um contato com o povo por meio da televisão, que se pode entregar mãos e pés. Depois, caixa dois, paraíso fiscal, isso tudo é um pouco consequência."** (Anexo C, linhas 16-21)

No trecho acima, o discurso direto é usado como recurso argumentativo comprobatório do repórter, enfatizando que o mal-estar que o entrevistado sentiu com relação ao presidente Lula iniciou-se no discurso de posse, é como se ele Alencastro quisesse dizer: "As coisas começaram de forma equivocada e a consequência desse equívoco é o cenário político atual." Encontramos, neste caso, mais uma vez, a clara intenção do jornalista em não assumir para si a autoria do discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo analisar algumas estratégias lingüístico-discursivas utilizadas pelo jornal *Folha de S.Paulo* durante o processo de retextualização de uma entrevista telefônica transcrita para uma entrevista publicada.

Para a realização do trabalho, propusemo-nos a verificar, em primeiro lugar, as modificações decorrentes da passagem da transcrição para a edição final da entrevista jornalística, a chamada retextualização, considerando que essa passagem é uma atividade lingüística complexa, que produz alterações significativas no efeito de sentido dos enunciados. Para isso, procuramos identificar os principais fenômenos lingüísticos que ocorrem nas estratégias de eliminação, substituição, acréscimo, reordenação e de tratamento dos turnos. Baseando-nos, principalmente, nos estudos de Marcuschi (2003, 2004), Gomes (1995), Authier-Revuz (2001) e Maingueneau (1997, 2004) e comparando nossos *corpora*, pudemos confirmar que, em alguns momentos, essas alterações realmente existiram.

A análise mostrou modificações substanciais durante as operações retextualizadoras, possibilitando-nos verificar que o jornal interferiu de maneira decisiva na força ilocutória do discurso do entrevistado.

Assinalamos que a transformação da entrevista telefônica oral para a entrevista impressa descaracteriza-se no momento em que tem suas estruturas

de abertura e fechamento apagadas. Com isso, o jornalista transforma um gênero em outro.

Nas estratégias de eliminação, constatamos que as informações eliminadas não ocorreram somente para atender ao princípio da redução do volume de linguagem, às normas do jornalismo ou ainda à regularização lingüística ou discursiva. Verificamos, em nossas análises, que informações relevantes para o grau de fidedignidade informacional do texto foram suprimidas, comprometendo dessa forma o conteúdo global do texto, evidenciando, dessa maneira, a manipulação da notícia.

Quanto às estratégias de substituição, não notamos indícios de que elas tenham ocorrido com o intuito de adequação da linguagem ao leitor ou correção gramatical. Essas operações possibilitaram-nos verificar alterações e deturpações nos enunciados proferidos pelo entrevistado. Podemos afirmar, portanto, que em determinados momentos, o jornalista faz opções léxicas equivocadas, alterando substancialmente o discurso do entrevistado.

As estratégias de acréscimo, por sua vez, atendem a propósitos diferentes. Em alguns casos, baseado nas instruções do *Manual de Redação* do jornal (2006) no que concerne à utilização dos colchetes para evidenciar os acréscimos, notamos o cuidado do jornal em fazê-lo. Verificamos que em alguns exemplos, a intenção do jornalista foi de precisão nas informações, com o intuito de não deixar dúvidas ao leitor quanto às asserções do entrevistado. Já em outros, constatamos que, na tentativa de resumir as informações, o repórter acrescenta novas opções léxicas que acabam por alterar a essência do texto original.

As operações que envolveram as estratégias de reordenação deixaram evidentes as alterações de sentido dos enunciados, fazendo com que o leitor não tenha mais diante de si a informação tal como ela aconteceu.

A operação que mais evidenciou a manipulação do jornal ao discurso do entrevistado foi a de tratamento dos turnos. Ao produzir o texto introdutório que

antecedeu à entrevista publicada no formato pingue-pongue, o repórter faz uso do que Maingueneau (2004) classifica como “resumo com citações”, eximindo-se dessa forma, de qualquer engajamento do que foi dito por Alencastro. Notamos, em alguns casos, que o discurso direto é utilizado de maneira descontextualizada e fragmentada, fazendo com que o jornal apague o seu discurso por meio do discurso do entrevistado.

Podemos afirmar, portanto, que o repórter, ao fazer a passagem do texto transcrito para o texto publicado, precisa decidir o que vai ser publicado e o que deve ser destacado. Para isso, leva em consideração as normas de estilo da imprensa, os interesses do leitor, e do veículo para o qual trabalha, e não a essência do texto original, revelando, dessa maneira, o poder que a mídia exerce na manipulação da notícia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Perseu (2003). *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

ALTMAN, Fábio (1995). *A Arte da Entrevista: uma antologia de 1823 aos nossos dias*. São Paulo: Scritta.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline (2001). *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

BAKHTIN, Mikhail (1992). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6.ed. São Paulo: Hucitec.

BARROS, Diana Luz Pessoa de (1991). *Entrevista: texto e Conversação*. In: Anais do GEL. Franca.

_____ (2003) Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 6.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 147-178 (Projetos Paralelos – NURC/SP, 1).

BRAIT, Beth (2003). O processo interacional. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 215-244 (Projetos Paralelos – NURC/SP, 1).

DIAS, Ana Rosa Ferreira (2003). *O discurso da violência*. São Paulo: Cortez.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da C. V. de O; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de (1998). *Discurso e Interação: a Reformulação nas Entrevistas*. DELTA vol.14 special issue São Paulo.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da C. V. de O (1999). Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, Dino (org). *Estudos de Língua Falada variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 153-178 (Projetos Paralelos – NURC/SP, 3).

FOLHA DE S. PAULO (2006). Manual da Redação. 10. ed. São Paulo: Publifolha.

GARRET, Annette (1974). *A entrevista seus princípios e métodos*. Rio de Janeiro: Agir.

GOMES, Isaltina Mello (1995). *Dos laboratórios aos Jornais: um Estudo sobre Jornalismo Científico*. Dissertação de mestrado. UFPE, Recife.

GOFFMAN, Erving (1999). *A representação do eu na vida cotidiana*. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes.

HILGERT, José Gaston (2003). Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 6.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 117-146 (Projetos Paralelos – NURC/SP, 1).

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (2003). *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.

_____ (2004). *Argumentação e linguagem*. 9. ed. São Paulo: Cortez.

KUNCZIK, Michael (2002). *Conceitos de jornalismo: Norte e Sul*. 2. ed. São Paulo: Edusp.

LAGE, Nilson (2005). *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record.

MACHADO, José (1969). *Quando - A imprensa e notícia*. Vol. 2. São Paulo: Temário.

MAINGUENEAU, Dominique (1997). *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Cortez/Editora da Universidade Estadual de Campinas.

_____(2000). *Termos-chave da análise do discurso*. Trad. Márcio Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: Editora UFMG.

_____(2004). *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. De Souza-e-Silva, Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez.

MARCUSCHI, Luiz Antonio (2003). *Análise da Conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática.

_____(2004). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 5. ed. São Paulo: Cortez.

MEDINA, Cremilda de Araújo Medina (2002). *Entrevista o diálogo possível*. 4. ed. São Paulo: Ática.

MORIN, Edgar (1968). *A Entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e na Televisão*. Cadernos de Jornalismo e Comunicação, 11. Rio de Janeiro

PRETI, Dino (org.) (2001). *Análise de textos orais*. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP (Projetos Paralelos – NURC/SP, 1).

_____(2002). Alguns problemas interacionais da conversação. In: PRETI, Dino (org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 45 – 66 (Projetos Paralelos – NURC/SP, 5).

REY-DEVOVE, Josette (1996). *À procura da distinção oral/escrito*. In: CATCH, Nina. (org.) Op.cit. São Paulo, Ática, p. 75-90.

THOMPSON, John B. (2002). *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes.

URBANO, Hudnilson (2003). Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 6.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 93-116 (Projetos Paralelos – NURC/SP, 1).

ANEXOS

ANEXO A

ENTREVISTA COM Alencastro

1)**Folha** – Alô?

Alencastro – sim?

2)**Folha**- É....., da **Folha**.

Alencastro – Então,...

5 3)**Folha** – Podemos começar?

Alencastro – Podemos.

10 4)**Folha**- Então, vamos lá, o senhor sabe que a gente aqui está um pouco focada com o que vai acontecer na eleição do PT, e na questão dolá no Congresso, realmente, a entrevista(?) vai ser um pouco sobre essas duas coisas. Na avaliação do senhor qual a importância dessa eleição interna?É ,de fato, a prova dos nove ou o que tinha que acontecer com o partido já aconteceu e a eleição é depois do PT morto e acabado, sei lá? Qual a avaliação que o senhor faz do PT?

15 Alencastro – Eu acho que essa eleição é muito importante e um partido desse tamanho não acaba assim de uma hora para outra. É um partido que tem grande militância, é um grande número de eleitos e o que é interessante é também que, pela primeira vez no Brasil, há um
acompanhamento na imprensa e na opinião pública de uma discussão interna de um partido. Isso
nunca aconteceu no Brasil. Nunca vi isso dentro do PSDB ou do PFL, nem se fala da UDN, do
PTB, que eram querelas de pessoas, não havia debate de idéia. Então, isso mesmo se está
acontecendo pelas más razões, depois de o partido entrar numa crise grave, o fato de o partido se
expor à opinião pública numa eleição interna, numa eleição dos militantes e no sistema de debate
20 de idéias é um avanço na modernização da política brasileira.

5)**Folha**- O senhor acha mesmo que o processo eleitoral já foi conturbado, já teve a saída do ex-ministro Tarso Genro, o senhor acha que tudo isso está acontecendo às claras e por isso é importante?

25 Alencastro – Claro, eu acho importante eu, pessoalmente, lamento a saída do Tarso Genro, eu espero que haja uma recomposição mais adiante em que ele possa voltar, mas o fato de ele ter

estado ontem no ato da refundação, anteontem que foi não é? Do lado do Raul Pont e estar havendo essa predominância desse PT do rio Grande do Sul, que tem mais experiência, que queria lembrar, isso é um fato importante, eles governaram um Estado importante coisa que o PT de São nunca teve e o PT de São Paulo que dominava o partido é um PT, que como toda política paulista é dividido por querelas e isso é um ponto que o Vanderlei Guilherme apontou, não é? Uma certa desordem que nasce da política paulista, não porque São Paulo seja mais desordeiro que os outros estados, mas é porque é o Estado mais poderoso e com situações mais extremadas. É o Estado que é uma grande potência industrial, uma grande potência agrícola, do agrobusiness, aqui tem muitos ricos e muitos pobres. O interior é forte, a capital também. Tudo isso tem uma complexidade na política paulista que o custo da campanha para governador aí é altíssimo, mais do que qualquer outro Estado. Isso então, as apostas aí em São Paulo dos candidatos são muito altas, pesadas, complexas e isso desestabiliza todo o sistema partidário brasileiro. acho também que isso acontece do lado dos tucanos - até aqui entre nós, eu estou escrevendo um artigo sobre isso que eu até vou propor para a **Folha** depois.

6) **Folha** – Sobre a luta fratricida?

Alencastro - É,São Paulo, como é que, nos últimos 30 anos, a política paulista tem tido um embate com as vezes estruturante e às vezes desestruturantes da política brasileira. E, o fato do partido nunca aqui em São Paulo, quer dizer, o único Estado, porque o sistema presidencialista brasileiro, modelo como o americano. Modelo paradigmático é você ser presidente de uma grande cidade e ser governador de um grande Estado antes de ser presidente da República. Quando você vem de um Estado fuleiro como era o Arkansas de onde veio Lincoln, primeiro mandato ou como Carter que veio da Geórgia você se estrepa. O Lincoln apanhou muito no primeiro mandato e o Carter também. E o PT no Brasil o modelo paradigmático da carreira é o Juscelino Kubitschek não é? Por ser eleito prefeito de Belo Horizonte e governador de Minas. E o PT faltou o passo, o Lula em particular faltou vários passos.

7) **Folha** – Mas ao Fernando Henrique também faltou esses passos.

Alencastro – Exatamente, mas quando o Fernando Henrique ganha a eleição em 94, ele tinha quatro ou cinco governadores dos mais importantes do PSDB. A coincidência de mandato entre a eleição para governador e para presidente facilitou muito a eleição dele, porque ele elegeu governadores aliados ou do mesmo partido em Minas, São Paulo, no Paraná e no Rio.

8) **Folha** – Então, o senhor acha que, por exemplo, no caso do ano que vem, essa questão de eleger aliados vai contar decisivamente?

Alencastro – Eu acho que sim, o Lula já começou mal o mandato dele em 2002 porque só tinha o

Acre e um outro Estado pequeno, não é?

60 **9)Folha** – Mato Grosso do Sul?

Alencastro – Mato Grosso do Sul, quer dizer, isso não dá refresco para ele ser eleito nessas circunstâncias. Então, você não precisa ter governador, mas é importante que seu partido tenha bases fortes nesses estados não é? E tenha experiência de governá-los mental(?) e o Fernando Henrique tinha sido ministro da Fazenda antes, é outra coisa e isso...O fato é que – você estava
65 falando da eleição do ano que vem-, eu acho que essa é a principal vulnerabilidade do PT e nessa sentido as sondagens dão uma visão meio equivocada porque mesmo que o Lula ainda seja um candidato posicionado para uma eleição do ano que vem, mesmo que não tenha condição favorável, ele terá sempre um estoque aí de 30% dos votos,que é o estoque histórico dele e isso o põe no segundo turno, num pleito onde haja o Garotinho também, não é?Como o Garotinho vai
70 ser candidato é evidente que vai haver três candidatos, portanto mais de 20% dos votos e aí vai ter segundo turno. Nessa circunstância o Lula vai ter um handicap grave não só porque o PT está desmantelado, mas porque ele não tenha candidato forte, talvez só tenha em São Paulo em nenhum Estado. E isso torna a campanha muito complicada e muito cara, porque quem arma palanque nos estados, quem chama o eleitorado e quem fornece a logística da campanha são os
75 candidatos locais.

10)Folha – Entendo.

Alencastro – Então, a debandada dos aliados do PT e de candidato forte do lado do PT é um problema que vai tornar a campanha dele muito mais complicada do que tem sido até agora.

11)Folha-Agora,professor, o senhor falou dessa questão de São Paulo.São Paulo mesmo no caso
80 da eleição interna do PT São Paulo também é central, tendo uma disputa ligado à Marta, o grupo ligado a Mercadante, a questão das prévias eleitorais estarem bagunçando a eleição interna do PT, como é que o senhor vê isso?

Alencastro - Isso já tinha pesado até na eleição para a Câmara dos Deputados. Já estava subjacente aquela questão lá de apoiar ou não a reeleição do João Paulo, acabou
85 desestabilizando, só foi na última hora que não houve acordo e que o Greenhalg foi chamado noe é isso que está por trás da eleição do Severino. Essa querela.....paulista, que paralisou essa iniciativa do.....Agora, mas eu acho que a presença do Rio Grande do Sul e volto a afirmar a presença do Raul Pont e do Tarso Genro na mesma mesa da refundação, eu acho uma coisa de bom agouro.

90 **12)Folha** – Falando exatamente desse evento aqui dessa semana, eles estão, enfim, o Antônio.....

ainda estava lá,.....a Marilena e falou da passagem que a gente publicou sobre o PT e era o principal motor da democracia. O senhor concorda com essa frase?

95 Alencastro – Eu acho que essa frase é uma frase retórica política e ela não deve levar a maiores conseqüências. É uma frase que na esquerda é banal. Eu acho que a frase única e ela falou isso. Eu acho que a única frase grave que teve aí e que passou meio batida foi a frase do Bornhausen: nós agora vamos nos livrar dessa raça, por muitos anos, não é? A maneira de falar da esquerda como raça: dessa gente como raça. Isso é um ranço profundo da UDN de onde o Bornhausen vem, da UDN mais reacionária e é isso que está no horizonte no fantasma do governo Lula e do PT. Não é simplesmente um retorno à situação anterior de uma presidência tucana civilizada. Não. 100 É o retorno do recalque mais boçal do Brasil, da UDN de 1952, que diz que pobre é pobre porque pobre é burro. E é isso que dá eleger um encanador e uma empregada doméstica para morar no Alvorada. Então, essa é a frase trágica. Agora, querer encanar com a Marilena por causa dessa frase que é uma frase que dá para fazer até em torcida de futebol, eu acho que não tem gravidade nenhuma.

105 13)Folha – Entendi, o senhor, então, teme, por exemplo, até eleitoralmente, o senhor fala assim: do clima do país, essa direitização, essa onda conservadora ou...

Alencastro – Onda reacionária, onda reacionária, a gente não deve ter medo das palavras, reacionária é uma palavra que Joaquim Nabuco usava no Abolicionismo, não é só uma palavra de marxista ou de leninista é uma palavra do vocabulário político mais legítimo. É uma coisa 110 reacionária de raiva de pobre, de raiva de trabalhador que está no horizonte e isso é uma coisa que me deixou muito chocado. Eu viajei muito pelo Brasil aí uns dois meses e a gente sente isso.

14)Folha – A minha pergunta é: esse clima o senhor acha que é uma coisa difusa ou que é também um risco eleitoral?

Alencastro – O risco eleitoral disso é isso polarizar em torno do garotinho, não é? Porque aí é o 115 populismo eschachado com a coisa evangélica, que é uma coisa moralista e de clientelismo, aí sim para valer, clientelismo corporativo. Eu acho que esse é um outro problema que surge no horizonte. Por isso essa coisa toda de... Eu acho que a direita mais inteligente, os conservadores mais inteligentes também não têm interesse em ver desaparecer nem PT e nem Lula sair do horizonte não.

120 15)Folha – Agora, o senhor falou assim: esse clima que se.....é uma coisa social, também? O senhor acha assim nos discursos cotidianos que, além de político, para o clima do país ruim?....., enfim, eu estou perguntando se é mais do que um problema político eleitoral, o senhor vê isso?

Alencastro – Eu acho que isso tem que existir um pouco, estar aí em blog e coisa a gente vê isso

também, mas isso existiu por causa de uma tensão social sempre muito forte no Brasil, que
125 extravasa pelo lado da criminalidade, mas que é um fato que faz parte de uma aliança objetiva da
classe média com os ricos com medo dos pobres. É um mecanismo que tinha no apartheid da
África do Sul e que pode ter nesse prot(?) apartheid. Você tem medo do cara que você está bem
próximo e você se vira para o outro lado, para quem está mandando sarrafada neles. Então,
130 controla por isso. É uma coisa insuportável. Outro dia estava uma pessoa me contando tem um
prédio de São Paulo, de 20 andares, que tinha 40 seguranças, permanentemente 20 fora e 20
dentro, um por andar. Isso deve ser uma coisa inédita ter quarteirões aí em São Paulo se você
somar,.....de segurança no quarteirão deve dar 300, 400 pessoas. Isso só cego que não vê que
essa situação, a médio prazo é inviável.

16)**Folha** – Em que medida o senhor acha que esse clima de crise pode contribuir para a
135 exacerbação desse elemento(?), que o senhor fala? Ou.....uma coisa da outra?

Alencastro – Eu acho que num certo sentido, as duas coisas, o governo Lula já teve dois
momentos que mostrou mais maturidade do que os seus inimigos atribuem porque:primeiro,
apesar de haver ensaio aqui e ali, houve uma mobilização de tipo chavista para tentar intimidar o
Congresso e a Imprensa, não é? Não faltou gente que pensou nisso ou que tentou montar, mas
140 não foi adiante. E essa estratégia não está no horizonte, isso foi desautorizado pelo presidente, foi
desautorizado por Marco Aurélio Garcia, por Dilma, pelo ministro da Justiça, imediatamente.

17)**Folha** – Mesmo com os discursos do Lula que foi apontado,por exemplo, como essa questão
de falar das elites contra ele, mesmo assim o senhor acha que.....

Alencastro – Não, ele podia muito bem participar de comício e ir em frente,é outra coisa. É
145 uma radicalização disso. A coisa da falação ficou aqui, ali, a coisa de pichar deu uma derrapada
aqui e ali,mas não há uma mobilização. Não é coisa para chamar, por exemplo, os funcionários da
Petrobrás, de.....como havia na atmosfera do final do governo Jango, não é?

18)**Folha** – Entendo e...

Alencastro – Ir para a manifestação, mobilizar ônibus e tal.então isso não houve e ...

150 19)**Folha** – Esse é um momento e o outro que o senhor falou?

Alencastro – O outro momento foi quando a oposição e os nomes que estão lá das pessoas todas,
é só ver, os tucanos, mais os Bornhausen, mais a Luiza Helena, o PSOL, votaram a proposta do
Antônio Carlos Magalhães, salário mínimo a R\$ 380. O governo ali podia ter dito: ah, é assim?
Então, nós vamos passar para R\$ 450 arrebenta tudo.Inclusive, porque foi apresentado do jeito de
155 deboche, o senador Antônio Carlos Magalhães veio dizer que os fundos, quando lhe perguntaram

na Globonews de onde que ia sair o fundo do orçamento para pagar esse aumento. Ele disse: o Marcos Valério sabe, quer dizer, deboche total e o governo corrigiu o tiro no dia seguinte e não praticou uma política de avacalhação orçamentária já que era tudo isso, que estava sendo proposto. Então, eu acho que esses momentos são momentos que poderia ter havido um populismo orçamentário, dava uma baixada na taxa de juro agora de 3%, enfim, as possibilidades são muitas. Isso já aconteceu no Brasil em véspera de eleição, muitas vezes, esse tipo de picaretagem orçamentária. Não é o que está acontecendo.

20)Folha–Os petistas estão baixando assim,estão comparando essa trajetória com outros partidos de.....,europeus, enfim, que também passaram por momentos de crise. Primeiro, eu queria saber se o senhor vê um paralelo mesmo desse momento de crise com outras crises com outras crises já feitas por outros partidos na história e qual,se é possível discutir um projeto diferente.Nós discutimos um projeto agora, mas o senhor falou que, enfim, o orçamento apertado, as propostas que o Raul Pont defende.....é algo que hoje no país é visto como temerária, enfim.

Alencastro – Claro, não, a primeira pergunta sua eu estava pensando nisso quando eu falei do retorno da coisa mais reacionária porque era prática.....,ele tinha dito que ia ser igual do Partido socialista Espanhol,que tem uma eleição e que ficou dez anos fora do poder, não é? Que ia acontecer isso com o PT e o Lula.Comparando os cinco anos.....Ele demorou dez anos até virar Zapatero.Mas, eu acho que no Brasil é pior, porque na derrota do Felipe Gonzáles não vieram de novo os franquista,não é?Não veio a coisa mais autoritária da Espanha,o Franco ou os partidários do Franco. Veio uma direita mais.....No Brasil, a direita é ruim de voto, o que vem é esse reacionarismo udenista mais antigo, essa coisa reacionária de raiva de pobre. É isso que ela.... Então, acho que a situação aí é meio inédita. Não dá para comparar com os países europeus porque as relações sociais no Brasil,o destino(?) social está muito esgarçado e uma derrota desse tamanho no movimento sindical, do Lula, da esquerda, do PT é uma derrota que pode ter consequência de muito mais longo prazo. Isso é a primeira coisa.

A outra coisa: se há espaço para a política de esquerda?Visivelmente a crítica principal,porque precisa agora lembrar esse pessoal do PSOL votou contra o governo e queria fechar o Banco Central. É outra coisa. Não é porque estava havendo corrupção do sistema eleitoral ou que estava havendo mensalão, nessa época ninguém sabia. Então, quando a senadora diz: dou graças a Deus de estar saindo,ela está falando de outra coisa.Juntou agora num pacote só a gente que era contra a política econômica do governo, o que é legítimo, mas as alternativas propostas não tem tido validade, inclusive, as críticas que foram feitas são infundadas, dizendo que o Brasil ia cair numa recessão e tal. Agora,está se comparando que ele está crescendo menos que outros países emergentes, mas isso é uma comparação nova que se fez. Nunca se fazia isso no Brasil porque nem tinha países emergentes crescendo tão forte. O que tinha era a Coréia só e a Coréia era uma colônia japonesa até a Segunda Guerra Mundial. Depois ela foi dominada até meados do século 20. Essa situação é muito diferente. O que interessa saber hoje e o que o governo certamente

195 pode demonstrar é que está crescendo mais que no governo anterior. É com isso que as pessoas
comparam. Não é à-toa que o presidente Fernando Henrique Cardoso tem um índice de rejeição
de 70% incompreensível. Incompreensível não no sentido de compreender, mas no sentido que
ele não se reduz ao longo desses últimos censos. Então, o que a população vai comparar é isso.

21)**Folha** – Sim e o mérito, já que se fala no senso comum, no debate mais comum se fala política
mesmo ele não mudou, onde está o mérito então da política do governo Lula para...?

200 Alencastro – Não, eu acho que tem havido também não só – o que se diz realmente é que é da
conjuntura internacional, não é? Desfavorável...

22)**Folha** – Hum hum, é isso.

205 Alencastro – Mas isso precisava ter havido uma boa administração, mas não é só isso. Eu acho
que ainda há outros dois pontos positivos no meio do desastre todo, que é o Sistema da Bolsa
Família. Outro dia, foi até a **Folha**, que publicou com relatório da MB Associados, Mendonça de
Barros, que os dois diretores são ex-ministro e ex-funcionário do governo Fernando Henrique,
então, são insuspeitos, não é?

23)**Folha** – Entendo.

Alencastro –você sabe, não é? O negócio do...

24)**Folha** – Ta sei.....bonificação e tal.

210 Alencastro – Desenvolvimento e tiveram no BNDES e tal. E, esse programa atinge 6,5 milhões de
famílias pobres, que é 54% do universo das famílias pobres no Brasil e eles disseram que essa
transferência.....está sendo excessiva e está havendo um aumento vertiginoso, o adjetivo é
deles, das vendas de produtos baratos.

25)**Folha** – Entendi. Aumento vertiginoso de produtos...?

215 Alencastro – Aumento vertiginoso de produtos de baixo valor agregado, quer dizer: é comida, é
sapato é produto barato é esse troço. Porque a miséria rural, não é tão complicada de dar uma
melhorada. O problema é a miséria urbana, não é? Mas, então, eu acho que isso está andando,
isso, aliás, não foi o governo Lula que começou, o governo Lula aperfeiçoou, unificou uma série
de mecanismos como bolsa-escola, bolsa-alimentação, auxílio ao gás, que já havia no governo
220 anterior do Fernando Henrique e mesmo antes, mas ele unificou e deu melhor gestão a isso.

E a outra coisa que eu acho é positiva é a política externa. Nesse sentido eu fico acho que é meio
estarecido, porque há uma ou desinformação ou má-fé. O ministro Celso Amorim tem levado
pancada como um trapalhão, que está indo direto ao fiasco, mas não é a opinião internacional
sobre isso, não. O “Financial Times”, do dia 1º de setembro fez editorial sobre a posse do Pascal
225 Lamie(?), na OMC, e elogiou o Amorim e dizia que o Lammie(?) devia escutar o Amorim. Agora,
saiu um anúncio hoje de que os representantes da União Européia, dos Estados Unidos, da Índia
e do Brasil vão se reunir para relançar as negociações da rodada deEstá no Uol aí no
noticiário você pega sem problema. O fato também das instituições dos grandes bancos,
associação que reúne os grandes bancos dizerem para o G-7 incorporar também o Brasil, a
230 China, a Rússia e a Índia. Isso também está no noticiário aí, recente.

26)**Folha** – Isso o senhor credita também a essa habilidade da política externa?

Alencastro – Eu acho que sim, eu acho..... a idéia de fiasco. Se fosse idéia de fiasco ninguém
estava chamando para reunião com a União Européia, a Índia e os Estados Unidos. A diplomacia
não se faz por contabilidade escrita e de conta imediata. Quando o Itamaraty tomou a iniciativa
235 inédita de reunir os países árabes em Brasília, veio gente perguntar quanto foi o contrato,
comparando o custo dos gastos de hotel, com os contratos que não saíram logo. Você conhece
não é? Ou o país se mete no comércio internacional com jeito e a entrada das mercadorias, das
exportações brasileiras na China, na Ásia e no Oriente Médio, é o fato mais importante do pós
guerra, porque eram mercados onde não havia um prego brasileiro lá, um frango. Você tem que
240 fazer isso com uma estratégia de médio e longo prazo, quebra de fachada, ironias(?), às vezes
falha, às vezes vai e volta atrás, às vezes erra, às vezes acerta, mas o peso do Brasil é um peso
efetivo.

27)**Folha** – A minha primeira pergunta é essa coisa do espaço para a política de esquerda. Então,
para além de um projeto de esquerda, por exemplo, quemuita gente e o que.....o que
245 oproporia. Eu queria ouvi-lo sobre isso, assim.

Alencastro – Ah, bom, eu acho que tinha que ter uma política social mais ampla,é muito
importante, mas tem que ter uma política muito mais ampla e dejunto às populações mais
desassistidas, porque você vê que é uma coisa incrível que o presidente Lula e a mulher dele, que
no dia da eleição, o Lula fez aquelas coisas de levar todos os ministros para uma cidade pobre,
250 lembra?

28)**Folha** - Lembro, lembro.

Alencastro – Atravessando o rio da Amazônia e tal...

29)**Folha** – A caravana da miséria assim.

Alencastro – É, aquele troço, nunca eles deram uma descida foram para as favelas e há lugares
255 no Rio, onde a presença do Estado brasileiro não é mais admitida. Outro dia tinha um noticiário aí
de que a polícia não queria ir buscar um carro roubado numa favela do Rio que era muito
perigosa, por que é completamente fora da lei. Há massacres, há chacinas, há deficiências de
hospitais e tudo e não há condição de você ver um presidente como esse, vivendo por dentro
esses problemas de.....,por ter vivido, não via...Já existia no governo Fernando Henrique
260 Cardoso,a gente pensava que fosse não ter isso por causa de uma aproximação intelectual do
problema .O casal era de universitários e dona Ruth era.....e socióloga e continua essa distância.
Isso é uma coisa grotesca,não existe na Europa. Aqui no Natal os primeiros-ministros vão para os
hospitais, vão ficar do lado dos mais desfavorecidos. As coisas simbólicas que foram feitas na
Inglaterra, najá escreve.....vítimas.....escabrosos. E essa coisa existe uma
265 política de ...Agora, evidentemente, um dentista mais atilado.....poderia responder que isso seria
coisa.....muitas dessas coisas, mas já há uma ausência de política social que, de qualquer
maneira, ia ter dado.....

30)**Folha** – O senhor fala das associações(?) mais simbólicas, mas não corre o risco de ser
confundida , aqui no Brasil com algo populista ou com medo do populismo há um recolhimento ou
270 não?

Alencastro – Há uma maneira mais discreta de fazer isso. Essas coisas, evidentemente, você vai
lá para açular o eleitor, não é por aí, mas há uma maneira mais discreta de fazer essas coisas,
depois de acontecer e deixar saber que foi e coisas que não tenham esse show-off imediato.Vou
dar um exemplo aqui quando a extrema direita aí numa manifestação empurrou um árabe na beira
275 do....., o cara se afogou. O Mitterrand foi lá, dois dias depois, onde o garoto tinha se afogado e
jogou uma coroa de flores. Tinha uma câmera que filmou e aquilo só saiu algum tempo depois. Só
tinha ele. Um gesto simbólico, não tinha ninguém é hora de dar vários gestos: eu sou presidente
da República, isso é o fim do mundo e eu me solidarizo com essa vítima. Um tipo de coisa, eu,
cada um dos meus amigos e de toda as tribos dos decepcionados com o que tem o governo Lula,
280 tem um momento bom. Cada um diz o momento onde houve uma sensação de ruptura, não é?

31)**Folha** – E qual foi a do senhor?

Alencastro – Uma foi a política econômica e a outra a política social, mas uma coisa que me
deixou com mal-estar imediatamente, foi no dia da eleição. Já, quando veio o anúncio que ele
tinha ganho a eleição. Ele foi falar, não sei se você lembra, ele agradeceu os eleitores, DD(?), e
285 ao Duda Mendonça, lembra?

32)**Folha** – No discurso da Paulista?

Alencastro – É, imediatamente agradeceu ao Duda Mendonça. é uma coisa inédita da esquerda. Isso é coisa socialista. Então, minha avó inventou a bicicleta a vela, porque é uma coisa tão estarrecedora. Eu estava nos Estados Unidos vendo aqui a televisão, sozinho, eu fiquei chocado.

290 33)**Folha** - O senhor acha que é um pouco fora dodo.....?

Alencastro – Não, eu acho que já é uma confusão que tem na origem de achar que você pode fazer um contato com o povo através da tela de televisão, através de uma publicidade bem feita. E isso vem de lá.

34)**Folha** – Entendo.

295 Alencastro – Entregar as mãosDepois o fato de vir pelo Caixa 2 de paraíso fiscal é um pouco conseqüência. Eu tenho amigos do Rio Grande do Sul e de São Paulo que acharam esquisito, por exemplo, o PT faz dez anos que ninguém me pedia dinheiro para a campanha, entendeu? A partir do momento que o PT parou de pedir dinheiro para a militância houve um problema já que se colocou: o que está havendo aí?

300 35)**Folha** – O senhor falou que erana sede. Agora, sem o Duda, aí precisa propor uma estratégia, vir a público, dar explicações. Acho que desta vez o governo refina(?) essa ausência ou?

305 Alencastro – Ah, total, desde que começou a crise não houve um movimento ofensivo, vamos dizer, todos são defensivos. Todos. Todas as palavras. O único movimento ofensivo do PT, do governo foi aquela medida do Tarso Genro dizendo que quem renunciasse ao mandato de deputado estava renunciando também a ser candidato pelo PT. Esse foi o único momento em que o PT retomou a ofensiva. Aquilo é uma coisa exemplar, sadia como modelo e até aí, ele teve que recuar um pouco. Então, realmente, não entender, quer dizer, acho que o pessoal não entendeu, acho que essa é a frase chave do sucesso da.....O PT não pode ser um partido como os outros
310 não o deixam ser como eles.

36)**Folha** – Mas há outras, principalmente...

315 Alencastro – A questão do financiamento da Caixa 2. O PT, não é que o PT não devia ter feito isso porque ele é moralista e ele era contra e tal. Essa é uma visão um pouco cândida da política. O que eu diria é que o PT não pode fazer como os outros partidos fizeram para se divorciar, porque os outros não o deixam ser como eles, fazer o que eles fizeram.

37)**Folha** – Ah, entendi.

Alencastro – E é nesse sentido que ele teve, essa lição ele tirou na economia. Ele foi o mais rigoroso do que teria sido o governo Fernando Henrique. E da outra questão do financiamento do partido, eles tiveram a ingenuidade terrível, talvez, porque na cabeça do Zé Dirceu o.....era meio equivocada da sociedade brasileira, de achar que a direita brasileira era DOI_CODI ou...

- FINAL DO LADO 1 DA FITA 1 –

38)**Folha** – Entendo. O senhor falou do Dirceu aí o senhor está falando dessa confusão no PT. O Dirceu continuou no partido está na chapa, é um elemento na eleição interna. Como o senhor vê isso?

Alencastro – É o fim do mundo, aquele texto que ele fez se defendendo, o artigo que ele escreveu na **Folha**, não é? é uma defesa inteiramente bacharelesca e uma defesa baseada na presunção de inocência. Não tem um milímetro de reflexão política, sem falar os disparates que ele disse, que quando começou a crise, que era luta de classe. Luta de classe nessa altura do campeonato, quando você faz uma política econômica que é complicadamente uma política que tem o apoio dos banqueiros até porque você acha que no final ele vai criar emprego e dar dividendos posição mais segura e que outra política é arriscada – não estou nem discutindo isso – eu não sou um crítico feroz da política econômica, mas você chamar isso depois quando te atacam por uma corrupção de luta de classe é o fim do mundo. É igual o Severino agora vir dizer que está sendo perseguido porque é nordestino.

39)**Folha** – E o senhor acha que ele pode, demonstrou que tem, pelo menos, poder de pressão ainda dentro do PT, o senhor imagina que ele vai ter.....eleitoral ou que esse poder vai ser posto pelo menos em prova agora?

Alencastro – Bom, eu acho que, de qualquer maneira, ele dificilmente escapará de uma cassação, então, ele estaria fora do partido e fora da executiva automaticamente. Mas, ele disse para mim que está com um cálculo muito mais personalista aí, muito mais ligado aos seus próprios interesses do que aos interesses do partido. Isso é uma coisa ao contrário do prefeito Serra que, há pouco tempo, na **Folha** deu uma entrevista chamando o PT de tradição bolchevique populista, alguma coisa assim, não sei como ele falou, mas era algo deDe bolchevique isso não tem nada, de você querer que o partido se afunde do que recuar de situações em que você está comprometendo todo mundo, isso não existe. Não é da tradição desse.....O Delúbio ir agora a Justiça, depois de confessar que tinha feito um crime, que era o que ele chama de recursos não contabilizados, que é literalmente o Caixa 2 e que, sem conhecimento do partido e dos eleitores e

eu acredito na honestidade de que disse que não sabia como o senhor Mercadante, como o Tarso Genro e os outros, o fato dele estar depois indo para a Justiça porque o advogado dele acha que não foi respeitadaisso é uma coisa que está, realmente, fora de qualquer parâmetro. isso é um absurdo muito grande. Tem que ir para casa e encerrou o assunto.

40)**Folha** – Agora e que está acontecendo um manobraço, atualmente, internamente ainda?

Alencastro – Claro, claro, claro é um bando de delinqüentes no sentido etimológico da palavra e é o que estão manobrando ainda dentro do partido. Isso não pode continuar.

41)**Folha** – Agora, essa semana houve a primeira cassação que foi a do Roberto Jefferson.O caso Severino se complicou. O senhor acha que abaixas na crise o tempo de cassação ou extra.....ou político continuam as que eram esperadas no começo ou sacrificadas assim serão os que já estão postos assim?

Alencastro – Eu acho que é difícil agora recuar dessa situação de uma cassação dos casos mais escrachados, de culpabilidade mais evidente e eu acho que o Supremo aí esse recurso que estão sendo postos, do Jefferson e tal não irão adiante ali e que também se trata de um processo da Comissão de Ética. Você pode, foi o caso do presidente Collor até, ele acabou ganhando na Justiça a questão da inculpação da corrupção, mas do ponto de vista ético, ele já estava comprometido. Você pode não cometer crime nenhum, mas você chega bêbado no Congresso todos os dias e tira a roupa, isso não é crime, mas é uma falta de compostura, que serve para perder o mandato. Não é por aí. Um representante do eleitorado tem que ver a compostura com o cargo. Se ele.....desse jeito então ele está fora. Então, o recurso do Supremo, na base dejurídica não me parece que o Supremo vá enfrentar o Congresso numa briga dessas.

42)**Folha** – Entendo, o senhor acha que, assim, é transferir a briga para os tribunais, que isso começando uma vez na Câmara é difícil...?

Alencastro – Ah, eu acho que sim. Não, não pode ser(?) exemplo.

43)**Folha** - O senhor vive aí, mas passou um tempo aqui esses últimos dois meses. O senhor vê, já teve alguma repercussão internacional a imagem do PT ou do Lula ou que pode.....a América Latina ou que fluxo daquela onda vermelha que falavam?

Alencastro – Isso, olha, eu vi gente mais forte, o ministro da Espanha também, ouvi gente da Inglaterra, isoladamente, em todo lugar. Agora, enquanto não houve uma... O caso de corrupção propriamente dito, visando, metendo a mão no dinheiro em benefício próprio é relativamente restrito. Alguns casos só, por enquanto. Enquanto não aparecer alguém com uma conta do Lula

na Suíça ou nas Ilhas Cayman, enquanto não caracterizar uma situação do tipo Maluf, isso se define no campo da fraude para financiamento do partido e esse é um tipo de delito que já aconteceu nas Bahamas em escala menor, mas já aconteceu. Na Alemanha, com Helmut Kohl; na Itália, com Benito Craxi(?); com, na França, partido do presidente Chirac e mesmo no OS houve problemas, teve gente que perdeu o mandato também e.....Então, por outro lado, na situação internacional há um certo realismo nesse país emergente. Então, se você pegar a China, a Índia, o Brasil e osão países mais complicados. A China é inteiramente self(?), ela joga só o jogo dela. A Índia é um país muito mais protecionista do que o Brasil nas negociações internacionais. A Índia protege muito a indústria dela e protege a agricultura também, então, ela não está o tempo todo disposta a negociar como está o Brasil. O Brasil é um parceiro do ponto de vista internacional muito mais.....da União Européia do que qualquer outro, incluindo, a Argentina. Agora, tem firma francesa abandonando a Argentina porque a firma da Suez, que controlava a água e eletricidade lá estão caindo fora, porque eles não deixam aumentar a tarifa e houve uma desvalorização já enorme. Então, o governo aparece como um parceiro confiável(?) nas negociações internacionais. Foi o que disse o “Financial Times” na posse, eu estava aqui.

44)**Folha** – Então, por hora há um realismo nessa avaliação?

Alencastro – É, é, agora a militância fica perplexa de como é que isso aconteceu tão rápido, esse comprometimento do partido, já no meio do primeiro mandato, enterrado até o pescoço numa confusão dessas.....

45)**Folha** – Agora, o senhor acha, assim, vislumbrando uma vitória, por exemplo, do campo majoritário no PT, o senhor imagina que possa haver um racha, assim?

Alencastro – Ah, eu acho que sim, tem gente que, o próprio Waldir....., disse que vai sair. Eu acho que em alguns estados tem gente que também pode.....direito de sair. Eu acho que.....

46)**Folha** – O senhor falou.....

Alencastro – É oEle vai perder, muita gente vai sair.

47)**Folha** – Ah, então, eu digo assim, a saída de um bloco grande, assim,.....por exemplo.....

Alencastro – Acho que sim, isso, isso, eu acho que sim.....a situação, que vai demorar algum tempo para see que não sesó.....

48)**Folha** – Entendo, professor a última pergunta, a não ser que o senhor queira tocar em algum ponto que, eventualmente, eu não tenha falado.

Alencastro – Tá.

410 49)**Folha** – Já se viu, se falou muito da crise sobre sistema político, sobre procuração(?) eleitoral que vem aí com as mesmas regras. Se vê que não vai dar tempo mesmo em 2006 vai rolar com as mesmas regras de hoje. O senhor acha que vê como alguns, o senhor tem falado,.....na democracia, surpresas eleitorais, candidatos fora do escopo que a gente está imaginando?

415 Alencastro – Não, quer dizer, eu sou favorável ao sistema de voto distrital.....que ocorre na Alemanha agora, que o eleitor elege, vota duas vezes numa mesma lista, da cidade e outra no distrito próximo não é? Porque é isso que está criando umas campanhas eleitorais caríssimas. Se
420 você tiver que fazer eleição só em três bairros em São Paulo.....não vai emtem mais campanha, Mitterrand era eleito deputado numa cidade.....É outra coisa, você pode lidar com o eleitor local de outro jeito. Acho que esse é o problema. Eu estava falando para você da do Benito(?) Mauro é um pouco procedência disso. A jogada de São Paulo são tão pesadas
as apostas,.....são tão altas que eles acabam impondo sobre toda estratégia nacional do partido e essa briga desorganiza o partido inteiro.

50)**Folha** – Ah, os partidos se entendem?

425 Alencastro – Os partidos se entendem e eu espero que o PT também, como já está dando para ver agora. Está havendo um embate aí subterrâneo e São Paulo tem três candidatos do PSDB à Presidência.

51)**Folha** – O senhor coloca oa presidência também?

Alencastro – ah, sim.

52)**Folha** – Ih!

430 Alencastro – Eu conheço um pouco.Não me enganei nem um desde o primeiro dia. Evidentemente, que ele não vai pôr a cara para bater.....Quando você vê, em 89 os sete primeiros candidatos à presidência, cinco vinham de São Paulo. Isso ocorre o tempo todo. É um Estado onde é difícil haver uma hegemonia num certo partido, num certo grupo, num campo ou no outro. Noaparece sempre candidato de todo lado.

53)**Folha** – E o prejuízo aqui para parado resto do país, enfim?

435 Alencastro – Isso complica muito a vida política partidária, as alianças, agora vai haver a desvinculação partidária de novo, não é? Eu acho que são questões complexas...

54)**Folha** – Claro.

Alencastro – A gente, por exemplo,de voto distrital a maneira de fazer isso é complicadíssima, precisa de um recenseamento bem em dia, precisa de fazer projeções do tamanho que teria o distrito. Isso dá uma briga E que países que têm distritos, sempre tiveram distritos já desenhado, quando se trata de modificar o distrito é uma briga desgraçada. Aqui demoraria uns 15 anos para implementar. Não dá para ficar pensando em reforma que tenha que ser implementada para dois anos e pouco. A coisa tem que começar a ser feita agora. Isso um fato.

55)**Folha** – Entendo, professor, deixa eu alguma coisa agora que o senhor acha importante, interessante comentar, que ...

Alencastro – Eu acho que a questão do fundo e isso eu tenho medo de falhar e esse resultado seja um retorno ao Brasil do próprio apartheid do reacionarismo brasileiro mais entranhado na classe média. Tem medo de pobre, medo de negro, medo de trabalhador, distância de empregado.

56)**Folha** – Nesse sentido o governador, pelo menos a eleição do Lula.....conciliação?

Alencastro – Ah, sim, ele é o grande conciliador. Ele éisso é uma coisa grave para a sociedade brasileira.

57)**Folha** – Professor, vou fazer uma pergunta assim, o senhor me falou um pouco dessa proximidade, que conversa muito com petistas filiados, o senhor não se considera simpatizante do PT?

Alencastro – Eu sou, eu sou sim.....simpatizante do PT.

58)**Folha** - Entendi, só para ficar claro, porque...

Alencastro – Claro, claro, do governo Lula, eu acho importante..... eu tenho..... político.....

59)**Folha** – Está bom, professor, muito obrigado pela entrevista e deve sair no domingo ou na segunda esse material.

Alencastro – Se tiver alguma dúvida você.....

465

60)**Folha** – Claro, eu te mando um e-mail. Eu acho que alguém me passou o e-mail do senhor. lufa, não é?

Alencastro – Isso.

61)**Folha** – Está bem, eu mandou se eu tiver alguma dúvida. Muito obrigada, tchau, tchau.

Alencastro -

ANEXO B : Entrevista retextualizada veiculada no site da *Folha de S. Paulo*



FOLHA DE S.PAULO | ÍNDICE GERAL

Concepção e Gravidez depois dos 35 anos



São Paulo, segunda-feira, 19 de setembro de 2005

FOLHA DE S.PAULO **brasil**

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

ENTREVISTA DA 2ª

LUIZ FELIPE DE ALENCASTRO

Historiador teme o retorno do recalque udenista com seus preconceitos contra os pobres e os negros

Falência do governo Lula pode trazer uma "onda reacionária"

FLÁVIA MARREIRO

DA REPORTAGEM LOCAL

Após uma temporada de dois meses no Brasil em crise, Luiz Felipe de Alencastro, professor titular de história do Brasil da Universidade de Paris-Sorbonne, vê por aqui espaço para "uma onda reacionária", impulsionada pela falência do governo Lula e do PT.

Para Alencastro, a eleição do presidente metalúrgico representava uma tentativa de conciliação do país e o resultado negativo da experiência abre espaço para o que ele classifica de "recalque boçal", simbolizado na frase do senador pefelista Jorge Bornhausen (SC) sobre a "raça petista":

"É o retorno do recalque mais boçal do Brasil, da UDN de 1952, que diz que 'pobre é pobre porque pobre é burro', que diz 'nisso que dá eleger um encanador e uma empregada doméstica para morar no Alvorada'", afirmou.

O historiador, que se define como simpatizando do PT e do governo -"Não acredite em cientista político neutro"-, diz que toda a "tribo dos decepcionados" com o governo, como ele, tem sua crônica pessoal da desilusão.

Alencastro narra: o seu mal-estar com o governo começou no discurso de presidente eleito, na avenida Paulista, quando Lula agradeceu os eleitores, o PT e Duda Mendonça. "Já é uma confusão que vem da origem, a idéia de que se pode fazer um contato com o povo por meio da televisão, que se pode entregar mãos e pés. Depois, caixa dois, paraíso fiscal, isso tudo é um pouco consequência."

Ele vê na eleição petista, que deu largada ontem, um amadurecimento da vivência política, porque, pela primeira vez, o país estaria acompanhando um debate de idéias interno de um partido -mesmo que a causa disso seja a crise gerada pelo fato de o PT estar no centro do escândalo do "mensalão". "Um partido desse tamanho não acaba de uma hora para outra", diz o historiador.

Alencastro vê uma cenário complicado para Lula em 2006 - pior do que o mostrado pelas pesquisas de opinião. Para ele, as sondagens não captam uma fragilidade que o presidente terá na busca da reeleição: a debandada de aliados e de candidatos fortes petistas nos Estados, responsáveis pela logística de campanha.

Ele concedeu entrevista à **Folha** na quinta, por telefone. Leia abaixo os principais trechos.



Folha - Qual a importância da eleição interna petista?

Luiz Felipe de Alencastro - Essa eleição é muito importante. Um partido desse tamanho não acaba de uma hora para outra. O que é interessante é que pela primeira vez no Brasil há um acompanhamento pela imprensa e pela opinião pública de uma discussão interna de um partido. Isso nunca houve dentro do PSDB, do PFL, nem se fala da UDN e do PTB. O que havia eram querelas de pessoas, não havia debate de idéias. Mesmo que isso esteja acontecendo pelas más razões, depois de o partido entrar numa crise grave, o PT se expor à opinião pública é um avanço na política do país.

Folha - Mesmo com as manobras de José Dirceu, a saída do Tarso, a divisão das esquerdas?

Alencastro - Eu pessoalmente lamento a retirada do Tarso Genro. Eu espero que haja uma recomposição mais adiante. Mas o fato de ele ter estado na segunda-feira no ato da refundação, do lado do Raul Pont, e estar havendo uma predominância desse PT do Rio Grande do Sul, que tem mais experiência -eles governaram um Estado importante, coisa que o PT de São Paulo nunca fez. E o PT de São Paulo dominava o partido. Um PT, que, como toda a política paulista, é dominado por querelas, e isso é um ponto que o

[cientista político] Wanderley Guilherme dos Santos apontou, uma certa desordem que nasce da política paulista, não porque São Paulo seja mais desordeiro que os outros Estados, mas porque é o Estado mais poderoso, com as situações mais extremadas.

Folha - Como avalia o peso dessa querela paulista na eleição do PT?

Alencastro - Isso já estava subjacente na eleição da Câmara. A questão de apoiar ou não a reeleição do João Paulo acabou desestabilizando tudo. Na última hora não houve acordo e o [deputado Luiz Eduardo] Greenhalgh foi chamado. É a querela interna paulista que está por trás da eleição do Severino. Mas acho que a presença do Rio Grande do Sul, a presença do Raul Pont e do Tarso na mesma mesa um bom agouro.

Folha - Nesse evento, Marilena Chaui falou do ódio ao PT e disse que o partido foi o principal motor da democracia no país. Concorda?

Alencastro - Essa frase é retórica política e não deve levar a maiores consequências. A única frase grave que houve na crise, e que passou meio batida, é a frase do [senador] Bornhausen [PFL]: "Nós agora vamos nos livrar dessa raça por muitos anos". A maneira de falar da esquerda como raça é um ranço profundo da UDN mais reacionária, de onde o Bornhausen vem, e é isso que está no horizonte de um fracasso do governo Lula e do PT. Não é um retorno da situação anterior, de uma presidência Tucana civilizada. É o retorno do recalque mais boçal do Brasil, da UDN de 1952, que diz que "pobre é pobre porque pobre é burro", que diz "nisso que dá eleger um encanador e uma empregada doméstica para morar no Alvorada". Essa é a frase grave.

Folha - Esse clima pode levar a uma onda conservadora?

Alencastro - Pode levar a uma onda reacionária. Não devemos ter medo das palavras. Reacionária é uma palavra que Joaquim Nabuco usava no abolicionismo, não é só uma palavra de marxista. Essa é uma onda reacionária de raiva de pobre, de raiva de trabalhador, que está no horizonte. Isso é uma coisa que me deixou muito chocado. O risco eleitoral é isso se polarizar em torno do [ex-governador] Garotinho, que é o populismo escrachado. A direita mais inteligente, os conservadores mais inteligentes não têm interesse em ver o PT desaparecer.

Texto Anterior: [Presidente não foi votar e procura dissociar sua imagem do partido](#)

Próximo Texto: ["Debandada vai tornar a campanha de Lula muito complicada"](#)

Índice

Copyright Empresa Folha da Manhã S/A. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da [Agência Folha](#).



FOLHA DE S. PAULO | ÍNDICE GERAL



São Paulo, segunda-feira, 19 de setembro de 2005 **FOLHA DE S. PAULO** **brasil**

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

"Debandada vai tornar a campanha de Lula muito complicada"

Folha - Esse clima também contamina as relações do cotidiano?

Alencastro Isso sempre existiu. Está aí em blogs agora... Isso existiu por causa de uma tensão social muito forte no Brasil que extravasa pelo lado da criminalidade, mas que é um fato que faz parte de uma aliança objetiva da classe média com os ricos com medo dos pobres. É um mecanismo que tinha no apartheid na África do Sul e que pode ter nesse proto-apartheid. Você tem medo do cara que está bem próximo e você vira para o outro lado, para quem está dando sarrafada neles. É insuportável. Outro dia me contaram que tem prédios em São Paulo de 20 andares com 40 seguranças. Só cego não vê que essa situação à médio prazo é inviável. A questão de fundo é que a falência do governo Lula pode ter como resultado o medo do pobre, do negro, a distância do empregado.

Folha - A eleição de Lula significava uma tentativa de conciliação?

Alencastro - Sim. Ele é o grande conciliador. A falência

disso é uma coisa grave para a sociedade brasileira. Cada um dos meus amigos, toda a tribo dos decepcionados com o PT e com o governo Lula tem um momento onde houve uma sensação de ruptura. Para uns foi a política econômica, para outros, a política social...

Folha - E para o senhor?

Alencastro - Uma coisa que me deixou com um mal-estar imediato foi no dia da eleição. Ele discursou na Paulista e agradeceu aos eleitores, ao PT e ao Duda Mendonça. Imediatamente agradeceu ao Duda. Uma coisa inédita em partidos de esquerda. Estarrecedor. Já é uma confusão que vem da origem, a idéia de que se pode fazer um contato com o povo por meio da televisão, que se pode entregar mãos e pés. Depois, caixa dois, paraíso fiscal, isso tudo é um pouco conseqüência. Tenho amigos do Rio Grande do Sul e de São Paulo que acharam esquisito no PT há dez anos ninguém pedia dinheiro para a campanha. A partir do momento que se parou de pedir dinheiro para a militância...

Folha - O sr. fala de ruptura, de falência. Qual tipo de projeto de esquerda é possível ou era possível?

Alencastro - Tinha que ter uma política social mais ampla, próximo às populações sem assistência. É uma coisa incrível: há lugares no Rio onde a presença do Estado não é mais permitida. Há massacres e chacinas e não se vê o presidente indo ver esses problemas de perto. Isso já não existia no governo FHC. Aqui na Europa, os primeiros-ministros no Natal vão para o hospital ficar perto dos menos favorecidos. Há coisas simbólicas, gestos discretos.

Folha - Qual as perspectivas de Lula em 2006?

Alencastro - A debandada dos aliados do PT nos Estados e dos candidatos fortes do PT vai tornar a campanha de Lula muito mais complicada. Essa é a principal vulnerabilidade do PT. Lula terá sempre um estoque de 30% dos votos, que é o estoque histórico dele. Isso o põe no 2º turno, num pleito em que haja o Garotinho. Nessa circunstância, Lula tende a ter um "handicap" grave, não só porque o PT está desmantelado, mas porque não tem candidatos fortes em nenhum Estado, talvez só em São Paulo. E isso torna a campanha muito cara e complicada. Quem arma palanque nos Estados, quem chama o eleitorado e fornece a logística da campanha são os candidatos locais.

Folha - E o PSDB?

Alencastro - Como disse antes, a complexidade da política paulista faz com as apostas em São Paulo sejam muito altas. Isso desestabiliza todo o sistema partidário brasileiro e também acontece do lado dos tucanos. São Paulo tem três candidatos tucanos à presidência.

Folha - O sr. inclui FHC?

Alencastro - Ih... Ah, sim. Conheço um pouco, o vi em vários lugares no Brasil. Não me enganei um dia. Evidente que ele não vai pôr a cara para bater, mas nessa situação de crise, só pensa nisso.

Folha - Como o governo tem enfrentado a crise?

Alencastro - O governo Lula já mostrou mais maturidade que seus inimigos lhe atribuem. Em dois momentos. Primeiro, apesar de ter havido um ensaio aqui e ali, não houve uma mobilização de tipo chavista para intimidar a imprensa e o Congresso. Não faltou gente que pensou nisso, que tentou montar, mas não foi adiante. Essa estratégia não está no horizonte. Foi desautorizada pelo presidente. O outro momento foi quando a oposição colocou a proposta de salário mínimo de R\$ 384. O governo poderia ter dito: "É assim? Então vamos a R\$ 450, arrebenta tudo". O governo corrigiu o tiro no dia seguinte, não praticou uma política de avacalhação orçamentária. Poderia ter tido um populismo orçamentário.

Texto Anterior: [Entrevista da 2ª - Luiz Felipe de Alencastro: Falência do governo Lula pode trazer uma "onda reacionária"](#)

Próximo Texto: [Toda mídia - Nelson de Sá: E o inspirador não votou](#)

[Índice](#)

ANEXO C – Entrevista retextualizada

ENTREVISTA DA 2ª

LUIZ FELIPE DE ALENCASTRO

Historiador teme o retorno do recalque udenista com seus preconceitos contra os pobres e os negros

Falência do governo Lula pode trazer uma "onda reacionária"

FLÁVIA MARREIRO

DA REPORTAGEM LOCAL

Após uma temporada de dois meses no Brasil em crise, Luiz Felipe de Alencastro, professor titular de história do Brasil da Universidade de Paris-Sorbonne, vê por aqui espaço para "uma onda reacionária", impulsionada pela falência do governo Lula e do PT.

5 Para Alencastro, a eleição do presidente metalúrgico representava uma tentativa de conciliação do país e o resultado negativo da experiência abre espaço para o que ele classifica de "recalque boçal", simbolizado na frase do senador pefelista Jorge Bornhausen (SC) sobre a "raça petista":

10 "É o retorno do recalque mais boçal do Brasil, da UDN de 1952, que diz que "pobre é pobre porque pobre é burro", que diz "nisso que dá eleger um encanador e uma empregada doméstica para morar no Alvorada", afirmou.

15 O historiador, que se define como simpatizando do PT e do governo -"Não acredite em cientista político neutro"-, diz que toda a "tribo dos decepcionados" com o governo, como ele, tem sua crônica pessoal da
desilusão.

20 Alencastro narra: o seu mal-estar com o governo começou no discurso de presidente eleito, na avenida Paulista, quando Lula agradeceu os eleitores, o PT e Duda Mendonça. "Já é uma confusão que vem da origem, a idéia de que se pode fazer um contato com o povo por meio da televisão, que se pode
entregar mãos e pés. Depois, caixa dois, paraíso fiscal, isso tudo é um pouco consequência."

Ele vê na eleição petista, que deu largada ontem, um amadurecimento da vivência política, porque, pela primeira vez, o país estaria acompanhando um debate de idéias interno de um partido -mesmo que a causa disso seja

25 crise gerada pelo fato de o PT estar no centro do escândalo do "mensalão". "Um partido desse tamanho não acaba de uma hora para outra", diz o historiador.

Alencastro vê uma cenário complicado para Lula em 2006 -pior do que o mostrado pelas pesquisas de opinião. Para ele, as sondagens não captam uma

30 fragilidade que o presidente terá na busca da reeleição: a debandada de aliados e de candidatos fortes petistas nos Estados, responsáveis pela logística de campanha.

Ele concedeu entrevista à **Folha** na quinta, por telefone. Leia abaixo os principais trechos.

‘Um partido não acaba de uma hora para outra’



35 **1)Folha - Qual a importância da eleição interna petista?**

Luiz Felipe de Alencastro - Essa eleição é muito importante. Um partido desse tamanho não acaba de uma hora para outra. O que é interessante é que pela primeira vez no Brasil há um acompanhamento pela imprensa e pela opinião pública de uma discussão interna de um partido. Isso nunca houve

40 dentro do PSDB, do PFL, nem se fala da UDN e do PTB. O que havia eram querelas de pessoas, não havia debate de idéias. Mesmo que isso esteja acontecendo pelas más razões, depois de o partido entrar numa crise grave, o PT se expor à opinião pública é um avanço na política do país.

2)Folha - Mesmo com as manobras de José Dirceu, a saída do Tarso, divisão das esquerdas?

45

Alencastro - Eu pessoalmente lamento a retirada do Tarso Genro. Eu espero que haja uma recomposição mais adiante. Mas o fato de ele ter estado na segunda-feira no ato da refundação, do lado do Raul Pont, e estar havendo uma predominância desse PT do Rio Grande do Sul, que tem mais experiência

50 -eles governaram um Estado importante, coisa que o PT de São Paulo nunca fez. E o PT de São Paulo dominava o partido. Um PT, que, como toda a política paulista, é dominado por querelas, e isso é um ponto que o [cientista político] Wanderley Guilherme dos Santos apontou, uma certa desordem que nasce da política paulista, não porque São Paulo seja mais desordeiro que os outros
55 Estados, mas porque é o Estado mais poderoso, com as situações mais extremadas.

3)Folha - Como avalia o peso dessa querela paulista na eleição do PT?

Alencastro - Isso já estava subjacente na eleição da Câmara. A questão de apoiar ou não a reeleição do João Paulo acabou desestabilizando tudo. Na
60 última hora não houve acordo e o [deputado Luiz Eduardo] Greenhalgh foi chamado. É a querela interna paulista que está por trás da eleição do Severino. Mas acho que a presença do Rio Grande do Sul, a presença do Raul Pont e do Tarso na mesma mesa um bom agouro.

4)Folha - Nesse evento, Marilena Chaui falou do ódio ao PT e disse que o partido foi o principal motor da democracia no país. Concorde?

65 **Alencastro** - Essa frase é retórica política e não deve levar a maiores consequências. A única frase grave que houve na crise, e que passou meio batida, é a frase do [senador] Bornhausen [PFL]: "Nós agora vamos nos livrar dessa raça por muitos anos". A maneira de falar da esquerda como raça é um
70 ranço profundo da UDN mais reacionária, de onde o Bornhausen vem, e é isso que está no horizonte de um fracasso do governo Lula e do PT. Não é um retorno da situação anterior, de uma presidência tucana civilizada. É o retorno do recalque mais boçal do Brasil, da UDN de 1952, que diz que "pobre é pobre porque pobre é burro", que diz "nisso que dá eleger um encanador e uma
75 empregada doméstica para morar no Alvorada". Essa é a frase grave.

5)Folha - Esse clima pode levar a uma onda conservadora?

Alencastro - Pode levar a uma onda reacionária. Não devemos ter medo das palavras. Reacionária é uma palavra que Joaquim Nabuco usava no abolicionismo, não é só uma palavra de marxista. Essa é uma onda reacionária

80 de raiva de pobre, de raiva de trabalhador, que está no horizonte. Isso é uma coisa que me deixou muito chocado. O risco eleitoral é isso se polarizar em torno do [ex-governador] Garotinho, que é o populismo escrachado. A direita mais inteligente, os conservadores mais inteligentes não têm interesse em ver o PT desaparecer.

85 **“Debandada vai tornar a campanha de Lula muito complicada”**

6)Folha - Esse clima também contamina as relações do cotidiano?

Alencastro Isso sempre existiu. Está aí em blogs agora... Isso existiu por causa de uma tensão social muito forte no Brasil que extravasa pelo lado da

90 criminalidade, mas que é um fato que faz parte de uma aliança objetiva da classe média com os ricos com medo dos pobres. É um mecanismo que tinha no apartheid na África do Sul e que pode ter nesse proto-apartheid. Você tem medo do cara que está bem próximo e você vira para o outro lado, para quem está dando sarrafada neles. É insuportável. Outro dia me contaram que tem

95 prédios em São Paulo de 20 andares com 40 seguranças. Só cego não vê que essa situação à médio prazo é inviável. A questão de fundo é que a falência do governo Lula pode ter como resultado o medo do pobre, do negro, a distância do empregado.

7)Folha - A eleição de Lula significava uma tentativa de conciliação?

100 **Alencastro** - Sim. Ele é o grande conciliador. A falência disso é uma coisa grave para a sociedade brasileira. Cada um dos meus amigos, toda a tribo dos decepcionados com o PT e com o governo Lula tem um momento onde houve uma sensação de ruptura. Para uns foi a política econômica, para outros, a política social...

105 **8)Folha - E para o senhor?**

Alencastro - Uma coisa que me deixou com um mal-estar imediato foi no dia da eleição. Ele discursou na Paulista e agradeceu aos eleitores, ao PT e ao Duda Mendonça. Imediatamente agradeceu ao Duda. Uma coisa inédita em partidos de esquerda. Estarrecedor. Já é uma confusão que vem da origem, a

110 idéia de que se pode fazer um contato com o povo por meio da televisão, que se pode entregar mãos e pés. Depois, caixa dois, paraíso fiscal, isso tudo é um pouco conseqüência. Tenho amigos do Rio Grande do Sul e de São Paulo que acharam esquisito no PT há dez anos ninguém pedia dinheiro para a campanha. A partir do momento que se parou de pedir dinheiro para a
115 militância...

9)Folha - O sr. fala de ruptura, de falência. Qual tipo de projeto de esquerda é possível ou era possível?

Alencastro - Tinha que ter uma política social mais ampla, próximo às populações sem assistência. É uma coisa incrível: há lugares no Rio onde a
120 presença do Estado não é mais permitida. Há massacres e chacinas e não se vê o presidente indo ver esses problemas de perto. Isso já não existia no governo FHC. Aqui na Europa, os primeiros-ministros no Natal vão para o hospital ficar perto dos menos favorecidos. Há coisas simbólicas, gestos discretos.

125 **10)Folha - Qual as perspectivas de Lula em 2006?**

Alencastro - A debandada dos aliados do PT nos Estados e dos candidatos fortes do PT vai tornar a campanha de Lula muito mais complicada. Essa é a principal vulnerabilidade do PT. Lula terá sempre um estoque de 30% dos votos, que é o estoque histórico dele. Isso o põe no 2º turno, num pleito em que
130 haja o Garotinho. Nessa circunstância, Lula tende a ter um "handicap" grave, não só porque o PT está desmantelado, mas porque não tem candidatos fortes em nenhum Estado, talvez só em São Paulo. E isso torna a campanha muito cara e complicada. Quem arma palanque nos Estados, quem chama o eleitorado e fornece a logística da campanha são os candidatos locais.

135 **11)Folha – E as perspectivas eleitorais do PSDB?**

Alencastro - Como disse antes, a complexidade da política paulista faz com as apostas em São Paulo sejam muito altas. Isso desestabiliza todo o sistema partidário brasileiro e também acontece do lado dos tucanos. São Paulo tem três candidatos tucanos à presidência.

140 **12)Folha - O sr. inclui FHC?**

Alencastro - Ih... Ah, sim. Conheço um pouco, o vi em vários lugares no Brasil. Não me enganei um dia. Evidente que ele não vai pôr a cara para bater, mas nessa situação de crise, só pensa nisso.

13)Folha - Como o governo tem enfrentado a crise?

145 **Alencastro** - O governo Lula já mostrou mais maturidade que seus inimigos lhe atribuem. Em dois momentos. Primeiro, apesar de ter havido um ensaio aqui e ali, não houve uma mobilização de tipo chavista para intimidar a imprensa e o Congresso. Não faltou gente que pensou nisso, que tentou montar, mas não foi adiante. Essa estratégia não está no horizonte. Foi desautorizada pelo
150 presidente. O outro momento foi quando a oposição colocou a proposta de salário mínimo de R\$ 384. O governo poderia ter dito: "É assim? Então vamos a R\$ 450, arrebenta tudo". O governo corrigiu o tiro no dia seguinte, não praticou uma política de avacalhação orçamentária. Poderia ter tido um populismo orçamentário. Esse tipo de picaretagem orçamentária já aconteceu
155 em véspera de eleição.

ANEXO D

ANEXO E: Quadros comparativos

Entrevista transcrita (Questão 4)	Entrevista retextualizada (Questão 1)
Anexo A Linhas (7-20) 4)Folha - Então, vamos lá, o senhor sabe que a gente aqui está um pouco focada com o que vai acontecer na eleição do PT, e na questão do.....lá no Congresso, realmente, a entrevista(?) vai ser um pouco sobre essas duas coisas. Na avaliação do senhor qual a importância dessa eleição interna? É, de fato, a prova dos nove ou o que tinha que acontecer com o partido já aconteceu e a eleição é depois do PT morto e acabado, sei lá? Qual a avaliação que o senhor faz do PT? Alencastro - Eu acho que essa eleição é muito importante e um partido desse tamanho não acaba assim de uma hora para outra. É um partido que tem uma grande militância, é um grande número de eleitores e o que é interessante é também que, pela primeira vez no Brasil há um	Anexo B Linhas (35-43) 1)Folha - Qual a importância da eleição interna petista? Alencastro - Essa eleição é muito importante. Um partido desse tamanho não acaba de uma hora para outra. O que é interessante é que pela primeira vez no Brasil há um acompanhamento pela imprensa e pela opinião pública de uma discussão interna de um partido. Isso nunca houve dentro do PSDB, do PFL, nem se fala da UDN e do PTB. O que havia eram querelas de pessoas, não havia debate de idéias. Mesmo que isso esteja acontecendo pelas más razões, depois de o partido entrar numa crise grave, o PT se expor à opinião pública é um avanço na política do país.

acompanhamento pela imprensa e pela opinião pública de uma discussão interna de um partido. Isso nunca aconteceu no Brasil. Nunca vi isso dentro do PSDB ou do PFL, nem se fala da UDN, do PTB, que eram querelas de pessoas, não havia debate de idéia. Então, isso mesmo se está acontecendo pelas más razões, depois de o partido entrar numa crise grave, o fato de o partido se expor à opinião pública numa eleição interna é um avanço na modernização da política brasileira

Entrevista transcrita (Questão 5)	Entrevista retextualizada (Questão 2)
Anexo A Linhas (21-39) 5) Folha - O senhor acha mesmo que o processo eleitoral já foi conturbado, já teve a saída do ex-ministro Tarso Genro, o senhor acha que tudo isso está acontecendo às claras e por isso é importante? <i>Alencastro</i> - Claro, eu acho importante eu, pessoalmente, lamento a saída do Tarso Genro, eu espero que haja uma recomposição mais adiante em que ele possa voltar, mas o fato de ele ter estado na segunda-feira no ato da refundação, do lado do Raul Pont, e estar havendo uma predominância desse PT do Rio Grande do Sul, que tem mais experiência, que queria lembrar, isso é um fato muito importante, eles governaram um Estado importante, coisa que o PT de São Paulo nunca teve e o PT de São Paulo que dominava o partido é um PT, que como toda a política paulista é dividido por querelas e isso é um ponto que o Vanderlei Guilherme apontou, não é? Uma certa	Anexo B Linhas (44-56) 2) Folha - Mesmo com as manobras de José Dirceu, a saída do Tarso, a divisão das esquerdas? <i>Alencastro</i> - Eu pessoalmente lamento a retirada do Tarso Genro. Eu espero que haja uma recomposição mais adiante. Mas o fato de ele ter estado na segunda-feira no ato da refundação, do lado do Raul Pont, e estar havendo uma predominância desse PT do Rio Grande do Sul, que tem mais experiência -eles governaram um Estado importante, coisa que o PT de São Paulo nunca fez. E o PT de São Paulo dominava o partido. Um PT, que, como toda a política paulista, é dominado por querelas, e isso é um ponto que o [cientista político] Wanderley Guilherme dos Santos apontou, uma certa desordem que nasce da política paulista, não porque São Paulo seja mais desordeiro que os outros Estados, mas porque é o Estado mais poderoso, com as situações mais extremadas.

desordem que nasce da política paulista, não porque São Paulo seja mais desordeiro que os outros estados, mas é porque é o Estado mais poderoso e com situações mais extremadas. É o estado que é uma grande potência industrial, uma grande potência agrícola, do agrobusiness, aqui tem muitos ricos e muitos pobres. O interior é forte, a capital também. Tudo isso tem uma complexidade na política paulista que o custo da campanha para governador aí é altíssimo, mais do que qualquer outro Estado. Isso então, as apostas aí em São Paulo dos candidatos são muito altas, pesadas, complexas e isso desestabiliza todo o sistema partidário político brasileiro. Acho também que isso acontece do lado dos tucanos – até aqui entre nós, eu estou escrevendo um artigo sobre isso que eu vou até propor para a <i>Folha</i> depois.	
---	--

Entrevista transcrita (Questão 11)	Entrevista retextualizada (Questão 3)
Anexo A	Anexo B

Linhas (79-89) 11) <i>Folha - Agora, professor, o senhor falou dessa questão de São Paulo. São Paulo mesmo no caso da eleição interna do PT São Paulo também é central, tendo uma disputa ligado à Marta, o grupo ligado a Mercadante, a questão das prévias eleitorais estarem bagunçando a eleição interna do PT, como é que o senhor vê isso?</i> Alencastro - Isso já tinha pesado até na eleição para a Câmara dos Deputados. Já estava subjacente aquela questão de apoiar ou não a reeleição do João Paulo, acabou desestabilizando, só foi na última hora que não houve acordo e que o Greenhalgh foi chamado no.....e é isso que está por trás da eleição do Severino. Essa querela.....paulista, que paralisou essa iniciativa do.....Agora, mas eu acho que a presença do Rio Grande do Sul e volto a afirmar a presença do Raul Pont e do Tarso na mesma mesa da refundação, eu acho uma coisa de bom agouro.	Linhas (57-63) 3) <i>Folha - Como avalia o peso dessa querela paulista na eleição do PT?</i> Alencastro - Isso já estava subjacente na eleição da Câmara. A questão de apoiar ou não a reeleição do João Paulo acabou desestabilizando tudo. Na última hora não houve acordo e o [deputado Luiz Eduardo] Greenhalgh foi chamado. É a querela interna paulista que está por trás da eleição do Severino. Mas acho que a presença do Rio Grande do Sul, a presença do Raul Pont e do Tarso na mesma mesa um bom agouro.
Entrevista transcrita (Questão 12)	Entrevista retextualizada (Questão 4)
Anexo A	Anexo B

Linhas (90-104) 12) Folha - Falando exatamente desse evento aqui dessa semana, eles estão, enfim, a Antônio.....ainda estava lá,.....a Marilena e falou da passagem que a gente publicou sobre que o PT era o principal motor da democracia. O senhor concorda com essa frase? Alencastro - Eu acho que essa frase é uma frase retórica política e ela não deve levar a maiores conseqüências. É uma frase que na esquerda é banal. Eu acho que a frase única e ela falou isso. Eu acho que a única frase grave que teve aí e que passou meio batida batida foi a frase do Bornhausen: nós agora vamos nos livrar dessa raça por muitos anos, não é? A maneira de falar da esquerda como raça; dessa gente como raça. Isso é um ranço profundo da UDN de onde o Bornhausen vem, da UDN mais reacionária e é isso que está no horizonte no fantasma do governo Lula e do PT. Não é simplesmente um retorno à situação anterior de uma preferência tucana civilizada. Não. É o retorno do recalque mais boçal do Brasil, da UDN de 1952, que diz que pobre é pobre porque pobre é burro. E é isso que dá eleger um encanador e	Linhas (64-75) 4) Folha - Nesse evento, Marilena Chaui falou do ódio ao PT e disse que o partido foi o principal motor da democracia no país. Concorda? Alencastro - Essa frase é retórica política e não deve levar a maiores conseqüências. A única frase grave que houve na crise, e que passou meio batida, é a frase do [senador] Bornhausen [PFL]: "Nós agora vamos nos livrar dessa raça por muitos anos". A maneira de falar da esquerda como raça é um ranço profundo da UDN mais reacionária, de onde o Bornhausen vem, e é isso que está no horizonte de um fracasso do governo Lula e do PT. Não é um retorno da situação anterior, de uma presidência tucana civilizada. É o retorno do recalque mais boçal do Brasil, da UDN de 1952, que diz que "pobre é pobre porque pobre é burro", que diz "nisso que dá eleger um encanador e uma empregada doméstica para morar no Alvorada". Essa é a frase grave.
--	--

uma empregada doméstica para morar no Alvorada. Então, essa é a frase trágica. Agora, querer encanar com a Marilena por causa dessa frase que é uma frase que dá para fazer até em torcida de futebol, eu acho que não tem gravidade nenhuma.	
---	--

Entrevista transcrita (Questões 13 e 14)	Entrevista retextualizada (Questão 5)
Anexo A	Anexo B
Linhas (105-11)	Linhas (76-84)
13) Folha - Entendi, o senhor, então,	5) Folha - Esse clima pode levar a uma

<i>teme ,por exemplo, até eleitoralmente, o senhor fala assim: do clima do país, essa direitização, essa onda conservadora ou...</i> <i>Alencastro - Onda reacionária, onda reacionária, a gente não deve ter medo das palavras, reacionária é uma palavra de Joaquim Nabuco usava no Abolicionismo, não é só uma palavra de marxista ou de leninista é uma palavra do vocabulário político mais legítimo.É uma coisa reacionária de raiva de pobre, de raiva de trabalhador que está no horizonte e isso é uma coisa que me deixou muito chocado. Eu viajei muito pelo Brasil aí uns dois meses e a gente sente isso</i>	<i>onda conservadora?</i> <i>Alencastro - Pode levar a uma onda reacionária. Não devemos ter medo das palavras. Reacionária é uma palavra que Joaquim Nabuco usava no abolicionismo, não é só uma palavra de marxista. Essa é uma onda reacionária de raiva de pobre, de raiva de trabalhador, que está no horizonte. Isso é uma coisa que me deixou muito chocado. O risco eleitoral é isso se polarizar em torno do [ex-governador] Garotinho, que é o populismo escrachado. A direita mais inteligente, os conservadores mais inteligentes não têm interesse em ver o PT desaparecer.</i>
Linhas (112-19) 14) <i>Folha – A minha pergunta é: esse clima o senhor acha que é uma coisa difusa ou que é também um risco eleitoral?</i> <i>Alencastro – O risco eleitoral disso é polarizar em torno do Garotinho, não é? Porque aí é o populismo escrachado com a coisa evangélica, que é uma coisa moralista e de clientilismo, aí sim para valer, clientilismo corporativo. Eu acho que</i>	

esse é um outro problema que surge no horizonte. Por isso essa coisa toda de ...Eu acho que a direita mais inteligente, os conservadores mais inteligentes também não têm interesse em ver desaparecer nem PT e nem Lula sair do horizonte não.	
---	--

Entrevista transcrita (Questões 15 e 55)	Entrevista retextualizada (Questão 6)
Anexo A Linhas (120-33) 15) <i>Folha- Agora, o senhor falou assim: esse clima que seé uma coisa</i>	Anexo B Linhas (87-98) 6) <i>Folha - Esse clima também</i>

<i>social, também? O senhor acha assim nos discursos cotidianos que, além de político, para o clima do país ruim?....., enfim, eu estou perguntando se é mais do que um problema político eleitoral, o senhor vê isso?</i> <i>Alencastro -</i> Eu acho que isso tem que existir um pouco, estar aí em blog e coisa a gente vê isso também, mas isso existiu por causa de uma tensão social sempre muito forte no Brasil, que extravasa pelo lado da criminalidade, mas que é um fato que faz parte de uma aliança objetiva da classe média com os ricos com medo dos pobres. É um mecanismo que tinha no apartheid da África do Sul e que pode ter nesse prot (?) apartheid. Você tem medo do cara que você está bem próximo e você se vira para o outro lado, para quem está mandando sarrafada neles. Então, controla por isso. É uma coisa insuportável. Outro dia estava uma pessoa me contando tem um prédio de São Paulo, de 20 andares, que tinha 40 seguranças, permanentemente 20 fora e 20 dentro, um por andar. Isso deve ser uma coisa inédita ter	<i>contamina as relações do cotidiano?</i> <i>Alencastro –</i> Isso sempre existiu. Está aí em blogs agora... Isso existiu por causa de uma tensão social muito forte no Brasil que extravasa pelo lado da criminalidade, mas que é um fato que faz parte de uma aliança objetiva da classe média com os ricos com medo dos pobres. É um mecanismo que tinha no apartheid na África do Sul e que pode ter nesse proto-apartheid. Você tem medo do cara que está bem próximo e você vira para o outro lado, para quem está dando sarrafada neles. É insuportável. Outro dia me contaram que tem prédios em São Paulo de 20 andares com 40 seguranças. Só cego não vê que essa situação à médio prazo é inviável. A questão de fundo é que a falência do governo Lula pode ter como resultado o medo do pobre, do negro, a distância do empregado.
--	--

quarteirões aí em São Paulo se você somar,.....de segurança no quarteirão deve dar 300,400 pessoas. Isso só cego que não vê que essa situação, a médio prazo é inviável. Linhas (445-50) 55) Folha – Entendo, professor, deixa eu.....alguma coisa agora que o senhor acha importante, interessante comentar, que... <i>Alencastro</i> – Eu acho que a questão de fundo e isso eu tenho um medo de falhar..... e esse resultado seja um retorno ao Brasil do próprio apartheid do reacionarismo brasileiro mais entranhado na classe média. Tem medo de pobre, medo de negro, medo de trabalhador, distância de empregado.	
--	--

Entrevista transcrita (Questões 56,30 e 31)	Entrevista retextualizada (Questão 7)
Anexo A Linhas (451-53) 56)Folha- Nesse sentido o governador, pelo menos a eleição do	Anexo B Linhas (99-104) <i>Folha</i> - A eleição de Lula significava uma tentativa de conciliação? <i>Alencastro</i> - Sim. Ele é o grande

<i>Lula.....conciliação?</i> <i>Alencastro - Ah, sim, ele é o grande conciliador. Ele éisso é uma coisa grave para a sociedade brasileira.</i> Linhas (268-80) 30) Folha - O senhor fala das associações (?) mais simbólicas , mas não corre o risco de ser confundida , aqui no Brasil com algo populista ou com medo do populismo há um recolhimento ou não? R.: Há uma maneira mais discreta de fazer isso. Essas coisas, evidentemente, você vai lá para açular o eleitor, não é por aí, mas há uma maneira discreta de fazer essas coisas, depois de acontecer e deixar saber depois que foi e coisas que não tenham esse show – off imediato. Vou dar um exemplo aqui quando a extrema direita aí numa manifestação empurrou um árabe na beira do, o cara se afogou. O Mitterrand foi lá, dois dias depois, onde o garoto tinha se afogado e jogou uma coroa de flores. Tinha uma câmera que filmou e aquilo só saiu algum tempo depois. Só tinha ele. Um gesto	conciliador. A falência disso é uma coisa grave para a sociedade brasileira. Cada um dos meus amigos, toda a tribo dos decepcionados com o PT e com o governo Lula tem um momento onde houve uma sensação de ruptura. Para uns foi a política econômica, para outros, a política social...
--	---

simbólico, não tinha ninguém é hora de dar vários gestos: eu sou presidente da República, isso é o fim do mundo e eu me solidarizo com essa vítima. Um tipo de coisa, eu, cada um dos meus amigos e de todas as tribos dos decepcionados com o que tem o governo Lula, tem um momento bom. Cada um diz o momento onde houve uma sensação de ruptura, não é? Linhas (281-85) 31) Folha- E qual foi a do senhor? <i>Folha Alencastro</i> - Uma foi a política econômica e a outra a política social, mas uma coisa que me deixou com mal-estar imediatamente, foi no dia da eleição. Já, quando veio o anúncio que ele tinha ganho a eleição. Ele foi falar, não sei se você se lembra, ele agradeceu os eleitores, DD (?), e ao Duda Mendonça, Lembra?	
--	--

Entrevista transcrita (Questões 31,32,33 e 34)	Entrevista retextualizada (Questão 8)
Anexo A Linhas (281-85) 31)Folha- E qual foi a do senhor?	Anexo B Linhas (105-15) 8) Folha - E para o senhor?

<i>Alencastro</i> - Uma foi a política econômica e a outra a política social, mas uma coisa que me deixou com mal-estar imediatamente, foi no dia da eleição. Já, quando veio o anúncio que ele tinha ganho a eleição. Ele foi falar, não sei se você se lembra, ele agradeceu os eleitores, DD (?), e ao Duda Mendonça, Lembra? Linhas (286-89) 32) Folha- No discurso da Paulista? <i>Alencastro</i> – É, imediatamente agradeceu ao Duda Mendonça. é uma coisa inédita da esquerda. Isso é coisa socialista. Então, minha avó inventou a bicicleta a vela, porque é uma coisa tão estarrecedora. Eu estava nos Estados Unidos vendo aqui a televisão, sozinho, eu fiquei chocado. Linhas (290-93) 33) Folha-O Senhor acha que é um pouco fora do.....do.....? <i>Alencastro</i> – Não, eu acho que já é uma confusão que tem na origem de achar que você pode fazer um	<i>Alencastro</i> - Uma coisa que me deixou com um mal-estar imediato foi no dia da eleição. Ele discursou na Paulista e agradeceu aos eleitores, ao PT e ao Duda Mendonça. Imediatamente agradeceu ao Duda. Uma coisa inédita em partidos de esquerda. Estarrecedor. Já é uma confusão que vem da origem, a idéia de que se pode fazer um contato com o povo por meio da televisão, que se pode entregar mãos e pés. Depois, caixa dois, paraíso fiscal, isso tudo é um pouco conseqüência. Tenho amigos do Rio Grande do Sul e de São Paulo que acharam esquisito no PT há dez anos ninguém pedia dinheiro para a campanha. A partir do momento que se parou de pedir dinheiro para a militância...
--	--

contato com o povo através da tela de televisão, através de uma publicidade bem feita. E isso vem de lá. Linhas (294-99) 34) Folha- Entendo. <i>Alencastro</i> – Entregar a mãos.....Depois o fato de vir pelo Caixa 2 de paraíso fiscal é um pouco consequência. Eu tenho amigos do Rio Grande do Sul e de São Paulo que acharam esquisito, por exemplo, o PT faz dez anos que ninguém me pedia dinheiro para a campanha, entendeu? A partir do momento que o PT parou de pedir dinheiro para a militância houve um problema já que se colocou: o que está havendo aí?	
--	--

Entrevista transcrita (Questões 27,28,29 e 30)	Entrevista retextualizada (Questão 9)
Anexo A Linhas (243-50) 27) Folha- A minha primeira pergunta é essa coisa do espaço para a política de	Anexo B Linhas (116-24) 9) Folha - O sr. fala de ruptura, de falência. Qual tipo de projeto de

esquerda. Então, para além de um projeto de esquerda, por exemplo, quemuita gente e o queo.....proporia. Eu queria ouvi-lo sobre isso, assim..

Alencastro – Ah, bom, eu acho que **tinha que ter uma política social mais ampla**,é muito importante, mas tem que ter uma política muito mais ampla e de**junto às populações mais desassistidas**, porque você vê que é uma coisa incrível que o presidente Lula e a mulher dele, que no dia da eleição, o Lula fez aquela coisa de levar todos os ministros para uma cidade pobre, lembra?

Linhas (251-52)

28) Folha- Lembro, lembro.

Alencastro –Atravessando o rio da Amazônia e tal...

Linhas (253-67)

29) Folha-A caravana da miséria assim.

Alencastro – É, aquele troço, nunca eles deram uma descida foram para as favelas e **há lugares no Rio, onde a presença do Estado brasileiro não é**

esquerda é possível ou era possível?

Alencastro - Tinha que ter uma política social mais ampla, próximo às populações sem assistência. É uma coisa incrível: há lugares no Rio onde a presença do Estado não é mais permitida. Há massacres e chacinas e não se vê o presidente indo ver esses problemas de perto. Isso já não existia no governo FHC. Aqui na Europa, os primeiros-ministros no Natal vão para o hospital ficar perto dos menos favorecidos. Há coisas simbólicas, gestos discretos.

mais admitida. Outro dia tinha um noticiário aí de que a polícia não queria ir buscar um carro roubado numa favela do Rio que era muito perigosa, por que é completamente fora da lei. **Há massacres, há chacinas, há deficiências de hospitais e tudo e não há condição de você ver um presidente como esse, vivendo por dentro esses problemas** de....., por ter vivido, não via...**Já existia no governo Fernando Henrique Cardoso,** a gente pensava que fosse não ter isso por causa de uma aproximação intelectual do problema. O casal era de universitários e dona Ruth era..... e socióloga e continua essa distância. Isso é uma coisa grotesca, não existe **na Europa. Aqui no Natal os primeiros-ministros vão para os hospitais, vão ficar do lado dos mais desfavorecidos.** As coisas simbólicas que foram feitas na Inglaterra, na.....já escreve.....vítimas.....e scabrosos. E essa coisa existe uma política de...Agora, evidentemente, um dentista mais atilado.....poderia responder que isso seria coisa.....muitas dessas coisas, mas já há uma ausência de política social que, de qualquer maneira, ia ter dado.....

Linhas (268-80)

30) *Folha- O senhor fala das associações (?) mais simbólicas, mas não corre o risco de ser confundida, aqui no Brasil com algo populista ou com medo do populismo há um recolhimento ou não?*

Alencastro –Há uma maneira mais discreta de fazer isso.Essas coisas, evidentemente, você vai lá para açular o eleitor, não é por aí, mas há uma maneira discreta de fazer essas coisas, depois de acontecer e deixar saber depois que foi e coisas que não tenham esse show-off imediato. Vou dar um exemplo aqui quando a extrema direita aí numa manifestação empurrou um árabe n abeira do, o cara se afogou. O Mitterrand foi lá, dois dias depois, onde o garoto tinha se afogado e jogou uma coroa de flores. Tinha uma câmara que filmou e aquilo só saiu algum tempo depois. Só tinha ele. Um gesto simbólico, não tinha ninguém é hora de dar vários gestos: eu sou presidente da República, isso é o fim do mundo e eu me solidarizo com essa vítima. Um tipo de coisa, eu, cada um dos meus amigos e de toda as tribos dos decepcionados com o que tem o

governo Lula, tem um momento bom. Cada um diz o momento onde houve uma sensação de ruptura, não é?	
--	--

Entrevista transcrita (Questões 10 e 09)	Entrevista retextualizada (Questão 10)
Anexo A Linhas (76-08) 10) Folha- Entendo. <i>Alencastro-</i> Então, a debandada dos aliados do PT e de candidato forte do lado do PT é um problema que vai	Anexo B Linhas (125-34) 10) Folha - Qual as perspectivas de Lula em 2006? <i>Alencastro -</i> A debandada dos aliados do PT nos Estados e dos candidatos

tornar a campanha dele muito mais complicada do que tem sido até agora. Linhas (60-75) 09) Folha- Mato Grosso do sul? <i>Alencastro</i> –Mato Grosso do Sul, quer dizer, isso não dá refresco para ele ser eleito nessas circunstâncias. Então, você não precisa ter governador, mas é importante que seu partido tenha bases fortes nesses estados não é? E tenha experiência de governá-los mental(?) e o Fernando Henrique tinha sido ministro da Fazenda antes, é outra coisa e isso... O fato é que – você estava falando da eleição do ano que vem, mesmo que não tenha condição favorável, ele terá sempre um estoque aí de 30% dos votos, que é o estoque histórico dele e isso o põe no segundo turno, num pleito onde haja o Garotinho também, não é? Como o Garotinho vai ser candidato é evidente que vai haver três candidatos, portanto mais de 20% dos votos e aí vai ter segundo turno. Nessa circunstância o Lula vai ter um handicap grave não só porque o PT está desmantelado, mas porque ele não tenha candidato	fortes do PT vai tornar a campanha de Lula muito mais complicada. Essa é a principal vulnerabilidade do PT. Lula terá sempre um estoque de 30% dos votos, que é o estoque histórico dele. Isso o põe no 2º turno, num pleito em que haja o Garotinho. Nessa circunstância, Lula tende a ter um "handicap" grave, não só porque o PT está desmantelado, mas porque não tem candidatos fortes em nenhum Estado, talvez só em São Paulo. E isso torna a campanha muito cara e complicada. Quem arma palanque nos Estados, quem chama o eleitorado e fornece a logística da campanha são os candidatos locais.
--	---

forte, talvez só tenha em São Paulo em nenhum Estado. E isso torna a campanha muito complicada e muito cara, porque quem arma palanque nos estados, quem chama o eleitorado e quem fornece a logística da campanha são os candidatos locais.	
---	--

Entrevista transcrita (Questões 05 e 50)	Entrevista retextualizada (Questão 11)
Anexo A Linhas (21-39) <i>Folha - O senhor acha mesmo que o processo eleitoral já foi conturbado, já teve a saída do ex-ministro Tarso Genro, o senhor acha que tudo isso está acontecendo às claras e por isso é importante?</i> <i>Alencastro - Claro, eu acho importante</i>	Anexo B Linhas (135-39) <i>Folha – E as perspectivas eleitorais do PSDB?</i> <i>Alencastro - Como disse antes, a complexidade da política paulista faz com as apostas em São Paulo sejam</i>

eu, pessoalmente, lamento a saída do Tarso Genro, eu espero que haja uma recomposição mais adiante em que ele possa voltar, mas o fato de ele ter estado na segunda-feira no ato da refundação, do lado do Raul Pont, e estar havendo uma predominância desse PT do Rio Grande do Sul, que tem mais experiência , que queria lembrar, isso é um fato muito importante, eles governaram um Estado importante, coisa que o PT de São Paulo nunca teve e o PT de São Paulo que dominava o partido é um PT, que como toda a política paulista é dividido por querelas e isso é um ponto que o Vanderlei Guilherme apontou , não é? Uma certa desordem que nasce da política paulista, não porque São Paulo seja mais desordeiro que os outros estados, mas é porque é o Estado mais poderoso e com situações mais extremadas. È o estado que é uma grande potência industrial, uma grande potência agrícola, do agrobusiness, aqui tem muitos ricos e muitos pobres. O interior é forte, a capital também. Tudo isso tem uma complexidade na política paulista que o custo da campanha para governador aí é altíssimo, mais do que qualquer outro Estado. Isso então, as apostas aí em	muito altas. Isso desestabiliza todo o sistema partidário brasileiro e também acontece do lado dos tucanos. São Paulo tem três candidatos tucanos à presidência.
--	---

São Paulo dos candidatos são muito altas, pesadas, complexas e isso desestabiliza todo o sistema partidário político brasileiro. Acho também que isso acontece do lado dos tucanos – até aqui entre nós, eu estou escrevendo um artigo sobre isso que eu vou até propor para a <i>Folha</i> depois. Linhas (422-25) 50) Folha- <i>Ah, os partidos se entendem?</i> <i>Alencastro-</i> Os partidos se entendem e eu espero que o PT também, como já está dando para ver agora. Está havendo um embate aí subterrâneo e São Paulo tem três candidatos do PSDB à Presidência.	
Entrevista transcrita (Questões 51 e 52)	Entrevista retextualizada (Questão 12)
Anexo A Linhas (426-27) 51) Folha – O senhor coloca oa presidente também? <i>Alencastro – Ah, sim.</i> Linhas (428-33) 52) Folha – Ih <i>Alencastro – Eu conheço um</i>	Anexo B Linhas (140-43) <i>Folha - O sr. inclui FHC?</i> <i>Alencastro - Ih... Ah, sim. Conheço um pouco, o vi em vários lugares no Brasil. Não me enganei um dia. Evidente que ele não vai pôr a cara para bater, mas nessa situação de crise, só pensa nisso.</i>

pouco.....Não me enganei nem um desde o primeiro dia. Evidentemente, que ele não vai pôr a cara para bater..... Quando você vê, em 89 os sete primeiro candidatos à presidência, cinco vinham de São Paulo. Isso ocorre o tempo todo. É um Estado onde é difícil haver uma hegemonia num certo partido, num certo grupo, num campo ou no outro. No.....aparece sempre candidato de todo lado.	
---	--

Entrevista transcrita (Questões 16 e 19)	Entrevista retextualizada (Questão 13)
Anexo A Linhas (134-41) 16) Folha – Em que medida o senhor acha que esse clima de crise pode contribuir para a exacerbação desse elemento(?), que o senhor fala? Ou.....uma coisa da outra? Alencastro – Eu acho que num certo sentido, as duas coisas, o governo do Lula já teve dois momentos que mostrou mais maturidade do que os	Anexo B Linhas (144-54) 13) Folha - Como o governo tem enfrentado a crise? Alencastro - O governo Lula já mostrou mais maturidade que seus inimigos lhe atribuem. Em dois momentos. Primeiro, apesar de ter havido um ensaio aqui e ali, não houve uma mobilização de tipo chavista para intimidar a imprensa e o Congresso.

seus inimigos atribuem porque: primeiro, apesar de haver ensaio aqui e ali, houve uma mobilização de tipo chavista para tentar intimidar o Congresso e a Imprensa, não é? Não faltou gente que pensou nisso ou tentou montar, mas não foi adiante. E essa estratégia não está no horizonte, isso foi desautorizado pelo presidente, foi desautorizado por Marco Aurélio Garcia, por Dilma, pelo ministro da Justiça, imediatamente. Linhas (150-62) 19) Folha – Esse é um momento e o outro que o senhor falou? Alencastro – O outro momento foi quando a oposição e os nomes que estão lá das pessoas todas, é só ver, os tucanos, mais os Bornhausen, mais a Luiza Helena, o PSOL, votaram a proposta do Antonio Carlos Magalhães, salário mínimo a R\$ 380. O governo ali poderia ter dito: ah, é assim? Então, nós vamos passar para R\$ 450 arrebenta tudo. Inclusive, porque foi apresentado do jeito de deboche, o senador Antonio Carlos Magalhães veio dizer que os fundos, quando lhe perguntaram na Globonews de onde que ia sair o fundo de orçamento para	Não faltou gente que pensou nisso, que tentou montar, mas não foi adiante. Essa estratégia não está no horizonte. Foi desautorizada pelo presidente. O outro momento foi quando a oposição colocou a proposta de salário mínimo de R\$ 384. O governo poderia ter dito: "É assim? Então vamos a R\$ 450, arrebenta tudo". O governo corrigiu o tiro no dia seguinte, não praticou uma política de avacalhação orçamentária. Poderia ter tido um populismo orçamentário. Esse tipo de picaretagem orçamentária já aconteceu em véspera de eleição.
--	--

pagar esse aumento. Ele disse: o Marcos Valério sabe, quer dizer, deboche total e o governo corrigiu o tiro no dia seguinte e não praticou uma política de avacalhação orçamentária já que era tudo isso, que estava sendo proposto. Então, eu acho que esses momentos são momentos que poderia ter havido um populismo orçamentário, dava uma baixada na taxa de juros agora de 3%, enfim, as possibilidades são muitas. Isso já aconteceu no Brasil em véspera de eleição, muitas vezes, esse tipo de picaretagem orçamentária. Não é o que está acontecendo.	
--	--